



Universidade Federal
de São João del-Rei

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI – UFSJ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

Hugo Faccion Guimarães

**ENSINO DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: A
PRECARIZAÇÃO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS DURANTE A PANDEMIA – UM
ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O PET (REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO-
MG) E TRILHAS DE APRENDIZAGEM (REDE MUNICIPAL DE SP)**

SÃO JOÃO DEL-REI

JULHO/2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI – UFSJ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

Hugo Faccion Guimarães

**ENSINO DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: A
PRECARIZAÇÃO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS DURANTE A PANDEMIA – UM
ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O PET (REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO-
MG) E TRILHAS DE APRENDIZAGEM (REDE MUNICIPAL DE SP)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Euclides de Freitas Couto

Linha de Pesquisa: Poder e Relações Sociais

SÃO JOÃO DEL-REI

JULHO/2022

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB) e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

G963e

Guimarães, Hugo Faccion. Ensino de história em tempos de pandemia : A precarização dos materiais didáticos durante a pandemia - um estudo comparativo entre o pet (rede estadual de educação-mg) e trilhas de aprendizagem (rede municipal de sp) / Hugo Faccion Guimarães ; orientador Euclides de Freitas Couto. -- São João del-Rei, 2022. 134 p.

Dissertação (Mestrado - História) -- Universidade Federal de São João del-Rei, 2022.

1. Pandemia. 2. Ensino de história. 3. Plano de estudo tutorado. 4. Trilhas de aprendizagem. 5. Material Didatico. I. Couto, Euclides de Freitas, orient. II. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

OUTROS Nº 1115 / 2022 - PGHIS (13.19)

Nº do Protocolo: 23122.020653/2022-48

São João del-Rei-MG, 26 de maio de 2022.

Este exemplar da dissertação "ENSINO DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: A PRECARIZAÇÃO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS DURANTE A PANDEMIA - UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE O PET (REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO-MG E TRILHAS DE APRENDIZAGEM (REDE MUNICIPAL DE SP)", Hugo Faccion Guimarães, corresponde à redação final aprovada pela banca examinadora em 25 de maio 2022, composta pelos professores doutores Euclides de Freitas Couto (UFSJ), orientador, Olavo Pereira Soares (UNIFAL), examinador externo e Cássia Rita Louro Palha (UFSJ), examinadora interna.

(Assinado digitalmente em 26/05/2022 20:02)
CASSIA RITA LOURO PALHA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DECIS (12.13)
Matricula: 1297563

(Assinado digitalmente em 26/05/2022 17:41)
EUCLIDES DE FREITAS COUTO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DECIS (12.13)
Matricula: 1920037

(Assinado digitalmente em 26/05/2022 10:48)
OLAVO PEREIRA SOARES
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 040.509.818-90

Para verificar a autenticidade deste documento entre em
<https://sipac.ufsj.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **1115**, ano:
2022, tipo: **OUTROS**, data de emissão: **26/05/2022** e o código de verificação: **206509909d**

AGRADECIMENTOS

É estranhamente satisfatório chegar ao momento dos agradecimentos, parte por estar no final de uma etapa, parte por ter vivido um processo que me transformou como pessoa. Pensei em dizer como foi o caminho até aqui, mas pensando bem, prefiro agradecer pela oportunidade de conviver com pessoas espetaculares em suas especificidades.

Gostaria de começar agradecendo ao meu professor e orientador, Dr. Euclides de Freitas Couto. Uma pessoa grandiosa, com uma capacidade de argumentar e refletir diversos assuntos, enriquecendo o processo de produção da dissertação. Mas acima de qualquer coisa, sua capacidade de acreditar no potencial dos estudantes e no trato respeitoso de suas ideias, não seria possível o desenvolvimento dessa dissertação sem sua grande contribuição.

Tenho que agradecer minha esposa Paula Gabriela Silva, uma das melhores coisas que aconteceram em minha vida. Nunca pensei em encontrar e amar alguém tão rapidamente, ela é a força que me faz querer ser melhor todos os dias, ela me faz entender o sentido de amar. Uma vida sem amor, é uma vida que não vale a pena viver. Te amo.

Falando em amor, não menos importante, tenho que agradecer minha mãe, Alexandra Marly Faccion Silva, meu pai, Osnir Ricardo Silva, minhas irmãs, Amábile Faccion e Jaíne Faccion, pessoas que participaram de grande parte da minha jornada como pessoa. Essas são as pessoas que moldaram parte do meu caráter, são as pessoas que nunca me deixarão pelo caminho. Obrigado mãe, pelas lutas, pela dedicação e pela rigidez de seus ensinamentos, pois a vida é dura e é importante aguentar firme. Obrigado pai pela humildade no trato, devemos ser humildes em atender o próximo. Obrigado minhas irmãs por alegrarem sempre minha vida, pela confidencialidade das conversas e pela minha sobrinha Maria.

Agradeço a professora Cassia Rita Louro Palha, pelas aulas durante minha graduação, pelos elogios durante a qualificação e sugestões. Agradeço ao professor Olavo Pereira Soares pelas sugestões durante a qualificação, sugestões que modificaram diretamente o processo de preparação para defesa. São pessoas como a professora Cassia e o professor Olavo que engrandecem nossa caminhada acadêmica.

Agradeço todos aqueles que de alguma forma me ajudaram nessa caminhada, seria injusto de minha parte citar mais alguém e deixar tantos outros de lado. Todos vocês têm meu carinho, obrigado.

Não tenha pena dos mortos, tenha pena dos vivos,
e acima de tudo, daqueles que vivem sem amor...

Alvo Dumbledore

RESUMO:

Em decorrência da pandemia causada pelo SARS-COV-2, uma das mais avassaladoras da história da humanidade, o ano de 2020 se tornou um dos mais emblemáticos dos últimos séculos. Mudanças radicais no modo de vida e nas interações sociais impostas pela pandemia alteraram substancialmente as relações humanas em suas mais diferentes dimensões. No campo da educação escolar, em diversas partes do globo, o ensino remoto foi a saída encontrada para que crianças, adolescentes e adultos pudessem dar continuidade aos seus estudos. No ensino público do estado de Minas Gerais, foi criado o Plano de Estudos Tutorados (PET) com o objetivo de que os alunos pudessem acompanhar, de forma remota, as atividades escolares. A Rede Municipal de Ensino da cidade de São Paulo também acompanhou as demandas decorrentes da pandemia e criou o Programa Trilhas de Aprendizagem, material didático utilizado pelos estudantes no período remoto. O estudo busca analisar o contexto de produção desses materiais, desde o processo de distanciamento social imposto pela pandemia causada pelo SARS-COV-2 e suas consequências, passando pelo recurso imagético utilizado nos materiais, até a abordagem simplificada dos conteúdos, fato que sinaliza para a precarização do processo de ensino e de aprendizagem. A pesquisa utiliza como parâmetro de análise a comunicação visual e o nível de simplificação de conteúdo, aplicando de forma comparativa as ferramentas de análise nos materiais selecionados. As ferramentas de análise permitiram demonstrar, nas propostas de ambos materiais, suas dificuldades, acertos e fragilidades. A predominância de abordagens com conteúdo simplificado, a baixa capacidade de comunicação visual, repetição e memorização em demasia, são constantes na análise efetuada, revelando como está o processo de ensino e aprendizagem durante a pandemia.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia, Ensino de História, Programa de Estudos Tutorados SEE/MG, Programa Trilhas de Aprendizagem.

ABSTRACT:

Due to the SARS-COV-2 pandemic, one of the most devastating in the history of mankind, 2020 became one of the most emblematic years in the last centuries. Radical changes in lifestyle and social interactions have substantially reshaped human relations in its various dimensions. In the matter of education, distance learning was the expedient used all over the world to allow children, adolescents and adults to carry on with their studies. Public schools in the Brazilian state of Minas Gerais have launched a distant learning program called *Programa de Estudos Tutorados* (PET) so that students could go on with their school activities. In the city of São Paulo, public schools have responded to the pandemic with the program *Programa Trilhas de Aprendizagem*, a series of teaching materials the students have used for distance learning. This thesis analyses the production contexts of both teaching materials, taking into account the pandemic-imposed social distancing and its consequences, the visual aids used in the materials, and the simplified treatment given to study topics, which points to a deterioration of pedagogical institutions and processes. The study uses as measurement criteria the visual communication and the degree of simplification imposed on study topics, and compares the analysis results of both programs. Results have shown the respective accomplishments, difficulties and fragilities of these two teaching materials. The prevalence of simplified approaches to study topics, the low capacity of visual communication, and the insistence on repetition and memorization appear frequently in the analysis results and provide insights into the pedagogical work during the pandemic.

KEYWORDS: Pandemic, History Teaching, *Programa de Estudos Tutorados SEE/MG*, *Programa Trilhas de Aprendizagem*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Índice de Conservadorismo no Brasil entre 2010 – 2018	38
Figura 2 - Grau de Conservadorismo entre 2010 – 2018	39
Figura 3 - Cabeçalho PET (História)	44
Figura 4 - Orientações PET	46
Figura 5 - Carta aos estudantes (Trilhas de Aprendizagem)	47
Figura 6 - Orientações COVID (Trilhas de Aprendizagem)	48
Figura 7 - Carta as famílias (Trilhas de Aprendizagem)	49
Figura 8 - Orientação Ensino Fundamental (Trilhas de Aprendizagem)	50
Figura 9 - Dicas para Atividades (Trilhas de Aprendizagem)	51
Figura 10 - Cabeçalho Semana 1 (PET)	53
Figura 11 - Atividades Semana 1 (PET)	54
Figura 12 - Cabeçalho Semana 2 (PET)	57
Figura 13 - Conceitos Semana 2 (PET)	58
Figura 14 - Atividades Semana 2 (PET)	59
Figura 15 - Atividade 1 Semana 2 (PET)	60
Figura 16 - Atividade 2 Semana 2 (PET)	61
Figura 17 - Atividade 2 Semana 2 (PET)	61
Figura 18 - Atividade 2 Semana 2 (PET)	62
Figura 19 - Atividade 2 Semana 2 (PET)	63
Figura 20 - Atividade 7 (Trilhas de Aprendizagem)	64
Figura 21 - Atividade 7 (Trilhas de Aprendizagem)	64
Figura 22 - Cabeçalho Semana 3 (PET)	67
Figura 23 - Atividade 1 Semana 3 (PET)	67
Figura 24 - Atividade 1 Semana 3 (PET)	68
Figura 25 - Atividade 2 Semana 3 (PET)	69
Figura 26 - Atividade 5 (Trilhas de Aprendizagem)	70
Figura 27 - Atividade 5 (Trilhas de Aprendizagem)	71
Figura 28 - Cabeçalho Semana 4 (PET)	72
Figura 29 - Tema da semana 4 (PET)	74
Figura 30 - Imagens dos vídeos Raízes do Brasil #1 e #3	75
Figura 31 - Atividade 1 e 2 Semana 4 (PET)	76

Figura 32 - Atividade 2 Semana 4 (PET)	78
Figura 33 - Atividade 1 (Trilhas de Aprendizagem)	79
Figura 34 - Atividade 2 (Trilhas de Aprendizagem)	80
Figura 35 - Atividade 3 (Trilhas de Aprendizagem)	81
Figura 36 - Atividade 3 (Trilhas de Aprendizagem)	82
Figura 37 - Atividade 4 (Trilhas de Aprendizagem)	83
Figura 38 - Atividade 4 (Trilhas de Aprendizagem)	83
Figura 39 - Atividade 6 (Trilhas de Aprendizagem)	85
Figura 40 - Atividade 6 (Trilhas de Aprendizagem)	86

LISTA DE SIGLAS

SARS-COV-2 SEVERE ACUTE RESPIRATORY SYNDROME CORONAVIRUS 2

COVID-19 - CORONAVIRUS DISEASE 2019

TDIC - TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

SEE - SECRETARIA DE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

PET - PLANO DE ESTUDO TUTORADO

TA - TRILHAS DE APRENDIZAGEM

CBC - CONTEÚDO BÁSICO COMUM

CRMG - CURRÍCULO REFERÊNCIA DE MINAS GERAIS

COPEd - COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

DRE - DIVISÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO

PNLD - PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO E DO MATERIAL DIDÁTICO

MEC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

FNDE - FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

FUNDEB - FUNDO DE MANUTENÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA
EDUCAÇÃO BÁSICA E DE VALORIZAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA
EDUCAÇÃO

FEPEMG - FÓRUM ESTADUAL PERMANENTE DE EDUCAÇÃO DE MINAS
GERAIS

IBOPE - INSTITUTO BRASILEIRO DE OPINIÃO PÚBLICA E ESTATÍSTICA

PCNEF - PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO
FUNDAMENTAL

PDE - PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. PERCURSO METODOLÓGICO	18
2. IDEOLOGIA, POLÍTICA E MATERIAL DIDÁTICO	23
2.1 A EXCLUSÃO DIGITAL E A PRECARIZAÇÃO DO ENSINO	28
2.2 O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA: PERCURSOS E IDEOLOGIA	32
3. ASPECTOS TEXTUAIS E IMAGÉTICOS: ANÁLISE INTRODUTÓRIA DOS MATERIAIS	40
3.1 SEMANA 1 (PET) E TRILHAS DE APRENDIZAGEM	52
3.2 SEMANA 2 (PET) E TRILHAS DE APRENDIZAGEM	56
3.3 SEMANA 3 (PET) E TRILHAS DE APRENDIZAGEM	66
3.4 SEMANA 4 (PET) E TRILHAS DE APRENDIZAGEM	72
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
5. REFERÊNCIAS	90
6. APÊNDICE	99

INTRODUÇÃO

A Educação Escolar sempre se mostrou um desafio para todos que vislumbram uma sociedade mais igualitária. O ano de 2020 tornou esse desafio ainda maior, com a deflagração da pandemia de SARS-COV-2 (COVID-19) a rotina vivenciada por todas sociedades teve de ser modificada, inclusive no Brasil. Parte dessa mudança culminou no fechamento das escolas no país e na abrupta mudança no sistema de ensino público e privado.

O novo coronavírus torna a escola um dos espaços mais temidos pelo risco da transmissão, pois a sua multiplicidade e heterogeneidade cria vínculos entre aqueles que são menos propensos aos sintomas graves da doença (jovens) a todos os demais que podem ser até mortalmente propensos. Crianças e jovens entram em contato diário com adultos de diferentes grupos familiares: professores, profissionais da educação, pais e mães, avós e avôs, parentes de maneira geral. (ARRUDA, 2020, p. 259)

Com a força impositiva do vírus, todos teriam de se reinventar e a Educação Escolar não ficaria de fora. Porém essa reinvenção cobraria o seu preço e como vivemos em um país muito desigual alguns pagariam um preço alto demais. Essa situação inédita vivida a partir do ano de 2020, trouxe em seu bojo o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) no processo de ensino e aprendizagem.

fazer uso das tecnologias na educação básica se constitui como uma situação na qual requer maior atenção, uma vez que as instituições não estão preparadas para lidar diante deste contexto. É preciso as escolas se adaptarem e desenvolver estratégias didáticas que possam proporcionar o ensino e a aprendizagem de forma igualitária. (SILVA; NETO; SANTOS, 2020, p. 39)

A Rede Estadual de Ensino do Estado de Minas Gerais, no qual nos encontramos e que será parte do objeto de análise, produziu apostilas para estudo remoto também chamadas de PET (Plano de Estudo Tutorado). O site da SEE/MG (Secretaria Estadual de Educação) aborda em seus tópicos o que são os PETS, o programa Se Liga na Educação e o aplicativo Conexão Escola (partes do mesmo pacote de ensino remoto):

Os **Planos de Estudos Tutorados** são apostilas para que os alunos e os professores trabalhem os conteúdos curriculares ao longo do período de isolamento social. Veja o que estudar e utilize seu livro didático. Não deixe de fazer as atividades. E, sempre que possível, mantenha contato com seu professor.

Desde o dia 18 de maio, o programa **Se Liga na Educação** é transmitido, pela Rede Minas, para os alunos da rede estadual. As teleaulas são exibidas das 7h30 às 12h30, sendo que, de 11h15 até 12h30, os professores estão ao vivo no programa para esclarecer dúvidas dos alunos.

No **aplicativo Conexão Escola** você tem acesso às teleaulas do Programa Se Liga na Educação exibido na Rede Minas, aos slides apresentados nessas aulas e aos Planos de Estudos Tutorados. Além disso, no Conexão Escola é possível entrar em contato com o seu professor por meio de um chat de conversas. Nele você poderá interagir e esclarecer suas dúvidas sobre os conteúdos. (SEE/MG, 2020, s/p)

O site apresenta um projeto chamado **Vamos Aprender**, que consiste em:

A partir desta segunda-feira 03/08/2020, professores da rede estadual contarão com material complementar que pretende auxiliar no trabalho com os estudantes durante o Regime de Estudo não Presencial, implementado pela Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG) durante à pandemia da Covid-19. São conteúdos pedagógicos que foram disponibilizados por meio de uma parceria entre a SEE/MG com o projeto Vamos Aprender, que foi desenvolvido pela União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e o Conselho Nacional dos Secretários de Educação (Consed), com apoio da Fundação Lemann, Fundação Roberto Marinho, do CIEB (Centro de Inovação para a Educação Brasileira) e da Unesco. (SEE/MG, 2020. s/p)

Com base nesses elementos, a dissertação analisa uma das apostilas de estudos que compõe os PETs disponibilizados pelo estado de Minas Gerais. Escolhemos analisar o material (digital) direcionado ao 7º ano no ensino fundamental. Seu conteúdo será comparado aos conteúdos disponíveis em outro material didático criado durante a pandemia, material denominado de **Trilhas de Aprendizagem** pela Rede Municipal de Ensino da cidade de São Paulo, o mesmo será igualmente analisado.

O material Trilhas de Aprendizagem, destaca-se por ser um material (digital) com uma apresentação imagética/estética mais agradável. As abordagens historiográficas do TA são interessantes, pois apresentam o conteúdo de forma diferente das trabalhadas no PET, tornando as propostas significativamente diferentes. Essas são as motivações que nos levaram escolher o Trilhas de Aprendizagem como material para nossa análise comparativa.

A pesquisa é motivada pela necessidade de se avaliar a maneira pela qual a Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais conduziu o processo de substituição de aulas presenciais pelo ensino remoto e quais foram seus impactos especialmente no âmbito do ensino de História, em especial, no que diz respeito à dimensão dos recursos

didáticos e abordagem historiográfica. Nesse sentido, o objetivo geral dessa dissertação é analisar os materiais destinados ao ensino de história disponibilizados pelos agentes governamentais do estado de Minas Gerais com a adoção do ensino remoto em decorrência a pandemia de SARS-COV-2 durante o ano de 2020. Essa análise incide sobre os conteúdos curriculares da área de história disponibilizados por meio de material on-line pela Secretaria de Estado da Educação (SEE), para o 7º ano do Ensino Fundamental.

Elencamos como estratégia metodológica, analisar o conteúdo do **Plano de Estudo Tutorado de História** do 7º ano do ensino fundamental, fornecido pela Rede Estadual de Ensino do Estado de Minas Gerais durante a pandemia de Sars-Cov-2, e compará-lo com o conteúdo disponibilizado pelo material da Rede Municipal de Ensino da cidade de São Paulo nomeado de livros **Trilhas de Aprendizagem**, obras destinadas ao 7º ano, utilizadas por escolas públicas de Minas Gerais e da cidade de São Paulo. A proposta analítica incide sobre os temas arrolados pelo conteúdo de cada material, de modo a abarcar a organização temática apresentada pelo PET, cujo conteúdo é distribuído para o tempo de quatro semanas. Nesse sentido, a ideia é elencar uma das temáticas que compõe o conteúdo disponibilizado pelo PET, comparando-a, em suas múltiplas dimensões, à abordagem do conteúdo apresentado pelo material didático em voga.

Muitas temáticas históricas levantadas no ensino presencial sofrem barreiras pela falta de leitura e a frequente desinformação por parte de muitos alunos. Contudo, o ensino remoto parece ter revelado as mesmas barreiras de modo mais doloroso, quer pelo distanciamento quer pela desigualdade social bastante presente. (DIEGUEZ, 2020, p. 6)

Na fase exploratória da pesquisa notamos que, além dos problemas relacionados à falta de acesso e ou/precariedade do acesso à internet por parte significativa dos estudantes, pela perda de qualidade do ensino decorrente do ensino remoto, o material disponibilizado pelo Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais não apresenta o volume condizente das temáticas a serem ministradas no 7º de História do Ensino Fundamental, conforme orientam o CBC (Conteúdo Básico Comum), o Plano de Curso – CRMG para Ensino Fundamental e o CRMG (Currículo Referência de Minas Gerais). Além disso, os conteúdos são abordados de forma extremamente simplificada, fato que sinaliza para a precarização do processo de ensino e de aprendizagem.

Durante o ano de 2020, houve a deflagração da pandemia de SARS-COV-2 e com ela aconteceu uma mudança drástica em nossas vidas cotidianas. A mais drástica mudança

é relacionada ao distanciamento social necessário para não proliferação da pandemia. O distanciamento social acarretou na paralização das atividades de caráter prático e presencial, afetando todo sistema educacional do país. Com a adaptação de materiais didáticos e conteúdo para que não houvesse uma perda do ano letivo, o estado de Minas Gerais criou uma apostila para estudo remoto (PET – Plano de Estudo Tutorado). Esse material está disponibilizado no site da Rede de Educação do estado de Minas Gerais e é orientada a impressão desse material (para aqueles que não possuem internet cotidianamente). Servindo como um instrumento didático complementar, a SEE disponibilizou um canal de TV aberta que reproduz por meio de vídeos-aulas parte desses conteúdos. O canal tem como função apresentar, por meio de aulas expositivas, os conteúdos em uma aula de 30 minutos, nos quais são abordados os conteúdos do PET. A prefeitura de São Paulo por meio de sua Rede Municipal de Ensino, também criou um material para ensino remoto durante a pandemia (Trilhas de Aprendizagem), disponibilizado no site da própria prefeitura e esse material também será analisado, assim como para fins de comparação.

Decidimos analisar o conteúdo de um dos períodos finais do ensino fundamental (7º ano), período de continuação que nos permite dizer se o estudante está realmente sendo preparando para as etapas decisivas de sua carreira escolar (ensino fundamental anos finais e ensino médio), se faz necessário analisar o material com o qual esses estudantes tem tido contato, mas sem deixar de pensar que há outras variáveis nesse processo como capital econômico e cultural dos envolvidos, estrutura governamental, interesse dos agentes públicos, etc. As análises contam com a contribuição de autores que pesquisaram o material didático de história como Circe Bittencourt (2018), Ana Maria Monteiro (2007), Marcello Assunção (2016), etc. Utilizaremos também o conceito de ideologia (EAGLETON, 1997) em nossa pesquisa, conceito que permitirá expandirmos as possíveis perspectivas incidentes sobre a criação e desenvolvimento do material didático.

A pesquisa propõe a análise e comparação das propostas temáticas inseridas em dois materiais didáticos distintos: O primeiro material e principal objeto de análise é o **Plano de Estudo Tutorado 7º de História do Ensino Fundamental**, são apostilas para que os estudantes e os professores trabalhem os conteúdos curriculares ao longo do período de isolamento social no estado de Minas Gerais.

O segundo é o material didático **Trilhas de Aprendizagem**, é uma coleção criada em sintonia com as demandas da Rede Municipal de Ensino da cidade de São Paulo no

mesmo período, que exigem a formação de jovens em seu contexto atual e cultural. O material é de autoria de Equipe da COPED (cidade de São Paulo) e colaboradores das Divisões Pedagógicas das DRE (Divisão Regional de Ensino).

Os materiais didáticos tem uma longa história no Brasil, começando em meados do século XIX com a produção dos materiais para colégios secundaristas, produção que foi sendo refinada com o tempo.

Os manuais didáticos de história do Brasil que seriam utilizados nas escolas secundárias, tinham sua publicação sob encargo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB); desta instituição saía a maioria dos professores de história que atuavam no Colégio Pedro II, e muitas vezes esses professores é que atuavam como pesquisadores e se tornaram autores dos manuais escolares utilizados na maioria dos colégios brasileiros, como o livro Lições de História do Brasil de Joaquim Manoel de Macedo de 1861. (ASSUNÇÃO, 2016. p. 53)

Mas é somente no final do século XX que apareceram os grandes avanços na produção didática nacional com o Programa Nacional do Livro Didático.

O livro didático por ser um material de referência na cultura Escolar, se faz necessário no preâmbulo de toda essa discussão. O currículo escolar é parte integrante do livro didático e propõe os rumos do desenvolvimento escolar, como os conteúdos que serão estudados, as atividades abarcadas e as competências desenvolvidas. Já a PNLN é fundamental para entendermos qual a importância dada ao material didático referência (livro didático) no governo Bolsonaro e a reverberação dessa importância nas políticas estaduais por meio da criação dos materiais durante a pandemia.

Segundo Marcello Assunção (2016, p. 53), o processo de popularização do livro didático decorreu de uma aliança entre o Estado e as editoras que resultou na ampliação gradual do Programa Nacional do Livro Didático. O estado gerou um mercado promissor e atrativo, que, por sua vez atrai, interesses econômicos de grandes grupos empresariais do país e do exterior.

Assim, o livro didático tornou-se uma ferramenta de ensino e aprendizagem potente devido sua disseminação e alcance, sendo adotado de maneira mais ampla nas escolas públicas do país, o que tornaram os campos de pesquisas sobre os materiais didáticos ainda mais presentes, com a ampliação do debate sobre a qualidade do livro, além da incorporação de novas abordagens.

Embora tenha se tornado peça central no processo de aprendizagem, a qualidade do livro didático tem sido questionada ao longo das últimas décadas. As críticas

direcionadas especialmente ao conteúdo das obras, fomentaram a criação do Sistema de Avaliação do Livro Didático (1985), parte integrante do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), conforme acentua Marcello Assunção (2016, p. 56).

Em função da sua importância no cenário educacional brasileiro, esta pesquisa utiliza como aporte teórico toda essa bagagem e história do livro didático, aporte que permite que tenhamos um olhar criterioso apesar das circunstâncias em que os materiais da Rede Estadual de Minas Gerais e da Rede Municipal de São Paulo, foram criados. Os materiais supracitados, abarcam propostas diferentes daquelas contidas no livro didático, iremos ater as ferramentas analíticas que podem ser utilizadas em ambos os tipos de materiais, independente da sua linha temática ou da sua proposta de ensino remoto.

O contexto da pandemia de SARS-COV-2, colocou algumas barreiras na aplicação e distribuição dos livros didáticos. A primeira barreira é a forma com que esse livro é produzido, ou seja, não é produzido para suprir uma demanda extra sala de aula, ou mais objetivamente, serviria muito pouco para um contexto de aulas a distância e teletrabalho.

Quando pensamos em material didático, gostemos ou não, o livro é praticamente um pilar. Parte dos materiais criados durante a pandemia seriam produzidos em referência ao livro didático, ou pelo menos em moldes similares. Para podermos entender o contexto de criação dos materiais didáticos no ano de 2020, teremos de entender parte da história do livro didático, sua criação e caminhada até aqui.

Segundo Miranda e Luca, a escolha editorial dos livros didáticos é feita diante de três abordagens:

Há **um grupo** de obras que apresentam uma organização de conteúdos, atividades e textos articulados de acordo com um agrupamento que se poderia designar como procedimental e, nesse sentido, valoriza a dimensão formativa que advém do procedimento histórico e do tipo de leitura e problematização de fontes que caracteriza a ação do historiador, com ênfase em habilidades relacionadas à leitura, identificação de informações, análise, comparações, bem como em discussões que priorizam um olhar sobre o contemporâneo; **outro grupo** cuja seleção de conteúdos, cronologia e textos é feita segundo uma visão mais informativa acerca da narrativa acontecimental do passado e que, nesse sentido, prioriza aquela dimensão que Vilar nos aponta como “conhecimento de uma matéria”; e, finalmente, **um terceiro grupo**, que pela ausência de uma expressão mais precisa, designou-se de “visão global”, por buscar articular, com relativo sucesso, as duas dimensões citadas, isto é, não abre mão da informação histórica derivada de um conhecimento socialmente acumulado, bem como dos recortes canônicos de conteúdo, mas explora também a dimensão construtiva do conhecimento histórico, problematiza as

fontes, apresenta elementos que garantem a alunos e professores a compreensão acerca da dimensão de provisoriedade da explicação histórica. (MIRANDA; LUCA, 2004, p. 135)

Podemos perceber que o trabalho de criação/escolha do livro didático não é tão simples e nele podemos observar diferentes maneiras de abordar o conteúdo histórico. Na análise de Miranda e Luca (2004), três grupos de livros estariam dispostos no ramo editorial da seguinte maneira: os livros que são relacionados ao primeiro grupo (visão procedimental), são 7%, o segundo grupo (visão/narrativa acontecimental), tem maior adesão em termos de criação com 69% e o terceiro grupo (visão global), ficam com 24% desse ramo, os gráficos são encontrados nos relatórios técnicos do MEC (PNLD, 2005 s/p). Esses dados ainda que da produção editorial que viria vigorar em 2005, nos mostra a preferência por parte daqueles que estão envolvidos no processo de criação do livro.

Essa maneira como estão dispostos os grupos permite uma outra hipótese, de que os grupos secundários (7% e 24%) tem um papel importante no âmbito mercadológico, assim como no âmbito de alternativa pedagógica.

[...] para a indústria cultural, uma possibilidade alternativa em relação à cultura histórica posta e, neste sentido, esse grupo numericamente inferior tende a cumprir um papel importante enquanto artífice de uma nova possibilidade pedagógica posta no âmbito das reflexões sobre o ensino. (MIRANDA; LUCA, 2004, p. 136)

Ao pensarmos o material didático (livros, apostilas, etc.), outra discussão é trazida à tona, segundo Miranda e Luca (2004, p. 136) “há muito que as chamadas ciências da educação vêm se debruçando em pesquisas e discussões teóricas derivadas de um olhar que se desloca do “como se ensina” para o “como se aprende”. Essas discussões visam desvendar o processo de ensino e aprendizagem “cujo foco essencial recai sobre a questão da construção da temporalidade e da aprendizagem dos conceitos históricos pelo aluno”.

O livro didático trabalha diferentes perspectivas compreensivas acerca da aprendizagem, esse é um esforço possível de aprender a partir “da análise e categorização das obras didáticas”. Para Miranda e Luca há duas formas de categorizações genéricas das obras didáticas, uma abordando um *paradigma informativo*:

Nesse paradigma, os objetivos educacionais selecionados centram-se na obtenção da informação e do conteúdo histórico, independentemente de como tal conteúdo é processado pelo aluno sob o ponto de vista cognitivo; nesse sentido, o diálogo com os saberes dos estudantes, ou mesmo a proposição de situações cognitivas que possam gerar o

entendimento por meio da comparação de tempos e/ou circunstâncias, é praticamente nulo. (MIRANDA; LUCA, 2004, p. 137)

A segunda categoria tem como indicativo fazer uma “projeção de um recorte que seja significativo para o aluno, tanto no que se refere ao recorte temático, quanto às possibilidades de explicação e estabelecimento de analogias”. Essa categoria aborda um *paradigma cognitivo* e é feita da seguinte maneira:

As obras constituídas sob tal orientação dialogam com tais referências a partir de uma postura que valoriza a problematização enquanto forma de estabelecer relações entre passado e presente. Busca-se, de modo geral, promover a aquisição gradual dos conceitos que, nesse caso, se sobrepõem às definições mecânicas e, coerentemente com tal opção, os momentos de introdução das unidades, as atividades e exercícios são propostos com a intenção de propiciar circunstâncias dialógicas e de construção conceitual. (MIRANDA, LUCA, 2004, p. 137-138)

Os números de adesão dessas duas categorias estavam em 2005 dispostos da seguinte forma. Os livros com *paradigma informativo* com 68% da produção, enquanto os livros com *paradigma cognitivo* detinham 32% da produção (PNLD, 2005).

Ao adentrarmos no último tipo de categorização elencado por Miranda e Luca (2004, p. 140), conseguimos observar três categorias. Elas buscam dar conta de uma análise a “respeito das relações que as coleções estabelecem com o desenvolvimento da historiografia e do modo como incorporam ou não as revisões derivadas de estudos contemporâneos no campo da pesquisa histórica”.

A primeira dela é genericamente chamada de *Tradicional* e segundo as autoras:

que aborda a História em sua dimensão meramente informativa e não valoriza o conhecimento histórico em seu aspecto construtivo. As narrativas são organizadas a partir de recortes já consagrados, as fontes históricas ganham caráter mais ilustrativo e não são exploradas numa dimensão que aproxime o aluno daquilo que preside o procedimento histórico; nesse sentido, uma concepção de verdade pronta e irrefutável preside a obra. (MIRANDA; LUCAS, 2004, p. 140)

Temos um segundo grupo nomeado de *Eclético*, esse grupo:

mantém a narrativa com base nos recortes clássicos de conteúdos, mas as obras abrem-se de modo significativo e relevante para uma renovação historiográfica de caráter tópico. Relativizam-se os paradigmas explicativos em relação a temáticas e pesquisas específicas que vêm sendo objeto de debates historiográficos nas últimas décadas e, nesse sentido, a explicação histórica ofertada ao aluno, com raras exceções, já não mais se baseia em paradigmas que foram objeto de revisão no campo historiográfico. (MIRANDA; LUCAS, 2004, p. 140)

Por último, um terceiro grupo associado a uma historiografia *Renovada*, que:

rompe com a perspectiva tradicional e incorpora na seleção de conteúdos não só aquilo que advém da macro-renovação historiográfica do pós-1960, como também os resultados das pesquisas contemporâneas na área dos estudos históricos. (MIRANDA; LUCAS, 2004, p. 140)

Essa última categorização ficou mais equilibrada entre as categorias secundárias. Porém, aquela definida como *Tradicional* ficou com 54% da produção, o grupo chamado de *Eclético* ficou com 25% e o terceiro grupo nomeado de *Renovada*, ficou com 21% da produção (PNLD, 2005).

A importância desses dados é incontestável no debate sobre o material didático. Apesar de ser uma discussão feita 15 anos atrás, serve como base argumentativa para levantarmos importantes questões sobre outros materiais didáticos. A primeira questão é sobre como foi pensado e se outros materiais conseguiriam encaixar nessas categorias.

Desde seu início o livro didático trouxe uma ambiguidade em relação ao seu público. A figura central era a do professor, porém a partir da segunda metade do século XIX passou a se tornar mais claro que o livro didático não era um material de uso exclusivo deste, para transcrever ou ditar. Observou-se que o livro precisava ir diretamente para as mãos dos alunos. Esta mudança de perspectiva, passar a ver o aluno como consumidor direto do livro, sinalizou tanto para autores quanto editores, que era necessário modificar o produto para atender novas exigências, transformando e aperfeiçoando sua linguagem. Neste sentido, as ilustrações começaram a se tornar uma necessidade, assim como surgiram novos gêneros didáticos, como os livros de leitura e os livros de lições. (BITTENCOURT, 2004).

A criação do livro didático já demonstrava sinais de mudanças em sua ambiguidade com relação ao público, mas os materiais didáticos criados durante a pandemia por outro lado não, são produzidos para um único consumidor e podem se mostrarem fundamentais no processo de aprendizagem dos estudantes. Ao se tratar de estudantes de 7º ano do ensino fundamental, esse peso torna-se mais relevante por ser um período de continuação, portanto é bom lembrarmos o que vai apontar (DA SILVA, 2020):

A série do Ensino Fundamental onde mais se acentua essa dificuldade de aprendizagem é a do 6º ano, onde a maioria não desenvolveu as competências básicas de leitura e escrita tão necessárias para o ensino de História. (DA SILVA, 2020, p.4)

Se pensarmos nessa transição, resquícios dessas dificuldades podem ser encontrados no 7º ano e potencializados pelas dificuldades inerentes a disciplina. Se o estudante não consegue ler, como vai interpretar fatos ou acontecimentos históricos e articulá-los com sua experiência cotidiana? (DA SILVA, 2020)

A experiência cotidiana não é demasiadamente “isolada” como outrora, ela demanda ferramentas cada vez mais sofisticadas para compreensão do próprio sentido de viver em sociedade. A pandemia mudou essa forma de compreender e experienciar o mundo, tanto para professores e estudantes, tornando ainda mais complexo um processo de ensino e aprendizagem que tem sido enfrentado em suas dificuldades.

Mas o que chama a atenção, e o que a pandemia tem demonstrado, são as deficiências de formação continuada para professores da educação básica em tecnologias da informação, bem como a estruturação de plataformas capazes de possibilitar um acesso universal dos estudantes ao ensino escolar digital. (MEDEIROS, ADRIÃO, 2020, p. 5)

Essa realidade não fica restrita ao estado de Minas Gerais, exemplos como o de Sobral no Ceará e os que foram vivenciados no estado do Rio Grande do Norte, corroboram para essa falta de estrutura em um momento muito delicado. Os professores e estudantes são colocados em uma posição delicada diante de um processo complexo e hercúleo, nesse sentido (ARAÚJO, PINHEIRO, ADRIÃO, 2020):

temos vivenciado no Estado do Rio Grande do Norte uma sucessão de decretos e portarias que procuraram orientar o trabalho docente conforme o que chegava do MEC, bem como da secretaria de Saúde do Estado. Isso tem deixado os professores em estado de ansiedade e de certa forma, em posição de desamparo, porque tivemos que recompor nossos programas e adaptá-los à escola remota, no entanto, sem ter como garantir o acesso e a permanência nas aulas, uma vez que o acesso e a permanência dependem de uma série de fatores já tão conhecidos dos educadores brasileiros, porque não são muito diferentes dos problemas enfrentados na escola presencial relacionados as condições materiais e apoio necessário ao bom desempenho estudantil. (p. 9)

É necessário que haja maneiras de potencializar o processo de aprendizagem durante a pandemia, porém, o desafio é por onde ou como começar. A rigor, a história ensinada não está intocada nos currículos e nos livros didáticos, desprendida das relações humanas. É importante salientar da importância do currículo, mas sem deixar de lado as práticas escolares que são marcadas pela ação dos indivíduos. (MELO, 2020, p. 3)

A formação continuada tem se mostrado um desafio e a pandemia tem elevado o nível desse desafio. As dificuldades encontradas são para além das capacitações com

tecnologias de informação e comunicação, são de caráter pedagógico. Nesse sentido, vemos que:

Ao continuar privilegiando a velha maneira de ensinar, reforçando o velho ensino, as práticas tradicionais, oferecendo em momentos estanques palestras ou cursos de curta duração, realizados no início do ano letivo, sem uma finalidade específica, as formações continuadas não possibilitam um pensar, um construir e reconstruir conhecimento e, tão pouco, oferecem um espaço de discussão e reflexão da prática docente. (PINHO, QUEIROZ, SANTOS, 2021, p. 159)

É importante que apontemos as mazelas desse processo, principalmente no contexto da pandemia. Todavia é preciso oportunizar ao professor uma formação continuada capaz de conduzir novas práticas pedagógicas, novos ambientes de aprendizagem onde o professor e a realidade possam ser compreendidos. (PINHO, QUEIROZ, SANTOS, 2021, p. 159)

Portanto, ao vislumbrarmos todos esses dados/discussões sobre a formação do livro didático e sobre as capacitações dos professores, seria possível conceber esses aspectos em materiais tão recentes e num contexto de pandemia? Os professores, conseguiriam ser capacitados de forma a enfrentar as demandas desse novo processo? A realidade do estudante foi relevante para criação desses materiais? Essas dúvidas serão cotejadas por toda dissertação e retomadas no segundo capítulo com o intuito de denunciar a precarização do processo de ensino e aprendizagem de história tanto no PET, quanto no Trilhas de Aprendizagem.

CAPÍTULO 1: PERCURSO METODOLÓGICO

O primeiro passo metodológico dado pela presente pesquisa **consistiu** em estabelecer parâmetros para a realização das análises e comparações entre os materiais didáticos. A pesquisa tem viés qualitativo e para isso trabalharemos dois parâmetros de comparação entre os materiais didáticos escolhidos: o primeiro parâmetro se relaciona à *simplificação do conteúdo*. Enquanto o segundo parâmetro diz respeito a *comunicação visual* dos materiais.

A *simplificação do conteúdo* é uma tipologia criada com vistas a analisar a fundamentação teórica e discursiva contida nas narrativas. Essa estratégia servirá como ferramenta para que possamos observar as abordagens historiográficas presentes no texto base, como também em seus anexos como citações, exercícios, iconografias,

curiosidades. O intuito dessa tipologia é dialogar com a concepção de historiografia didática, ou seja, a escrita destinada a professores e estudantes do ensino fundamental. (OLIVEIRA, 2013)

Nossas análises nos levam a crer que as abordagens pedagógicas desenvolvidas na educação brasileira, embora tenham evoluído no sentido da socialização do conhecimento, não têm ultrapassado os limites de um processo didático de codificação e transmissão. Limitam-se a selecionar, reduzir e rejeitar este ou aquele conteúdo, impondo configurações didático-metodológicas baseadas em certezas e definições de caráter simplesmente acadêmico. As codificações didáticas infantilizam o aluno e se reduzem a formas de controle e de repetição. Como se os saberes transmitidos tivessem um fundamento em si mesmo e ao aluno bastasse apropriar-se desse fundamento por memorização. (CATAPAN, 1996, p. 123)

A análise será realizada considerando o número de fontes, sejam elas textuais, imagéticas, áudio visuais, etc., que o material disponibiliza para tornar o conteúdo palatável. Dentro das fontes disponíveis no material didático, iremos verificar se há uma simplificação na linguagem (textual ou imagética) permitindo uma menor abstração e proporcionando o uso da imaginação na construção do saber.

A primeira pergunta que se deve fazer ao utilizar essa categoria é, há conteúdo textual ou imagético? É relevante que haja dentro do material algum conteúdo que dê sentido ao processo de aprendizagem. Uma segunda pergunta que se faz necessária, uma vez identificado o conteúdo, é possível **utilizá-los** de maneira satisfatória e porquê? Os materiais trazem propostas diferentes e algumas delas podem não servir ao propósito planejado.

Ao propor um caráter qualitativo para pesquisa, as categorias de **análise** devem se tornar ferramentas que possam apontar um maior ou menor potencial dos materiais. Caso haja conteúdo textual e imagético, as respostas encontradas na segunda pergunta, tornam-se preponderantes para qualificação das fontes. Os conteúdos dos materiais com uma robustez maior (utilização de texto/imagem em concordância entre si e em consonância com as demandas dos estudantes), serão qualificados como satisfatórios, ou seja, o nível de simplificação do conteúdo está regular e permite que o processo de aprendizagem aconteça. Os materiais onde os conteúdos não se apresentam de forma satisfatória, o nível de simplificação de conteúdo está defasado, portanto, não permite que o processo de aprendizagem ocorra como planejado.

O tempo presente será importante ferramenta para delimitarmos nossa primeira categoria de análise, ela trata exemplificações dentro da história que permita uma correlação do passado e presente, porém essa correlação insere o estudante e sua realidade, seu tempo. É importante que a linguagem esteja em concordância com as demandas dos estudantes, caso contrário, os estudantes poderiam ser prejudicados em seu processo de aprendizagem.

O intuito da dissertação não é fazer uma discussão sobre o uso anacrônico das correlações/exemplificações, contudo, entendemos que é necessário tomar cuidado com os possíveis, mas não improváveis usos anacrônicos da história, podendo induzir o estudante ao erro. A metodologia é montada em cima da teoria decroliana de “centro de interesse” e “ideia básica” dos estudantes.

a “ideia básica” ou “centro de interesse” causa a construção de um projeto a curto ou longo prazo (criação de animais, plantações, excursões etc.). A partir de oito ou nove anos, e até os catorze ou quinze anos, a exploração de cada ideia básica se estende durante o ano inteiro, e ao mesmo tempo assegurando a aquisição progressiva dos conhecimentos. Neste estágio os sujeitos se utilizam das “ideias associativas”. Qualquer tema apresenta aspectos científicos, econômicos, geográficos, históricos, literários, jurídicos que requerem a introdução de técnicas e de noções emprestadas das diversas áreas, sem que os seus laços jamais se percam de vista. A pedagogia decroliana atinge uma unidade propriamente fenomenológica, levando as crianças a descobrir as leis que sustentam as aparências. Mesmo depois de quinze anos, quando os jovens atingiram o pensamento adulto, eles mantêm o hábito de reunir as opções particulares às quais decidiram se consagrar, aos vastos conjuntos que lhes dão sua plena significação. (DUBREUCQ, 2010, p. 39-40)

Entramos na segunda categoria de análise, *comunicação visual*. Segundo Mayer (*apud* COUTINHO, 2010), as imagens de livros didáticos podem ser categorizadas da seguinte forma: a) decorativas; b) representacionais; c) organizacionais; d) explicativas.

Por se tratar de materiais didáticos da área de História, optaremos por mobilizar as categorias representacionais e explicativas. As imagens *representacionais* são as mais encontradas nos materiais de história, pois tentam representar algo deslocado no tempo, muitas vezes são desenhos, gravuras, telas, tudo que remete a certo distanciamento temporal ou até mesmo local. As *explicativas* podem também ter sua carga de representação, mas geralmente validam algum contexto dentro da própria explicação, costumam ser gravuras, fotos, paisagens, mas não deixam de ser representações. As

organizacionais são voltadas para mapas ou topografias, enquanto as *decorativas* podem ser tanto fotos ou objetos.

Burke coloca a imagem como espaço para imaginação de contextos:

O uso de imagens por historiadores não pode e não deve ser limitado à “evidência” no sentido estrito do termo [...]. Deve-se também deixar espaço para o que Francis Haskell denominou “o impacto da imagem na imaginação histórica”. Pinturas, estátuas, publicações e assim por diante permitem a nós, posteridade, compartilhar as experiências não verbais ou o conhecimento de culturas passadas. [...] em resumo, imagens nos permitem “imaginar” o passado de forma mais vívida (BURKE, 2004, p. 16-17).

Por vezes a imagem consegue contextualizar melhor, outras vezes um texto, mas é importante que as ferramentas sejam claras e que as perguntas permitam o uso da imaginação. O uso da imagem pode ser entendido como a forma mais simples de passar uma mensagem. Desde tempos pré-históricos o uso de formas pictóricas é tido como uma forma rudimentar de comunicação.

As categorias elencadas são ferramentas teóricas que possibilitam analisar o conteúdo ao longo dos capítulos. Essas ferramentas serão melhor entendidas conforme analisarmos os materiais. Elencaremos a forma como abordaremos os conteúdos nos materiais selecionados, começemos pela escolha do conteúdo, seguido das divisões propostas, por fim, a maneira como foram analisados os conteúdos.

Os conteúdos são aqueles apontados pelo currículo escolar, ou seja, são previamente selecionados pelas instâncias federais e fazem parte dos conteúdos destinados ao 7º ano do ensino fundamental. A divisão escolhida não atende a qualquer necessidade ou preferência específica, foram escolhidas as divisões preexistentes nas semanas do Plano de Estudo Tutorado-MG, pois essas divisões atendem ao currículo escolar (como nos livros didáticos) e torna objetiva nossa percepção do conteúdo planejado, ou que teoricamente deveria ser estudado. Os conteúdos das três primeiras semanas do PET foram analisados diferentemente da 4ª semana do mesmo material. Essa escolha aconteceu devido a necessidade de observar os conteúdos de outra maneira, ou seja, pressupondo que os estudantes dispusessem de todas as ferramentas materiais necessárias para realizarem as pesquisas, tornando o processo de aprendizagem mais completo.

A dissertação está dividida em quatro capítulos. O primeiro como acabamos de ver, traça as linhas metodológicas que serão seguidas durante a dissertação.

O segundo capítulo trata as questões ligadas as ideologias, suas aplicações práticas e teóricas nos materiais didáticos, antes e depois de sua concepção. A concepção política dada ao conceito de ideologia, suas implicações por meio dos discursos das autoridades de Educação do Estado, por fim, o material didático e seu progresso durante a história, as maneiras como foram criados alguns materiais e seu uso.

O terceiro capítulo trata da análise dos materiais e ele é dividido em quatro subcapítulos. O primeiro subcapítulo trata de uma análise introdutória dos materiais escolhidos (PET e TRILHAS), seus aspectos textuais e imagéticos. O segundo entra de fato na primeira semana do material mineiro, enquanto é tratada da temática equivalente no semelhante paulista. Já no terceiro subcapítulo tratamos da segunda semana do PET, sua temática voltada para o mercantilismo e absolutismo, enquanto o material de São Paulo trata do modernismo. O quarto trata da terceira semana do PET, sua temática de balança comercial e Brasil Colônia/Império, já o material Trilhas de Aprendizagem tem como tema a América Espanhola e suas guerras de conquista. O quinto e último subcapítulo trata da cultura indígena e africana, tema muito sensível e que é partilhado também no material de São Paulo.

O quarto e último capítulo trabalha as considerações finais acerca da dissertação, um apanhado geral do que foi levantado, seguido de uma contextualização da proposta do trabalho. Por fim, uma pequena contribuição dos rumos que nossas análises puderam disponibilizar.

CAPÍTULO 2: IDEOLOGIA, POLÍTICA E MATERIAL DIDÁTICO

O estado de Minas Gerais em 2018 elegeu como governador Romeu Zema, do Partido Novo. Sua plataforma política tem uma abordagem liberal (liberalismo econômico), com enxugamento do Estado, privatizações, incentivo ao setor privado, incentivo a concorrência e liberdades individuais. Apesar de essa mesma plataforma defender a atuação do Estado na Educação Básica, não é isso que parece estar sendo transmitido por meio das inúmeras reportagens trazidas até então, ou não está claro o sentido de básica que o governo está buscando.

A expressão “capitalismo flexível” descreve hoje um sistema que é mais que uma variação sobre um velho tema. Enfatiza-se a flexibilidade. Atacam-se as formas rígidas de burocracia, e também os males da rotina cega. Pede-se aos trabalhadores que sejam ágeis, estejam abertos a mudanças a curto prazo, assumam riscos continuamente, dependam cada vez menos de leis e procedimentos formais (SENNETT *apud* BITTENCOURT, 2015, p. 250).

A passagem citada acima insinua bem o que é a política adotada no estado de Minas Gerais. Os professores devem ser ágeis e estar abertos a mudanças de curto prazo, mesmo que seja uma mudança abrupta (pandemia e trabalho remoto), além da negligência que pode ser apontada como transgressora, ou seja, atinge fundamentalmente aspectos constitucionais. Iremos apontar alguns trechos que estão sendo transgredidos nesse contexto de pandemia:

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

Art. 211. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizarão em regime de colaboração seus sistemas de ensino.

Art. 212, § 3º - A distribuição dos recursos públicos assegurará prioridade ao atendimento das necessidades do ensino obrigatório, nos termos do plano nacional de educação.

Art. 214. A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração plurianual, visando à articulação e ao desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e à integração das ações do Poder Público que conduzam à:

II - Universalização do atendimento escolar;

III - melhoria da qualidade do ensino; (BRASIL, 1988, p. 126-129)

Segundo Renato Nunes Bittencourt (2015, p. 250) “esse sistema de poder esconde nas modernas formas de flexibilidade três elementos básicos: a reinvenção descontínua de instituições; a especialização flexível de produção e a concentração de poder sem centralização”. O último elemento nos chamou a atenção, pois não seria a Constituição uma forma de centralização das leis? Essa transgressão de princípios constitucionais não seria uma forma de desconcentrar o poder das leis, concentrando esse poder nos estados?

As mudanças na Educação Escolar acontecem de tempos em tempos, mas foi com a eleição presidencial de Jair Messias Bolsonaro em 2018 que as tentativas esboçariam um caráter conservador. Ao idealizar a mudança das escolas estaduais públicas para escolas cívico-militares, o presidente trouxe uma discussão “inexistente” para aqueles que batalharam para uma Educação democrática e libertadora.

Durante o mandato do governo de Jair Messias Bolsonaro, o MEC passou por diversas mudanças em sua pasta, seja pelos diversos cortes no orçamento da Educação ou pela constante troca dos ministros. Até meados de 2020 o MEC estava em seu terceiro Ministro, o primeiro teve uma curta passagem de apenas 3 meses. O segundo Ministro esteve diante do cargo por 14 meses e foi um dos principais atores para o desmonte do MEC. O terceiro Ministro da Educação assim como os outros dois primeiros ministros, detém um pensamento conservador e detém uma perspectiva da Educação Escolar excludente. Por fim, o MEC teve em seus quadros um quarto Ministro ainda no ano de 2020, o que pode demonstrar uma desordem institucional muito grande por parte do governo Bolsonaro.

As falas dos diversos ministros nos mostram uma constante a partir de 2018, sua aversão ao conhecimento acadêmico, principalmente o conhecimento acadêmico que busca a emancipação do cidadão e a democratização do conhecimento. O ex-ministro Vélez começou o ano de 2019 dizendo que "A ideia de universidade para todos não existe" e "As universidades devem ficar reservadas para uma elite intelectual, que não é a mesma elite econômica [do país]" (PASSARELLI, 2019, s/p). Já o ex-ministro Weintraub se resguardou dessas falas e adotou uma política de paralização da pasta, a PNA (Política Nacional de Alfabetização) ficou sem planos de ação e metas, houveram defesas das escolas cívico-militares e não foi apresentada uma proposta para o FUNDEB (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica) (BBC, 2020). Segundo o FNDE, o Fundeb é:

O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – Fundeb é um fundo especial, de natureza contábil e de âmbito estadual (um fundo por estado e Distrito Federal, num total de vinte e sete fundos), formado, na quase totalidade, por recursos provenientes dos impostos e transferências dos estados, Distrito Federal e municípios, vinculados à educação por força do disposto no art. 212 da Constituição Federal. Além desses recursos, ainda compõe o Fundeb, a título de complementação, uma parcela de recursos federais, sempre que, no âmbito de cada Estado, seu valor por aluno não alcançar o mínimo definido nacionalmente. Independentemente da origem, todo o recurso gerado é redistribuído para aplicação exclusiva na educação básica (FNDE, s/d, s/p).

Podemos perceber que tanto no governo federal quanto no governo estadual de Minas Gerais há, ao longo nos últimos anos, claramente a tendência de se implantar políticas neoliberais na Educação, mas essas políticas não são novas, tendo sua linha de partida os anos 90 com os projetos de privatizações das universidades públicas. Segundo Oliveira, Silva e Benigno (2021, p. 3) “no atual contexto, o objetivo é avançar para a escola de nível básico. Isso explica por que, nos últimos anos, a educação básica passou a sofrer intenso ataque de mercantilização tanto na estrutura financeira-organizacional dos sistemas de ensino e das escolas como na concepção curricular”.

...há também a privatização da educação básica pública brasileira que vem se dando, sobretudo, por meio das parcerias público-privadas. Essas parcerias têm como objetivo redimensionar o financiamento e a gestão escolar e também dos sistemas de ensino com a criação de mecanismos de competição por recursos públicos pautada nos resultados de proficiência dos estudantes em testes nacionais. (OLIVEIRA; SILVA; BENIGNO, 2021, p. 3)

O MEC é o maior comprador de material didático no Brasil, sua “ideologia” dita a maneira com que esses materiais serão concebidos, como as políticas público-privadas ocorrem, etc. O ex-ministro da Educação, Milton Ribeiro, é responsável por falas como “nós temos hoje no Brasil, motivados creio eu, meu diagnóstico, por essa quebra de absolutos e de certezas, verdadeiros zumbis existenciais. Não acreditam mais em nada, desde Deus a política. Eles não têm nenhuma motivação” (URIBE, 2020, s/p). Mas não para por aí, ele também tem a convicção de que “grande moda dos sociólogos e filósofos” é desconstruir valores e ideias e não colocar “nada no lugar”, “deixam um vazio”. Ele é o único ministro que diz algo a respeito do livro didático, “quando olho os livros no Ministério da Educação, livros antigos, vejo algumas críticas que seriam próprias, talvez, para um quase jovem, não para uma criança de sexto ano” (URIBE, 2020, s/p).

As contribuições de Terry Eagleton (1997) para organização do conceito *ideologia* são inegáveis. O autor suscitou algumas das reflexões sobre o material didático que serão produzidas nessa pesquisa. Entendemos que todo processo de criação/distribuição do material didático, assim como as políticas públicas de incentivo a Educação são baseadas em argumentos que permitem análises por meio do conceito (ideologia).

O conceito de ideologia trabalhado por Eagleton (1997) possui grande complexidade devido à sua amplitude. Portanto, “ideologia é por assim dizer, um texto, tecido com uma trama inteira de diferentes fios conceituais, que é traçado por divergentes histórias, sendo importante determinar o que há de valioso em cada uma delas e o que pode ser descartado” (p. 15).

Ao utilizarmos o conceito de ideologia, cabe uma análise direcionada ao sentido de ideologia que seja mais adequada ao tipo de reflexão proposta em nosso trabalho, servindo como base de entendimento do processo de criação/distribuição do material didático como fenômeno ideológico.

O sentido de ideologia que buscamos em nosso trabalho é “ideias que ajudam a legitimar um poder político dominante” (EAGLETON, 1997, p. 18), ou seja, estudar as ações por meio de seus significados e como elas contribuem para manter as relações de dominação.

Um poder dominante pode legitimar-se promovendo crenças e valores compatíveis com ele; naturalizando e universalizando tais crenças de modo a torná-las óbvias e aparentemente inevitáveis; denegrindo idéias que possam desafiá-lo; excluindo formas rivais de pensamento, mediante talvez alguma lógica não declarada, mas sistemática; e obscurecendo a realidade social de modo a favorecê-lo. (EAGLETON, 1997, p. 19)

Devemos pensar que as ideias não ficam somente no campo das ideias, do contrário ela não teria força prática para legitimar um poder dominante. Partindo dessa premissa, entendemos que a criação/distribuição de um material didático é a priori orientado por um campo de ideias. Contudo, os PETs criados em um contexto inédito (pandemia), podem ser entendidos como materiais didáticos? Qual ideologia orientou a criação desse material? Houve debate ou dialogo de diferentes propostas ideológicas?

Segundo Eagleton, ideologia é mais uma questão de ‘discurso’ que de “linguagem”. Então se o “discurso” é feito por instancias superiores, ele poderia influenciar na criação/distribuição de algo básico como o material didático? Se a pessoa que está à frente da pasta da Educação diz que o livro didático está à frente do que deveria,

será que isso não seria recebido como uma forma de repensar sua criação? O livro sendo um produto, qual o impacto imediato no ramo editorial? Outros materiais sofreriam essa influência?

A escolha do conceito ideologia é tomado por nós no sentido mais político ou sociológico, do que epistemológico. Porém, “argumentar em favor de uma definição mais “política” que “epistemológica” de ideologia não significa, é evidente, afirmar que política e ideologia são a mesma coisa” (EAGLETON, 1997, p. 24).

O conceito pode ser trabalhado tanto na análise do conteúdo do material, como em etapas anteriores. Ficaremos com as etapas anteriores, os processos que perpassam o discurso político (mencionado nas reportagens) e a do resultado (material acabado).

É inegável que, atualmente, os jovens estudantes estão imersos em um intenso processo de instrumentalização tecnológica no qual aparelhos como smartphones, tablets e notebooks fazem parte do seu cotidiano e de sua ludicidade. Os jogos eletrônicos, as redes sociais e as infinitas possibilidades de acesso aos serviços e à diversão abertas pelas TDICs possibilitam novas formas de interação social e de se relacionar com a educação escolar.

Esta sociedade, também chamada de sociedade da informação, ou da aprendizagem, traz em seu bojo novas formas de aprender, ensinar, e de se relacionar com o conhecimento, ou já existente historicamente ou que venha a ser produzido, exigindo dos indivíduos uma nova postura frente a um mundo conectado em rede. (SOUZA; SILVA, 2016, p. 90)

Contudo, em relação à mediação das novas tecnologias de comunicação na Educação Escolar é preciso considerar alguns pontos importantes. O primeiro diz respeito à velocidade que as mudanças estão ocorrendo e como estão ocorrendo, será que a comunidade escolar está conseguindo acompanhar essas mudanças? Se a resposta para essa questão for positiva, quais os resultados práticos desse processo? Porém se a resposta for negativa, então a Educação Escolar está sendo precarizada de forma muito significativa, colocando em risco a formação de milhares de estudantes, especialmente aqueles em fase de conclusão.

2.1 A EXCLUSÃO DIGITAL E A PRECARIZAÇÃO DO ENSINO

As dificuldades enfrentadas não param por aí. Questões relacionadas ao acesso dos alunos e professores às tecnologias da informação, se tornam também um grande entrave para o modelo de ensino à distância proposto em diversas regiões do país, como veremos no a seguir:

O nosso país, em especial o estado do Tocantins com sua diversidade cultural, econômica e social, não tem condições de ofertar um atendimento equitativo aos estudantes e professores da rede estadual, uma vez que atende muitas comunidades quilombolas, indígenas e assentados da reforma agrária, além de municípios e cidades muito distantes e de difícil acesso, como a região do Jalapão. (MACEDO, SANTOS, SANTANA, 2020, p. 4)

A pandemia do corona vírus trouxe à tona muitas vulnerabilidades sociais, uma delas é o grande número de estudantes sem acesso à internet, e até os canais de televisão, muitos municípios não possuem acesso aos canais locais. (MACEDO, SANTOS, SANTANA, 2020, p. 4)

É importante retomar a discussão iniciada na introdução dessa dissertação, sobre a formação dos professores e das estruturas disponíveis no processo de ensino e aprendizagem. Em matéria realizada pelos jornalistas e colunistas Thais Pimentel e Ricardo Mello para o site TV Globo em 14/05/2020, professores têm encontrado muitas dificuldades na aplicação do material, é o que afirma a professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e coordenadora do Fórum Estadual Permanente de Educação (FEPENMG), Analice de Jesus:

Os docentes não tem formação para ministrar vídeo-aulas que não se trata de colocar textos na internet para os estudantes lerem e fazerem exercícios. Considero importante destacar que a metodologia do teletrabalho não atende as escolas no campo e as escolas indígenas, nem os sujeitos da EJA, nem às crianças e adolescentes, além de colocar em risco a saúde e a vida dos trabalhadores, entre outros empecilhos à medida. (PIMENTEL; MELLO, 2020, s/p)

Um ponto a se considerar são as condições materiais e tecnológicas que os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem possuem. Os pais, estudantes, professores, todos eles têm condições de acesso remoto? Computadores, tablets, celulares, internet, etc.?

Sobre esse aspecto, uma reportagem do jornal Estado de Minas do colunista Mateus Adler, realizou uma entrevista com a Secretária estadual de Educação de Minas Gerais em 14/05/2020, Júlia Sant'Anna. A entrevista está em tópicos, então separamos algumas partes importantes.

Pergunta: A Rede Minas está presente em apenas 186 municípios, atendendo a 1 milhão de alunos. No entanto, outros 700 mil alunos da rede pública não têm acesso à internet ou sinal da emissora. Como atender a todos?

Resposta: As estratégias são complementares. Se entende que o aluno tem acesso ao material completo, se ele tiver acesso a um desses. É fundamental se a família garantir que o aluno tenha seus livros didáticos, a gente tá bem tranquilo em relação a isso também. O aluno estudando em casa, tendo condições de aprofundar nisso, esse processo está garantido. Claro que quanto mais ferramentas ele tiver acesso, melhor, mas isso não impede de a gente ter tranquilidade de, no momento do retorno dele, todos os conteúdos que, porventura, tenham sido perdidos, serão repostos. Então se eu fosse sugerir a um conteúdo só, esse conteúdo, é, efetivamente, o Plano de Estudos. Vamos fazer um controle nominal de distribuição por escolas, o que é importante para a gente conseguir não perder ninguém, ter a certeza que cada aluno é muito importante neste processo. (ADLER, 2020, s/p)

Ao ser questionada sobre os 700 mil estudantes sem acesso à internet, a secretária estadual deixa a entender que somente o PET é suficiente (enquanto trabalhado sozinho, mesmo sendo parte de estratégia complementar). Mas o que podemos observar nas diversas matérias jornalísticas é o contrário. Ainda em matéria para site, na reportagem do dia 21/05/2020 da jornalista Thais Pimentel, alguns estudantes foram entrevistados para relatar como está sendo o processo de aprendizagem por meio da estratégia adotada pelo governo estadual.

"Eu não gostei das aulas. Achei muito superficial. E o material escrito então é uma vergonha", disse Fernando Alves, de 17 anos, que acompanhou as aulas desta segunda-feira pelo canal da Rede Minas no YouTube.

"Acho a concorrência complicada porque as escolas particulares não pararam com conteúdo e a atenção é diferente. A gente tem que se virar sozinho", falou o aluno que pretende fazer faculdade de física.

"Achei a professora boa, mas nem se compara a uma aula presencial ou um EAD (Ensino à Distância) específico para uma turma, sabe? Achei a apostila bem fraca! Não gostei nadinha", contou Antônio Augusto, de 15 anos, que acompanhou o primeiro dia de aulas remotas pela televisão. (PIMENTEL, 2020, s/p)

A adoção dessa estratégia é uma forma de dar continuidade ao processo de ensino e aprendizagem? Ou talvez seja o que Arruda coloca "que a educação remota é um

princípio importante para manter o vínculo entre estudantes, professores e demais profissionais da Educação”?

Um último ponto que gostaríamos de discutir é a questão da infraestrutura do estado. O estado de Minas Gerais tem tido problemas para arcar com as obrigações mais básicas, como por exemplo o pagamento dos salários dos servidores e pagamento do 13º salário (RAGAZZI, 2020). Qual a estrutura que o estado está disposto a colocar em funcionamento para suprir a demanda educacional? O que tem sido feito? Qual o diálogo que tem sido feito com parte da população que está excluída do ensino remoto por não possuir o acesso adequado à internet?

Quando nos deparamos com as notícias veiculadas pelos jornais, não parece ter tido qualquer tipo de estratégia inclusiva para enfrentamento a pandemia no contexto educacional. Podemos citar várias outras matérias, como por exemplo as dos sites BBC, Gazeta do Povo, Estado de Minas, Terra. Todas elas revelam as dificuldades enfrentadas por aqueles que mais necessitam de atenção nesse momento, é o caso de Priscielle Almeida de Oliveira “a gente subiu da distância de, mais ou menos, 20 minutos caminhando. Era 7h da manhã e fomos andando para poder acompanhar as aulas pelos canais que foram liberados pela Rede Minas”. (PEREIRA, 2020, s/p)

Todos esses relatos não param por aí, no interior de Minas Gerais a situação é pior, como é o caso de Istefani Beatriz da Silva, 16 anos, que mora no Vale do Mucuri, “na minha casa não tem televisão pra eu ficar assistindo às aulas e eu não tenho muito acesso à internet para ficar no Youtube vendo as aulas do dia. Está bem difícil” (PEREIRA, 2020, s/p). Na mesma reportagem onde foi entrevistada Istefani, a SEE soltou uma nota sobre toda essa situação:

A Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG) informa que a principal ferramenta e instrumento estruturante do Regime de Estudo não Presencial é o Plano de Estudo Tutorado (PET), o material de apoio para ser utilizado juntamente com os livros didáticos, sendo as teleaulas do programa “Se Liga na Educação” e o aplicativo Conexão Escola iniciativas complementares ao processo de aprendizagem.

A SEE-MG disse que os alunos que estão com dificuldade de acessar o conteúdo não serão prejudicados. “No retorno às atividades presenciais, a rede aplicará uma avaliação diagnóstica com base nas apostilas que servirá para traçar o plano de revisão de conteúdo individualizado para cada estudante. Assim, será possível traçar estratégias de reforço escolar, por exemplo”, informou. Leia a nota na íntegra:

A Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG) informa que a principal ferramenta e instrumento estruturante do Regime de Estudo não Presencial é o Plano de Estudo Tutorado (PET), o material de apoio para ser utilizado juntamente com os livros didáticos, sendo as teleaulas do programa “Se Liga na Educação” e o aplicativo Conexão Escola iniciativas complementares ao processo de aprendizagem.

Os PETs estão sendo entregues de forma impressa para todos os alunos que informaram não ter acesso aos meios virtuais. A logística e organização para viabilizar a entrega para esses alunos foram feitas pelos diretores das escolas, de acordo com a realidade da sua comunidade escolar, seguindo orientações da Secretaria de Saúde (SES). O acompanhamento da entrega está sendo feito nominalmente.

É importante destacar que nenhum aluno será prejudicado por dificuldades de acesso ao conteúdo digital. No retorno às atividades presenciais, a rede aplicará uma avaliação diagnóstica com base nas apostilas que servirá para traçar o plano de revisão de conteúdo individualizado para cada estudante. Assim, será possível traçar estratégias de reforço escolar, por exemplo.

A SEE/MG reforça que o Regime de Estudo não Presencial tem como objetivo apoiar os alunos da rede estadual a manter a continuidade de estudos durante o período de isolamento social, evitando assim os riscos da evasão escolar. (PEREIRA, 2020, s/p)

Na nota destacada na matéria, o SEE coloca o PET como principal ferramenta, porém denomina de “material de apoio que deve ser utilizado juntamente com os livros didáticos”. Quais livros? Houve a distribuição de livros didáticos para que possam ser usados conjuntamente com o PET? O PET foi feito com o intuito de facilitar o uso do livro didático durante a pandemia? Há instruções de como utilizar conjuntamente os materiais? É interessante observar que a nota da SEE só nos deixa com mais dúvidas.

A democratização do saber é algo que não está nem de longe no horizonte, seja pelas demandas crescentes que o currículo escolar não consegue acompanhar, seja pela forma de educação ainda voltada para reprodução social do trabalho e das desigualdades, seja pela falta de capacitação e valorização do trabalho docente, pelos descasos dos agentes governamentais na conscientização do cidadão ainda em criação, etc. Temos de considerar e ressaltar a importância da internet como ferramenta de trabalho docente, mas por outro lado devemos ressaltar que ela é um ambiente totalmente fora de qualquer controle metodológico quando deixada nas mãos dos alunos (já pressupondo que o docente também sofre quando não conhece tal ferramenta). O saber deve ser democratizado, as pessoas devem ter mais liberdade, contudo esse saber deve ser um saber com método e essa liberdade uma liberdade responsável.

2.2 O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA: PERCURSOS E IDEOLOGIA

Temos também como base autores que debatem os materiais didáticos no ensino de história. São diversos os apontamentos feitos pelos autores que estão nesse campo de discussão teórica e prática, como apontado a seguir por José Gimeno Sacristán (1995):

Por trás do “texto” (livros, materiais, suportes vários), há toda uma seleção cultural que apresenta o conhecimento oficial, colaborando de forma decisiva na criação do saber que se considera legítimo e verdadeiro, consolidando os cânones do que é verdade e do que é moralmente aceitável. Reafirmam uma tradição, projetam uma determinada imagem da sociedade, o que é a atividade política legítima, a harmonia social, as versões criadas sobre as atividades humanas, as desigualdades entre sexos, raças, culturas, classes sociais, isto é, definem simbolicamente a representação do mundo e da sociedade, predispõem a ver, pensar, sentir e atuar de certas formas e não de outras, o que é o conhecimento importante, porque são ao mesmo tempo objetos culturais, sociais e estéticos. Por trás da sua aparente assepsia não existe a neutralidade, mas a ocultação de conflitos intelectuais, sociais e morais. (*apud* MUNAKATA, 2007, p. 137)

Os PETs do estado de Minas Gerais podem ser considerados conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais? Apesar do pouco tempo para criação do material, será que o estado está realmente interessado no processo de ensino e aprendizagem? Ou será que esse material é uma das formas que o estado encontrou para “suprir” uma demanda educacional?

O livro didático pode ser tido como conquista ou prisão para os docentes, são diversas leituras possíveis de se fazer sobre o papel do livro didático. Mas não podemos negar sua utilidade, alcance e evolução, evolução que ganhou espaço no texto da Constituição por meio de uma Emenda Constitucional (nº 59/2009). No art. 208 da Constituição Federal passou a vigorar então o novo inciso:

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante garantia de:

[...]

VII – atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde. (BRASIL, 2009, s/p)

Mas essa garantia não é somente ao material didático, ela abrange outras variáveis do processo de ensino e aprendizagem. A pandemia nos impôs o distanciamento social, porém são poucas as ações governamentais que se verificam em torno do processo, a começar pelo próprio material disponibilizado. Material que talvez nem possamos chamar

de didático, uma vez que o significado de didático é transmitir conhecimento, instruir, facilitar a aprendizagem, etc.

Desde a criação do PNLD (Plano Nacional do Livro Didático), são dois os agentes/instâncias que influenciam na criação/distribuição do livro didático, segundo Miranda e Luca:

Marco na política em relação aos materiais didáticos foi a criação, em 1985, do Programa Nacional do Livro Didático — PNLD. A partir desse momento, progressivamente foram sendo incluídas no programa as distintas disciplinas componentes do currículo escolar e o programa foi se delineando no sentido de incorporar os professores no processo de escolha. Cabe destacar, contudo, em relação a esse aspecto, a existência de pontos de estrangulamento derivados, sobretudo, da segmentação formal entre o MEC — instância de planejamento e normatização do programa — e o FNDE — braço administrativo e executor das ações que envolvem o processo de escolha, compra e distribuição das obras. (MIRANDA; LUCA, 2004, p. 126)

Ao analisar a citação, podemos insinuar que dificilmente o material disponibilizado pela SEE de Minas Gerais teria condições de cooperar como material didático, uma vez que não houve tempo para debates e extenso diálogo com ambas instâncias. Seria possível a SEE preparar um material com base no livro didático, sendo que a escolha do livro de didático perpassa outra instância que é a municipal (escolas)? Como esse material daria conta de dialogar com livros didáticos de diferentes produções?

O livro didático é uma conquista democrática, assim como os materiais didáticos recorrentes dele. Com o passar do tempo os materiais didáticos foram sendo aprimorados, abarcando algumas das demandas que a academia apontava como necessárias.

Ao comentar sobre essas pesquisas, Circe Bittencourt afirma que, igualmente comuns, são as análises dos conteúdos escolares em uma perspectiva ideológica, embora se perceba que, aos poucos, vem ganhando espaço outros aspectos, tais como: defasagens, clivagens entre a produção acadêmica e a escolar ou ausências e estereótipos de grupos étnicos ou minoritários da sociedade brasileira (2011). A preocupação da academia em avaliar os discursos contidos nos textos didáticos e identificar a manutenção de estereótipos sobre determinados grupos, é parte de um esforço em busca de uma educação mais democrática e de adequá-los às mudanças na historiografia recente, que dá vez e voz aos “excluídos da História”. (NAZÁRIO, 2016, p. 40)

Ao analisar os materiais didáticos temos como pano de fundo uma análise sociológica, porém não é o suficiente para apontar todas as dificuldades enfrentadas por

esses materiais. Se faz necessário uma análise técnica desses materiais e para isso utilizaremos das contribuições de Circe Bittencourt que em sua metodologia coloca:

Para uma análise dos livros didáticos de História, além da identificação dos valores e da ideologia de que é necessariamente portador, é preciso estar atento a outros três aspectos básicos que dele fazem parte: sua forma, o conteúdo histórico escolar e seu conteúdo pedagógico. (BITTENCOURT, 2018, p. 254)

Começemos pelos aspectos formais (*sua forma*). Para Bittencourt (2018, p. 255) o livro também é um material de uma indústria cultural, ou seja, insere-se na lógica de mercado, na qual é necessário definições sobre preço e formas de consumo. O livro enquanto mercadoria tem um público alvo que são os alunos, mas sua confecção é feita sob normas do poder estatal. Como por se tratar de uma mercadoria temos de entender que ele respeita critérios comerciais, tornando possível gerar demandas pelos alunos e uma vez que essas demandas são “supridas” nos livros (geralmente ligadas ao seu aspecto visual, organização, etc.), os professores se sentem seduzidos a adquirir essa mercadoria.

Com a intenção de “assegurar à escola pública de educação básica obras com qualidade editorial, científica e pedagógica” (BRASIL, 2011b, p.13), foi implementado em 1996 no PNLD o processo de avaliação do livro didático.

O processo de análise dos livros didáticos é realizado por meio de um sistema de inscrição sob os quais as editoras listam e enviam suas coleções para o MEC. Após a aprovação técnica, os livros didáticos são direcionados para a Comissão de Avaliadores. Um grupo de especialistas (geralmente dois pareceristas independentes para cada coleção) avalia os livros sem identificação dos autores ou das editoras (livros sem capa e descaracterizados de autoria, editora etc.) seguindo os critérios avaliativos presentes no edital de convocação de editoras. Até o ano de 2004, os critérios de avaliação eram divididos em eliminatórios e classificatórios, a partir de 2005, os critérios classificatórios foram extintos, havendo apenas a denominação aprovados e excluídos. As coleções aprovadas são divulgadas no Guia do Livro Didático e, é de responsabilidade das editoras enviarem suas coleções recomendadas pelo PNLD às escolas para a escolha por parte dos professores. (BASSO *apud* QUATTRER, 2019, p. 39-40)

Segundo Quattrer, em 2016 os dados fornecidos pela Câmara Brasileira do Livro – CBL, “o governo federal comprou das editoras brasileiras cerca de 147,6 milhões de exemplares de livros didáticos para o Ensino Fundamental – Anos Finais por meio do PNLD” (2019, p. 41). Esse número corresponde a 75% do total de livros didáticos vendidos pelas editoras em 2016 (CBL, 2018, p. 17).

Os programas governamentais de aquisição de livros didáticos têm enorme importância para o mercado editorial brasileiro. Estimativas apontam que a indústria dos didáticos representa cerca de 54% da indústria nacional de livros. No que tange à concentração do segmento, tem-se, do lado da demanda, um quase monopólio (no ensino fundamental, por exemplo, o Estado responde pela aquisição de aproximadamente 90% dos livros publicados); do lado da oferta, configura-se um oligopólio (poucas editoras vêm concentrando o maior volume de compras do FNDE ao longo do tempo). (BRITTO, 2011, p. 12)

É possível observar que o mercado editorial nacional está capturado por algumas poucas empresas. Esse oligopólio gera a concentração de arrecadação por meio da compra feita pelo Estado (MEC), além de perpetuar essas mesmas empresas no mercado editorial, ou seja, cria “uma linha de vendas segura e permanente” (HALLEWELL *apud* QUATRERER, 2019, p. 41).

se todas as características do livro didático fazem-no o primo-pobre da família dos livros, ele é o primo-rico no ramo das editoras, pois assegura uma rentabilidade segura, não só por contar com o apoio do sistema de ensino, como também ter o abrigo do Estado, devido às políticas públicas que garantem sua compra. (ZILBERMAN *apud* CARVALHO, 2009, p. 13)

As mudanças ocorrem em um ritmo relativamente “lento”, segundo Carvalho (2009, p. 14) “o livro didático, independentemente de sua proposta pedagógica, dificilmente, ultrapassa as barreiras e o ‘engessamento’ dos padrões aos quais se adaptam para chegar ao mercado”. Como apontando anteriormente, o livro se adequa aos seus respectivos compradores e, nesse caso, do material didático seu grande comprador é o MEC.

Os conteúdos dos livros didáticos de História têm sido objeto de análise e reivindicações de vários grupos que se sentem incomodados ou mesmo não representados, o que reforça a tese de preconceitos, estereótipos e discriminação no processo de produção e usos do livro didático. A partir dos anos 1980, essa agenda de reivindicações tem sido cada vez mais presente e objeto de demandas e disputas do mercado editorial e especialistas. (CARVALHO, 2009, p. 18)

As demandas supracitadas trazem em seu bojo outras reivindicações. Como já apontado anteriormente, as eleições de 2018 trouxeram ao poder uma ideologia de caráter reacionário/conservador, grupos que se sentem incomodados ou até mesmo não representados. Na figura do terceiro Ministro da Educação do governo Bolsonaro,

evangélico, conservador com visão elitista e individualista de Educação, os livros podem sofrer severas mudanças em suas abordagens “progressistas”.

As perspectivas “individualistas” de educação estão muito visíveis em movimentos recentes no Brasil, como a educação domiciliar ou o Escola sem Partido. A alegada defesa da “liberdade de escolha” das famílias e da “liberdade de aprender” dos estudantes é a base de sustentação de lógicas de desescolarização que, na verdade, transportam uma matriz conservadora de crítica à escola pública. (NÓVOA, 2021, p. 12)

As diversas reivindicações são uma resposta a forma com que o livro didático foi historicamente sendo concebido. Ao longo do século XX, o Estado criou uma forma de controle social por meio da Educação Escolar e do material didático, excluindo grupos marginalizados como indígenas, negros, favelados e disseminando aquilo que o Estado vê como cultura legítima.

Durante o Estado Novo, a instituição do “currículo único” e do “livro único” viria atender ao novo projeto de Estado, de uniformização da nação e da educação. Dessa forma, estabeleceu-se o Estado corporativo e mediante a prática de uma organização social com base em entidades representativas dos interesses de categorias de profissionais ligados à educação. O Estado Novo foi inspirado na defesa de interesses desse setor organizado da sociedade, muitas vezes, em detrimento do interesse público. Como consequência, o currículo e o livro único foram formas encontradas pelo Estado para “controlar” a cultura em geral e, também, controlar um dos principais elementos da cultura escolar, que é o livro utilizado nas escolas públicas. (CARVALHO, 2009, p. 31)

Podemos perceber uma mudança destinada à pasta da Educação por meio do site do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), gerenciado pelo MEC. Temos os guias dos livros didáticos até 2018 disponibilizados, todos eles devidamente referenciados e catalogados na página do FNDE.¹ Porém os anos relativos ao novo governo (2019-2020), não foram disponibilizados os guias dos livros didáticos e nem qualquer política voltada para essa área.

A mudança que estamos apontando é ideológica e que visa à precarização da Educação Escolar nos mais diversos níveis, principalmente naquele de maior impacto cultural que é o material didático. Desde 2004, todos os anos são lançados guias de livro didático, seja para ensino fundamental (1º ao 4º ano), fundamental (5º ao 9º ano), ou ensino médio. Como o último guia foi lançado em 2018 (ano eleitoral), as nomeações

¹ <https://www.fnde.gov.br/financiamento/fundeb>. Acesso em 13 set. de 2020.

feitas para pasta da Educação já apontado anteriormente e logo depois não houve mais a produção de guias de livro didático diminuindo a transparência na pasta. É interessante observar que essa conquista e que também é uma forma transparente de mostrar as escolhas feitas pelo MEC, foram cessadas logo que houve uma mudança governamental, mudança que ataca a Educação.

Eagleton, quando aborda a teoria das ideologias, diz que:

Serão as ideias assim tão importantes para o poder político? A maior parte das teorias da ideologia surgiu no interior da tradição de pensamento materialista, e faz parte desse materialismo ser cético quanto a atribuir qualquer prioridade muito elevada à “consciência” no âmbito da vida social. Decerto, para uma teoria materialista, a consciência sozinha não pode iniciar qualquer mudança notável na história, e pode-se pensar, portanto, que há algo por si só contraditório nesse materialismo que obstinadamente se dedica a investigar signos, significados e valores. (EAGLETON, 1997, p. 41)

Essa passagem se mostra importante na discussão dessa dissertação, pois ela demonstra que não basta se dedicar “a investigar signos, significados e valores”, é preciso apontar de forma prática a manifestação do fenômeno ideológico. Apesar de que os apontamentos feitos nesse trabalho, poderiam ser ceticamente radicalizados ao ponto de ignorar tais amostragens, porém ainda seria um bom ponto a ser atingido.

“O fato de as pessoas não combaterem ativamente um regime político que as oprime talvez não signifique que tenham absorvido mansamente seus valores governantes” (EAGLETON, 1997, p. 42). Eagleton parte do pressuposto de que a sociedade inglesa do período que Margareth Thatcher esteve no poder, tinham “compromissos” mais imediatos, seja o trabalho (chegar exausto dele a ponto de não ter interesse), seja pagar suas contas, seja por medo do próprio regime ou sistema, etc. Mas a própria passagem acima é um exemplo prático do fenômeno ideológico, talvez as pessoas não “absorvam mansamente seus valores”, porém, ao passo que o fenômeno ideológico se torna palpável, no sentido de inibir as pessoas (de cobrar Educação por exemplo) e fazer com que “aceitem passivamente” mudanças que podem se provar desfavoráveis na prática, ele deixa de ser somente especulativo e passa a ser real.

Nesse sentido, Eagleton (1997, p. 44) cita que “conforme argumentou Gramsci, a consciência dos oprimidos é, em geral, um amálgama contraditório de valores absorvidos de seus governantes e noções que se originam, mais diretamente, de sua experiência prática”. Tal percepção é importante para compreendermos o arcabouço ideológico que envolve a Educação Escolar e a nossa hipótese da existência de um processo de

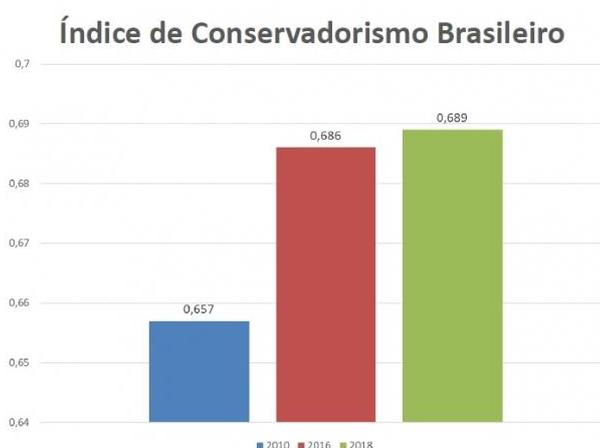
precarização do ensino público nos níveis nacional, estadual e municipal. Se o fenômeno ideológico tem um efeito prático e mesmo assim esse efeito não é “percebido”, essa não é a função última de uma ideologia, ou seja, ter um efeito prático e pouco perceptível as massas?

Ao analisarmos a situação da Educação Escolar no Brasil e em Minas Gerais durante a pandemia, é razoável supormos que há uma ideologia e que ela está sendo implementada? Que os efeitos práticos dessa ideologia é tornar as massas cada vez mais cativas em suas incapacidades?

As falas do Presidente Bolsonaro e dos Ministros da Educação têm respaldo na sociedade, o senso de 2018 realizado pelo IBOPE Inteligência, demonstra uma crescente no grupo conservador, o jornalista Miguel do Rosário dissecou os dados do senso e expos no blog “o cafezinho” (ROSÁRIO, 2018), como mostrado a seguir.

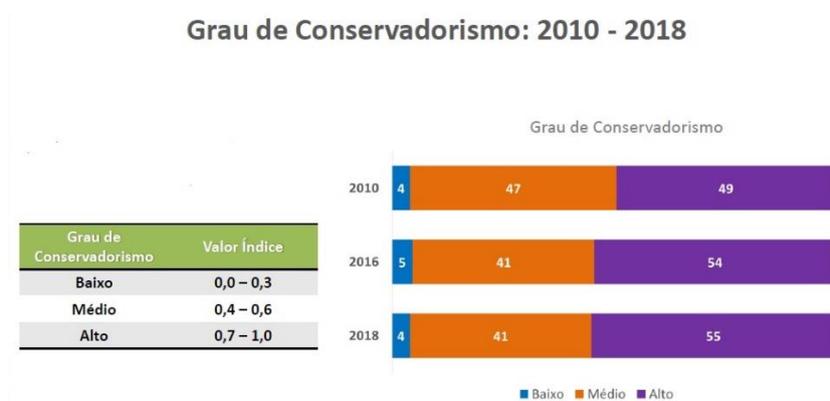
O ponto é que as afinidades ideológicas talvez possam mascarar questões “mais práticas”. O Presidente da República, por exemplo, ao se contrapor às pautas progressistas como o como casamento homossexual e o aborto, amplifica os interesses dos grupos conservadores que enxergam na educação, uma instância de controle moral.

Figura 1 – Pesquisa IBOPE: Índice de Conservadorismo no Brasil entre 2010 – 2018



Fonte: Pesquisa sobre temas polêmicos no Brasil realizada pelo IBOPE em 2018, disponível em Rosário (2018).

Figura 2 – Pesquisa IBOPE: Grau de Conservadorismo entre 2010 – 2018



Fonte: Pesquisa sobre temas polêmicos no Brasil realizada pelo IBOPE em 2018, disponível em Rosário (2018).

“Se a ideologia é ilusão, então é uma ilusão que estrutura nossas práticas sociais; e dessa maneira a ‘falsidade’ está naquilo que fazemos, não necessariamente naquilo que dizemos” (EALGETON, 1997. p. 47). Esse cinismo é, de certa forma, predatório para convívio social e esgarça ainda mais suas capacidades de diálogo. “Em outras palavras, a ideologia não é apenas uma questão a respeito daquilo que penso acerca de uma situação; ela está de algum modo inscrita nessa mesma situação” (EAGLETON, 1997. p. 47). De certa forma essa última passagem contradiz a assertiva que iniciamos essa discussão, “talvez as pessoas não tenham absorvido mansamente os valores do regime que as oprime”, mas elas são ponto de sustento para essa mesma ideologia o que torna essa segunda passagem “insignificante”.

Toda a discussão até aqui é um preâmbulo para entendermos as possibilidades na criação/distribuição, da ideologia que possa influenciar essa fase de criação de demanda no mercado e seus consumidores, ou seja, fatores que vão ser diretamente influentes na *sua forma*.

CAPÍTULO 3: ASPECTOS TEXTUAIS E IMAGÉTICOS: ANÁLISE INTRODUTÓRIA DOS MATERIAIS

O tipo textual que é encontrado em abundancia nos livros e materiais da disciplina de História, é do tipo informativo. Segundo os PCNEF (BRASIL, 2020, p. 23), “toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva”. Isso demonstra que cidadania está intimamente ligada a capacidade de entender o texto, conseqüentemente, o contexto. Além disso:

No trabalho com os conteúdos previstos nas diferentes práticas, a escola deverá organizar um conjunto de atividades que possibilitem ao aluno desenvolver o domínio da expressão oral e escrita em situações de uso público da linguagem, levando em conta a situação de produção social e material do texto (lugar social do locutor em relação ao(s) destinatário(s); destinatário(s) e seu lugar social; finalidade ou intenção do autor; tempo e lugar material da produção e do suporte) e selecionar, a partir disso, os gêneros adequados para a produção do texto, operando sobre as dimensões pragmática, semântica e gramatical. (BRASIL, p. 49)

Porém é necessário um definir um método para análise do material, como é descrito a seguir:

A regra que se deve seguir é, portanto, começar por compreender o texto em si mesmo antes de perguntar o que dele se pode utilizar em história. Assim, chegamos a esta regra geral do método: o estudo de qualquer documento deve começar por uma análise do seu conteúdo (Langlois; Seignobos, 1946 [1897] *apud* CARDOSO, VAINFAS, 2012, p. 225).

A análise do conteúdo é fundamental para definirmos as capacidades desenvolvidas ou não, nos materiais didáticos do Ensino de História. O conteúdo pode proporcionar uma experiência enriquecedora ou desastrosa quando não feito com cuidado e rigor metodológico. Portanto, é necessário que haja conteúdo palpável dentro dos materiais para haver uma dinâmica textual que possa desenvolver as capacidades dos estudantes no processo de aprendizagem.

O livro é um dos principais materiais didáticos no contexto da educação escolar pública brasileira, sendo assim, ele deve conter diversos elementos didáticos, fazendo pontes com outras ferramentas que compreendam o processo de ensino e aprendizagem.

Sua função é dar o suporte necessário para que professor e aluno possam construir pontes para o conhecimento.

Como sugere o adjetivo didático, que qualifica e define um certo tipo de obra, o livro didático é instrumento específico e importantíssimo de ensino e de aprendizagem formal. Muito embora não seja o único material de que professores e alunos vão valer-se no processo de ensino e aprendizagem, ele pode ser decisivo para a qualidade do aprendizado resultante das atividades escolares. (LAJOLO, 1996, p. 4)

A parte destinada ao conteúdo do manual do professor, ou instrução aos familiares também será objeto de análise. O livro do professor é um material rico em observações, metodologias, “soluções” relativas, etc...

Por dever de ofício, o professor torna-se uma espécie de leitor privilegiado da obra didática, já que é a partir dele que o livro didático chega às mãos dos alunos. Daí que o livro do professor precisa ser mais do que um exemplar que se distingue dos outros por conter a resolução dos exercícios propostos. (LAJOLO, 1996, p. 5)

A rigor, os materiais contextualizam os conteúdos contidos em suas páginas, por exemplo, o uso de imagens, ou mais tecnicamente, suas iconografias.

A iconografia é, certamente, uma fonte histórica das mais ricas, que traz embutidas as escolhas do produtor e todo o contexto no qual foi concebida, idealizada, forjada ou inventada. Nesse aspecto, ela é uma fonte como qualquer outra e, assim como as demais, tem que ser explorada com muito cuidado. Não são raros os casos em que elas passam a ser tomadas como verdade, porque estariam retratando fielmente uma época, um evento, um determinado costume ou uma certa paisagem. Ora, os historiadores e os professores de História não devem, jamais, se deixar prender por essas armadilhas metodológicas. [...] A imagem, bela, simulacro da realidade, não é realidade histórica em si, mas traz porções dela, traços, aspectos, símbolos, representações, [...] induções, códigos, cores e formas nelas cultivadas. Cabe a nós decodificar os ícones, torná-los inteligíveis o mais que pudermos identificar seus filtros e, enfim, tomá-los como testemunhos que subsidiam a nossa versão do passado e do presente, ela também, plena de filtros contemporâneos, de vazios e de intencionalidades. Mas a História é isto! É construção que não cessa, é a perpétua gestação, como já se disse, sempre ocorrendo do presente para o passado. É o que garante a nossa desconfiança salutar em relação ao que se apresenta como definitivo e completo, pois sabemos que isso não existe na História, posto que inexistente na vida dos homens, que são seus construtores. (PAIVA, 2006, p. 17-19)

É importante que o uso da imagem seja estimulado, principalmente no ensino de História. No caderno temático do Paraná, a professora do PDE (Programa de

Desenvolvimento Educacional), Valesca Giordano Litz, tece as seguintes considerações entre imagem e ideologia:

No processo pedagógico com o uso de imagens deve-se avaliar a importância da influência ideológica que as aplicam, em que o próprio processo de cognição e codificação da história seja o viés pelo qual os alunos, enquanto sujeitos do conhecimento, entendam que também são atores sociais e tomem consciência de seus atos, uma vez que “a ideologia é uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência.” (LITZ, 2008, p. 5)

Abordar os estudantes com a pergunta direta: O que você observa? Pode gerar um desconforto, pois nem sempre o que é claro para o mediador é claro para o estudante, assim ele pode se sentir pressionado, comprometendo o desenvolvimento da ação mediática. É preciso estar atento a estas questões para que o exercício não se torne uma atividade sem significação. Acredito ser mais prudente abordar o estudante com questões abertas do tipo: Vamos conversar sobre esta imagem? O que você pode me dizer sobre esta imagem? O que podemos ver nesta imagem? Estas questões podem trazer o adolescente para perto do mediador, tirando a aura incisiva e inquisitorial de uma pergunta direta, dando a ação um clima mais amistoso e de parceria, o aluno não se sente só, mas amparado pelo emprego do pronome em terceira pessoa: “vamos” ou “podemos”. (LITZ, 2008, p. 9)

Segundo Guedes e Nicodem (2017, p. 2) “as imagens, assim como muitos outros recursos audiovisuais, ajudam o educador a atrair a atenção do aluno, mas não modifica categoricamente a relação pedagógica”. Porém as imagens podem ter várias facetas, as autoras nos apresentam duas delas:

Ao inserir as imagens como fonte de ensino/aprendizagem deve-se ter ciência de que elas possuem duas versões para o aluno: a de ilustração e a de transmissão de informação, pois seu uso de maneira adequada transforma o aluno, antes somente receptor de informação, em um criador de opinião. O aluno que aprende a analisar as imagens e compará-las com outros materiais de uso estratégico, certamente está produzindo conhecimento. (GUEDES, NICODEM, 2017, p. 2)

A preocupação com a utilização de recursos imagéticos no processo de ensino e aprendizagem é algo que já vem sendo estimulado e apontado por muito tempo. Circe Bittencourt já fazia esse mesmo apontamento desde final dos anos 90.

Fazer os alunos refletirem sobre as imagens que lhe são postas diante dos olhos é uma das tarefas urgentes da escola e cabe ao professor criar as oportunidades, em todas as circunstâncias, sem esperar a socialização de suportes tecnológicos mais sofisticados para as diferentes escolas e condições de trabalho, considerando a manutenção das enormes

diferenças sociais, culturais e econômicas pela política vigente. (BITTENCOURT, 1998, p. 89)

Porém é “importante salientar aos alunos que as imagens não devem ser estudadas de forma isolada, mas no interior de um contexto maior dos conteúdos curriculares de História”. E “é de suma importância que a imagem que esteja sendo estudada no contexto da sala de aula seja criteriosamente analisada pelo professor antecipadamente” (GUEDES, NICODEM, 2017, p. 3).

Nos estudos de Guedes e Nicodem (2017), os alunos são o centro de toda dinâmica e isso é enriquecedor para o processo de ensino e aprendizagem. As autoras são taxativas em relação a isso:

Os alunos consideram as imagens uma ferramenta para tornar as aulas mais interessantes, sendo possível relacioná-las com os conteúdos apreendidos, marcando positivamente sua aprendizagem, possibilitando conhecer uma outra linguagem mais dinâmica, proporcionando um posicionamento crítico diante da realidade que se encontra inserido, colaborando para o desenvolvimento do imaginário popular sobre a história. (GUEDES, NICODEM, 2017, p. 8-9)

Há um motivo basilar para essa citação acima, pois vivemos em uma sociedade imagética. Claro que a imagem é a forma de linguagem mais primitiva que cultivamos, desde antes do surgimento do Homo *sapiens*. Isso demonstra que a comunicação visual é algo importante em nossa cultura enquanto espécie e que a abstração às vezes não consegue ter a mesma eficácia.

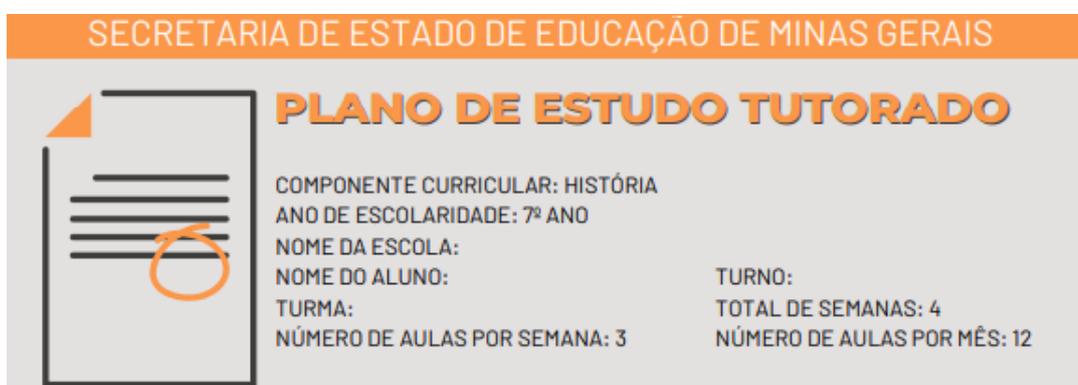
O mundo atual é imagético. A sociedade se traduz principalmente na visualidade; cartazes, placas, “folders”, “outdoors”, esses meios de comunicação dominam a propaganda e a mídia. A TV, as máquinas fotográficas, as filmadoras digitais, os celulares, os “blu-rays”, invadem a casa da população brasileira. As crianças e os adolescentes privilegiam a imagem mais do que os textos. Assim, por causa deste aparato tecnológico disponível aos alunos, urge aos professores/pesquisadores a utilização desta metodologia no ensino/aprendizagem. (COELHO, 2012, p. 189)

Se a cultura de nossa sociedade é imagética, como utilizar toda essa visualidade de maneira a desenvolver materiais e conteúdos robustos? É possível construir um conteúdo histórico escolar pautado no uso dessa visualidade?

Após essa pequena introdução sobre as imagens e texto, faremos a análise introdutória e depois a análise das semanas do PET e do conteúdo relacionado no material Trilhas de Aprendizagem. Passemos então a análise do *conteúdo histórico escolar*. A

análise do conteúdo do PET e do segundo material didático (Trilhas de Aprendizagem) incidirá sobre o recorte temático baseado na 1º (primeira) semana do PET do Estado de Minas Gerais. Portanto, serão cotejados os conteúdos temáticos em consonância com a proposta do PET. As escolhas das semanas e a sequência de suas análises foram escolhidas de modo a pontuar conteúdos em voga no debate historiográfico. Antes de abordarmos diretamente o conteúdo das semanas, temos de mostrar como é disposto a capa da disciplina de história, algumas informações sobre a matéria, um pequeno “sumário” sobre o conteúdo supostamente abordado, sua temática, etc.

Figura 3 - Imagem – Cabeçalho PET (História)



Plano de Estudo Tutorado 7º ano. Fonte: Minas Gerais (2020, p. 51).

Como podemos ver, nessa primeira imagem temos o cabeçalho/capa da unidade referente a disciplina de História. É um cabeçalho simples que visa somente explicitar o número de aulas, o total de semanas e o número de aulas mensais. Essas informações prestam-se a delimitar o número de aulas para cada um dos conteúdos/temas.

Na próxima imagem (figura 4), referente às informações contidas na primeira página do PET, temos quadros informativos. Esses quadros informativos são certamente incompletos, uma vez que não tem qualquer forma de orientação aos professores. O material busca orientar os pais (que estão participando ativamente desse processo de ensino e aprendizagem), aos alunos (que são parte principal desse processo), porém o professor é deixado de lado como se fosse pressuposto sua total capacidade de enfrentamento de novos desafios (pandemia, aulas online, mídias, etc.).

Ao analisar o conteúdo dos quadros informativos, podemos perceber o uso de uma linguagem formal e que possivelmente não dará conta de seu objetivo que é informar, já que grande parte do Estado. No quadro de “conselho ao aluno”, temos a seguinte afirmativa “nesses planos, você terá acesso aos conceitos básicos da aula, e em seguida

realizará algumas atividades”. Será mesmo que o material dará conta desses conceitos básicos? Quais os livros apontados como base para o material do PET?

Entendemos que as informações iniciais validam as preocupações e pontos levantados no início da dissertação, de que houve certa negligência na preparação do material, tomando o aluno como pesquisador e plenamente capaz de percorrer todo esse processo que ainda veremos. Outro ponto crítico nessas informações é de afirmar a necessidade de outras fontes e conseqüentemente, que essas fontes seriam de responsabilidade dos pais e dos alunos, o que é absurdo. É importante fazer uma ressalva, fontes adjacentes aos conteúdos de um material didático são muito bem vindas, porém temos de partir do pressuposto de total normalidade e condição material (recursos) do processo, a primeira é difícil, pois somos bombardeados de situações complexas durante o processo de ensino e aprendizagem. Já a condição material é praticamente improvável no contexto brasileiro,² pois vivemos em um país muito desigual e essa desigualdade pressupõe a falta de condição material dentro desse processo.

² <https://exame.com/tecnologia/no-pre-covid-brasil-tinha-12-mi-de-familias-sem-acesso-a-internet-em-casa/>. Acesso em 07 nov. de 2021.

Figura 4 - Imagem – Orientações (PET)

ORIENTAÇÕES AOS PAIS E RESPONSÁVEIS	DICA PARA O ALUNO	QUER SABER MAIS?
<p>Prezado responsável, estamos vivenciando um momento de propagação em escala planetária do COVID-19, e como precaução e seguindo orientações nacionais e do governo estadual, nossas unidades escolares foram fechadas. Para não interrompermos o aprendizado sistematizado de nossos estudantes, preparamos um plano de estudo dividido em semanas e aulas que deverá ser realizado pelos alunos em seu espaço de vivência. Os conceitos principais de cada aula serão apresentados e em seguida o aluno será desafiado a resolver algumas atividades. Para respondê-las, ele poderá fazer pesquisas em fontes variadas disponíveis em sua residência.</p> <p>Contamos com sua colaboração para auxiliar seu(s) filho(s) na organização do tempo e no cumprimento das atividades.</p>	<p>Caro aluno, cara aluna! A suspensão das aulas em virtude da propagação do COVID-19 foi uma medida de segurança para sua saúde e da sua família. Mas, não é motivo para que você deixe de estudar e aprender sempre. Dessa forma, você receberá planos de estudo de cada um dos componentes curriculares. Nesses planos, você terá acesso aos conceitos básicos da aula, e em seguida realizará algumas atividades. Para resolvê-las busque informações em diferentes fontes, inclusive no seu Livro Didático. Os Planos de Estudo são um complemento para os conteúdos do seu livro. Sabemos e confiamos no seu potencial em aprender.</p> <p>Contamos com seu esforço e dedicação para não perder tempo e continuar aprendendo e ampliando seus saberes.</p>	<p>Anotar é um exercício de seleção das ideias e de maior aprendizado, por isso...</p> <p>(1) Ao anotar, fazemos um esforço de síntese. Como resultado, duas coisas acontecem. Em primeiro lugar, quem anota entende mais, pois está sempre fazendo um esforço de captar o âmago da questão. Repetindo, as notas são nossa tradução do que entendemos do conteúdo.</p> <p>(2) Em segundo lugar, ao anotar, nossa cabeça vaga menos. A disciplina de selecionar o que será escrito ajuda a manter a atenção no que está sendo dito ou lido, com menos divagações ou preocupações com outros problemas. Quando bate o sono ou o tédio, é a melhor maneira de retomar a atenção.</p> <p>Caro (a) aluno (a), busque anotar sempre o que compreendeu de cada assunto estudado.</p>

51



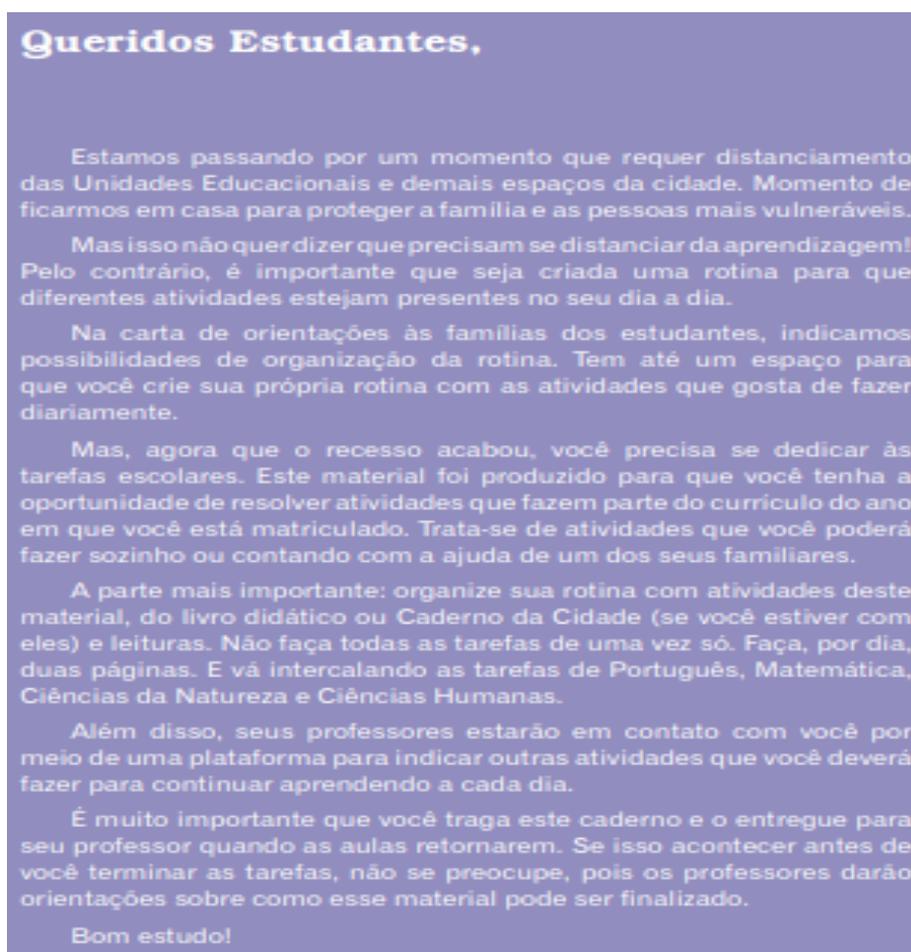
Plano de Estudo Tutorado 7º ano. Fonte: Minas Gerais (2020, p. 51).

O ano de 2019 quase 80% da população ter acessado de alguma forma a internet, a esmagadora maioria teve acesso pelo celular 98,6%, mas 95.7% desses acessos tiveram como finalidade troca de mensagens e imagens, chamadas por voz, redes sociais de forma geral.³

O material Trilhas de Aprendizagem tem uma abordagem um pouco mais sutil, porém contem muito mais informações como veremos a seguir.

³ <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html> . Acesso em 07 nov. de 2021.

Figura 5 - Imagem – Carta aos estudantes (Trilhas)



Trilhas de Aprendizagem, Ensino Fundamental – 7º ano. Fonte: São Paulo (2020).

Um primeiro apontamento a ser feito, é que essa carta inicial já pressupõe que talvez o estudante não tenha materiais/fontes adjacentes (livro didático, caderno da cidade, etc.), o que torna o material um pouco mais lúcido quanto à realidade do estudante.

Figura 6 - Imagem – Orientações COVID (Trilhas)



Trilhas de Aprendizagem, Ensino Fundamental – 7º ano. Fonte: São Paulo (2020. p. 2).

Outro ponto interessante de se observar ainda no início do material é a parte destinada as informações sobre a COVID. Por se tratar de um vírus, muitas pessoas não o conhecimento básico para enfrentamento de uma pandemia, tornando necessário todo tipo de propagação de informação e conseguimos perceber essa preocupação no material anteriormente mencionado. O estímulo visual também é algo que chama atenção, dando um contraste muito grande nas informações adjacentes.

Além da carta aos estudantes, temos também uma carta aos pais. Nessa carta contém uma explicação resumida do contexto da pandemia, orientações de como minimizar os efeitos do distanciamento e o tempo dos estudantes fora de sala. As mídias sociais são um dos principais meios pelo qual os pais devem se informar.

Figura 7 - Imagem – Carta as famílias (Trilhas)

Carta para as famílias

Estamos vivendo um momento único e, por isso, é importante que estejamos unidos e focados em buscar soluções para enfrentar o surto de Covid-19. A educação tem um papel importante neste processo por ser um caminho potente para conscientização da sociedade, especialmente das crianças e jovens. As famílias também têm um papel fundamental! Mais do que nunca, precisamos caminhar juntos para atravessarmos este momento dando exemplo e inspirando os nossos estudantes.

A suspensão de aulas é uma medida que foi pensada e decidida juntamente com equipes da Secretaria de Estado da Saúde, alinhada às diretrizes do Ministério da Saúde para conter a pandemia. Por isso, é muito importante que todos respeitem o distanciamento social, entendendo que esse momento não é uma parada pedagógica como estamos acostumados nas férias. Em outras palavras, devemos evitar sair de casa para ir à eventos, parques, restaurantes e outros espaços onde existem aglomerações.

Por esse motivo, sugerimos, neste documento, atividades a serem realizadas com bebês, crianças, jovens e adultos, buscando minimizar os efeitos de afastamento temporário das Unidades Educacionais. Além disso, você encontra aqui dicas de como apoiar os estudantes pelos quais é responsável para que se mantenham motivados a estudar e sigam aprendendo.

É importante que os familiares acompanhem os sites, mídias sociais e endereços oficiais das Secretarias de Educação do Estado e dos Municípios para mais informações e orientações. Seguimos juntos, em uma oportunidade de fortalecer os vínculos entre famílias, estudantes e Estado. Certamente, em situações desafiadoras como essa, aprendemos muito e nos fortalecemos como sociedade.

Contamos com a colaboração de todos!

Trilhas de Aprendizagem, Ensino Fundamental – 7º ano. Fonte: São Paulo (2020. p. 3).

Os recortes demonstrados anteriormente são parte da apresentação do material. Assim como em qualquer material didático, há uma pequena contextualização e apresentação, seguido de cartas para estudantes e pais. A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida a escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos (REIS, 2007, p. 6).

Logo após essa pequena introdução, os materiais geralmente mostram sua linha metodológica, linha historiográfica, sua sequência de capítulos e informações extras. Ao se tratar de materiais construídos durante o contexto pandêmico, as introduções podem e são modificadas.

O material Trilhas de Aprendizagem tem em sua introdução dois quadros interessantes. O primeiro é um questionamento feito na divisão descrita como “Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio”. Como essa divisão diz respeito ao nosso recorte temático, elegemos analisá-lo.

Figura 8 - Imagem – Orientação Ensino Fundamental (Trilhas)

Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio

Você conhece os sonhos do estudante pelo qual é responsável? Sabe se ele(a) quer cursar uma faculdade, viajar para outro país, vencer a timidez ou trabalhar com tecnologia? Se sim, as próximas semanas serão uma ótima chance para conversar mais com ele(a) sobre isso e, também, para conectar, por exemplo, o que é ensinado na aula de Matemática ou História com o projeto de vida dele(a). Se não conhece os sonhos e projetos dele(a), fique tranquilo(a)! Você vai descobrir muito sobre o que ele(a) deseja para o futuro e como a escola pode ajudá-lo(a) a chegar lá!

Anote aqui alguns dos sonhos do(a) estudante pelo qual você é responsável:

Quando o estudante pode contar com os adultos com quem vive para acompanhar os seus estudos, ele aprende muito mais. Nas próximas semanas, isso será ainda mais importante. Para que você esteja ainda mais preparado(a) para essa tarefa, vamos falar um pouco sobre como os adolescentes aprendem?

Trilhas de Aprendizagem, Ensino Fundamental – 7º ano. Fonte: São Paulo (2020, p. 11).

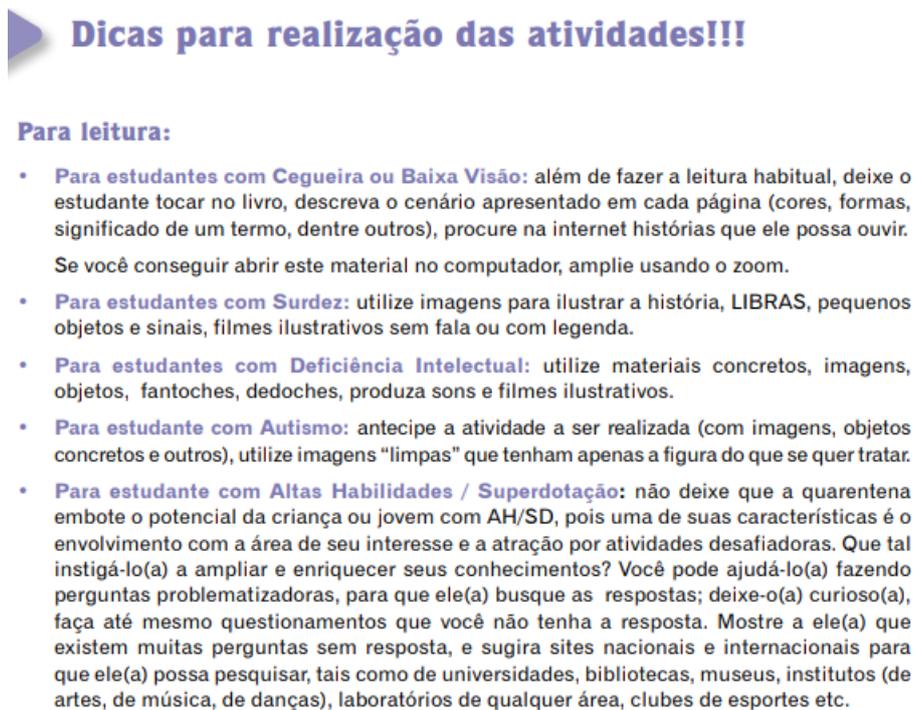
O primeiro quadro traz uma pergunta direcionada tanto aos pais, quanto aos professores. A família, é a *priori*, o lugar de sobrevivência e garantia dos filhos e demais membros, independentemente de seu arranjo. Além do aporte afetivo, é dentro da família que há o suporte material necessário para o desenvolvimento e bem estar do indivíduo. É no núcleo familiar que se desenvolve o papel decisivo no processo de educação formal e informal, lugar onde são absorvidos os valores éticos e humanitários (KALOUSTIAN, 1988, p. 22).

Alguns professores de história foram confrontados com uma forma diferente da qual estavam habituados trabalhar, essa forma poderia permitir liberar as amarras institucionais e abrir novas perspectivas, trilhando novos caminhos, criando novos sonhos. Segundo Nóvoa,

Nem sempre temos sido capazes de pensar o passado e de projetar o futuro com imaginação e liberdade. Quantas vezes nos temos fechado na repetição das mesmas ideias? Quantas vezes temos sido incapazes de escrever e de fazer uma outra história? É urgente (re)pensar a educação. Livrementemente. Sem limites. (NÓVOA, 2021, p. 4)

Já o segundo quadro, o que chama atenção nesse material é o que traz de dicas para a realização das atividades. Ao pressupor que os pais não sabem como ajudar os estudantes no processo de ensino e aprendizagem, o quadro seria utilizado como uma ferramenta de auxílio aos pais, para que seja consultado e aplicado sempre que possível/viável.

Figura 9 - Imagem – Dicas para Atividades (Trilhas)



Dicas para realização das atividades!!!

Para leitura:

- **Para estudantes com Cegueira ou Baixa Visão:** além de fazer a leitura habitual, deixe o estudante tocar no livro, descreva o cenário apresentado em cada página (cores, formas, significado de um termo, dentre outros), procure na internet histórias que ele possa ouvir. Se você conseguir abrir este material no computador, amplie usando o zoom.
- **Para estudantes com Surdez:** utilize imagens para ilustrar a história, LIBRAS, pequenos objetos e sinais, filmes ilustrativos sem fala ou com legenda.
- **Para estudantes com Deficiência Intelectual:** utilize materiais concretos, imagens, objetos, fantoches, dedoches, produza sons e filmes ilustrativos.
- **Para estudante com Autismo:** antecipe a atividade a ser realizada (com imagens, objetos concretos e outros), utilize imagens "limpas" que tenham apenas a figura do que se quer tratar.
- **Para estudante com Altas Habilidades / Superdotação:** não deixe que a quarentena embote o potencial da criança ou jovem com AH/SD, pois uma de suas características é o envolvimento com a área de seu interesse e a atração por atividades desafiadoras. Que tal instigá-lo(a) a ampliar e enriquecer seus conhecimentos? Você pode ajudá-lo(a) fazendo perguntas problematizadoras, para que ele(a) busque as respostas; deixe-o(a) curioso(a), faça até mesmo questionamentos que você não tenha a resposta. Mostre a ele(a) que existem muitas perguntas sem resposta, e sugira sites nacionais e internacionais para que ele(a) possa pesquisar, tais como de universidades, bibliotecas, museus, institutos (de artes, de música, de danças), laboratórios de qualquer área, clubes de esportes etc.

Trilhas de Aprendizagem, Ensino Fundamental – 7º ano. Fonte: São Paulo (2020, p. 18).

A inclusão é parte fundamental em um material didático e é evidente que há no material Trilhas de Aprendizagem uma tentativa de abarcar essa inclusão, tornando o material mais rico. No começo do século XX se ampliaram as tentativas de inserção de alunos com deficiência nas escolas regulares, o que aconteceu por meio da criação de classes especiais (VAZ et al., 2012, p. 83). Foi somente no final do mesmo século que as discussões sobre política e educação inclusiva foram ampliadas (MENDES, 2002).

Segundo Vaz et al. (2012, p. 84) o decreto 7.611 de 17 de novembro de 2011, que dispõe sobre pontos importantes da Educação Inclusiva no país. Em seu artigo 5º o documento propõe que a União prestará apoio técnico e financeiro aos estados, municípios e instituições especializadas entre outras questões para:

§ 4o A produção e a distribuição de recursos educacionais para a acessibilidade e aprendizagem incluem materiais didáticos e paradidáticos em Braille, áudio e Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, laptops com sintetizador de voz, softwares para comunicação alternativa e outras ajudas técnicas que possibilitam o acesso ao currículo (BRASIL, 2011).

A forma com a qual o material paulistano trabalha os recursos educacionais para acessibilidade é interessante e gera um contraste em comparação ao material mineiro. Podemos observar uma diferença significativa entre os materiais. Enquanto um é propositivo em sua abordagem introdutória (Trilhas de Aprendizagem), o outro (PET-MG) parece menos interessado em explicar para aos pais e estudantes o contexto pandêmico, suas consequências e demandas. A inclusão é outro divisor de águas nos materiais, o cuidado ao tratar os diversos tipos de dificuldades enfrentados pelos estudantes é outro fator a se observar, o Trilhas de Aprendizagem tem uma sessão para orientar os pais e familiares como proceder diante de alguns obstáculos, enquanto o Plano de Estudo Tutorado não.

3.1 SEMANA 1 (PET) E TRILHAS DE APRENDIZAGEM

A abordagem será iniciada sempre pelo cabeçalho das Semanas do Plano de Tutorado (MG), suas propostas temáticas, objetivos, atividades, anexos, etc.

A proposta da primeira semana do PET (figura 10) reúne conteúdos com o intuito de “explicar o significado de modernidade e suas logicas de inclusão e exclusão, com base numa concepção europeia”. Segundo Gumbrecht é identificado pelo menos três significados básicos para o conceito “moderno” assumiu durante o tempo:

o primeiro significado é simplesmente “presente”, em oposição a “anterior” ou “prévio”, e foi usado dentro de tradições institucionalizadas onde tendências se sucedem temporalmente.

o segundo significado é de “novo” e oposição a “velho”: nesse caso já se tem o embrião de uma consciência epocal onde moderno define um espaço de experiência presente que se quer distinto do passado. Esse uso geralmente está ligado a um esquema temporal mais ou menos explícito de hierarquização das eras, ou seja, é fortemente valorativo.

Por fim temos o significado de “período transitório”, em oposição ao eterno. Nessa versão, moderno designa um presente que é experimentado como fluxo temporal contínuo e veloz que, como tal, só pode ser oposto ao eterno, qual inamovível. (GUMBRECHT, ~~apud~~ FERES JÚNIOR, 2010, p. 31)

Figura 10 - Imagem – Cabeçalho Semana 1 (PET)

SEMANA 1
UNIDADE(S) TEMÁTICA(S): O mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias.
OBJETO DE CONHECIMENTO: A construção da ideia de modernidade e seus impactos na concepção de História.
HABILIDADE(S): (EF07HI01) Explicar o significado de “modernidade” e suas lógicas de inclusão e exclusão, com base em uma concepção europeia.
CONTEÚDOS RELACIONADOS: <ul style="list-style-type: none">• Feudalismo• A crise do sistema feudal• Fim da Idade Média.
INTERDISCIPLINARIDADE: Arte (EF69AR02P7) Pesquisar e descrever diferentes estilos visuais, contextualizando-os no tempo e no espaço e associando-os à cultura local. Ensino Religioso (EF07ER06X) Identificar princípios éticos e valores morais em diferentes tradições religiosas e filosofias de vida, discutindo como podem influenciar condutas pessoais e práticas sociais.

Plano de Estudo Tutorado 7º ano. Fonte: Minas Gerais (2020. p. 52).

Ao levar em consideração o conceito supracitado, podemos aferir que essa semana traz em seu bojo um tipo de conteúdo com nível de abstração muito grande, começando pelo conceito de modernidade. Dado o seu alto grau de abstração, conceitos como o de “modernidade”, de forma geral, são demasiadamente complexos de serem assimilados pelos alunos do ensino fundamental. Dentre outros aspectos, sua apreensão exige a execução de um processo de aprendizagem que lance mão de recursos audiovisuais que aproximem a discussão conceitual do repertório simbólico e do cotidiano dos alunos. No entanto, na proposta em questão, o estudante é conduzido da leitura do cabeçalho diretamente para a realização de atividades.

Figura 11 - Imagem – Atividades Semana 1 (PET)

ATIVIDADES

Agora é hora de testar seus conhecimentos, lembre-se de que as pesquisas e consultas são permitidas e bem-vindas para que você realize com sucesso as atividades.

ATIVIDADE 1- Faça uma pesquisa em livros ou internet sobre o Feudalismo e responda as questões em seu caderno:

- a) Quais eram as principais atividades econômicas na época feudal?
- b) Quem exercia o poder na sociedade feudal?
- c) Qual era a importância da religião no período feudal?
- d) Quais as características do Feudalismo?

ATIVIDADE 2- O Feudalismo sofreu mudanças com o renascimento comercial e urbano. O crescimento das cidades contribuiu para a diminuição do poder dos senhores feudais, o que abalou o Feudalismo. Muitos servos fugiram para as cidades em busca de melhores condições de vida.

A cidade de Bruges, na Bélgica, foi fundada na Idade Média e até hoje, mantém sua forma original. Por essa razão, foi declarada pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), patrimônio histórico da Humanidade. No Brasil temos várias cidades consideradas patrimônio histórico como: Ouro Preto e Tiradentes em Minas Gerais, Paraty no Rio de Janeiro, Laguna em Santa Catarina, etc.

1- Escolha uma dessas cidades e conte a sua história.
2- Você pode visitar os seguintes sites para a sua pesquisa:
www.iplan.gov.br;
www.unesco.org/pt/brasil;
www.wikitavel.org/pt/patrimomiohumanidade.

Plano de Estudo Tutorado 7º ano. Fonte: Minas Gerais (2020, p. 53).

A construção do conhecimento é um processo e nele são necessárias informações, textos, imagens, etc. A maneira pela qual o material avança em sua abordagem, não permite que o processo tenha uma qualidade ou sequer tenha um processo. A **ATIVIDADE 1** é totalmente questionável na primeira categoria de análise que elencamos, pois possui um nível de simplificação de conteúdo muito alto. O nível de simplificação alto é devido a forma pela qual é apresentado o tema, não havendo imagens, textos, balões de diálogo, recursos imagéticos, etc. Não há nada no material que permita a consulta ou contextualização do arsenal conceitual por parte dos estudantes, tornando complexa sua abordagem.

A **ATIVIDADE 1** mero exercício de copiar e colar, fazendo com que o estudante apenas memorize o conteúdo, sem estimular o desenvolvimento de sua capacidade crítica, estratégia que compromete a fruição do conhecimento e do próprio processo de ensino e aprendizagem.

Já a **ATIVIDADE 2**, temos um pequeno parágrafo anexo, explicando que algumas cidades pelo mundo são tidas como patrimônio histórico da humanidade e foram

criadas ainda na Idade Média. O exercício tem o intuito de levar o estudante a buscar outras fontes (internet) e direciona para alguns sites, é uma atividade interessante se pressupormos tal disciplina de estudo adotada pelo estudante. Porém, temos dois problemas nesse tipo de abordagem, o primeiro está relacionado aquilo dito anteriormente: a falta de condições materiais que permita o aluno acessar a internet. Já o segundo está relacionada a falta de disciplina nos estudantes em atividades “sem mediação”, podendo levar o estudante a não as fazer.

O intuito desses apontamentos é mostrar a fragilidade dos materiais, colocando em risco o aprendizado dos estudantes. Passemos para o material Trilhas de Aprendizagem.

No material Trilhas de Aprendizagem, as temáticas que compreendem o ensino de História, estão na divisão nomeada de Ciências Humanas e isso já demonstra sua menor importância face outras disciplinas. Essa perda de importância é proposital atualmente, diluir o conteúdo de História em Ciências Humanas é uma estratégia que coloca diversas áreas do conhecimento dentro de uma grande área, tornando mais complexa sua mediação e mais confusa todas as temáticas, fazendo que seja improvável o desenvolvimento do cidadão crítico. As temáticas não estão organizadas como nos materiais didáticos do Estado de Minas (PET), tão pouco quanto nos livros didáticos.

Não há qualquer tipo de sumário ou instrução nas divisões capitulares, nem mesmo para orientar qual o conteúdo a ser abordado. O mais intrigante é a forma rígida com que é dividido o capítulo, baseando-se em “atividades”.

Em ambos materiais utilizam de atividades em sua primeira abordagem, tanto a primeira semana do PET, quanto os exercícios iniciais do material Trilhas de Aprendizagem, tornando o processo repetitivo e exaustivo. É muito improvável que haja algum tipo de compreensão do conteúdo da primeira semana do PET, em contrapartida, o Trilhas de Aprendizagem apresenta seu conteúdo de forma “aleatória” e sem instrução (tema, objetivos, etc.), tornando difícil o entendimento do seu eixo temático, mas permitindo uma amplificação da discussão. Esse modelo repetitivo é criticado por diversos autores como vai ser apontado:

Reproduzir, fazer mais do mesmo, não garante o futuro da escola, da educação e da felicidade humana. É aqui que encontramos uma importante contribuição de teóricos da história, e principalmente do ensino de história (SCHORSKE, 2000; RÜSEN, 2013; RÜSEN, 2015; CHAPMAN, 2018), que não impõe a naturalização de um modelo moderno de ensino associado a reprodução de informações, conteúdos

de disciplinas; mas, da interpretação dos sujeitos envolvidos na práxis de ensino, sejam eles teóricos, educadores ou educandos sobre as memórias registradas no passado mas significadas e ressignificadas no presente, como exercício de constituição do humano através da formação de uma consciência histórica. (CUNHA, 2019, p. 21)

O formato ultrapassado do Plano de Estudo Tutorado, mostra que a Educação Escolar ainda sim trabalha com perspectivas de memorização e reprodução do conteúdo, deixando de lado um modelo de interpretação das informações, significando e ressignificando o passado no presente.

É possível que os materiais estejam utilizando os métodos de história-problema do historiador Marc Bloch, defendido em seu livro *Apologia da História*. Ao escolher o caminho da história como problema proposto por Bloch, é necessário sabermos quais perguntas fazer para condicionar a análise. “Em outros termos, toda investigação histórica supõe, desde seus primeiros passos, que a busca tenha uma direção” (BLOCH *apud* OLIVEIRA, 2020).

Por se tratar de estudantes de 7º ano, num contexto sem mediação do professor e muitas vezes sem acesso às fontes, é improvável que os métodos da história-problema sejam efetivos.

O PET, apesar de propor e dividir melhor o seu cabeçalho (sumário, objeto, habilidades, etc.), não parece conseguir fornecer uma base conceitual e contextual suficientemente robusta aos estudantes, tornando o processo inócuo. Não há na primeira semana do PET, conteúdo suficiente para podermos dizer se há algum nível de simplificação do conteúdo, ou seja, não temos imagens e textos que permitam inteligibilidade com as atividades propostas em suas páginas. O Trilhas de Aprendizagem como foi apontado ainda na análise, não abarca o mesmo eixo temático do currículo escolar (que há no cabeçalho da semana do PET).

3.2 SEMANA 2 (PET) E TRILHAS DE APRENDIZAGEM

A segunda semana do PET é cheia de surpresas se levarmos em conta sua grande anemia conceitual da primeira semana. Começaremos novamente pelo cabeçalho da semana (figura 12).

O tema da segunda semana é bem amplo e abrangente. As habilidades que compreendem essa semana são de “identificar conexões e interações entre as sociedades

do Novo Mundo, Europa, África e Ásia” e “indicar a complexidade e as interações que ocorreram”.

Figura 12 - Imagem – Cabeçalho Semana 2 (PET)

SEMANA 2
UNIDADE(S) TEMÁTICA(S): O mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias.
OBJETO DE CONHECIMENTO: A ideia de “Novo Mundo” ante o Mundo Antigo: permanências e rupturas de saberes e práticas na emergência do mundo moderno.
HABILIDADE(S): (EF07HI02) Identificar conexões e interações entre as sociedades do Novo Mundo, da Europa, da África e da Ásia no contexto das navegações e indicar a complexidade e as interações que ocorrem nos Oceanos Atlântico, Índico e Pacífico.
CONTEÚDOS RELACIONADOS: <ul style="list-style-type: none">• Conceituar “modernidade”.• Mercantilismo e sua relação com o processo de transição para a sociedade capitalista.• Colonização e Mercantilismo.• Constituição do Estado Nacional/Absolutismo.• Características do Absolutismo.
INTERDISCIPLINARIDADE: Arte (EF69AR02P7) Pesquisar e descrever diferentes estilos visuais, contextualizando-os no tempo e no espaço e associando-os à cultura local. Ensino Religioso (EF07ER06X) Identificar princípios éticos e valores morais em diferentes tradições religiosas e filosofias de vida, discutindo como podem influenciar condutas pessoais e práticas sociais.

Plano de Estudo Tutorado 7º ano. Fonte: Minas Gerais (2020, p. 54).

O material começa com um pequeno apêndice localizado antes das atividades, onde se encontram a definição de alguns conceitos básicos dessa temática como veremos a seguir:

Figura 13 - Imagem – Conceitos Semana 2 (PET)

Modernidade: é um período de tempo que se caracteriza pela realidade social, cultural e econômica vigente no mundo.

Capitalismo: é o sistema de desenvolvimento econômico vivido na maioria dos países pelo mundo.

Burguesia: camada social que se dedicava ao comércio e ao artesanato.

Mercantilismo: Mercantilismo é o nome dado a um conjunto de práticas econômicas desenvolvido na Europa na Idade Moderna, entre o século XV e o final do século XVIII. O mercantilismo originou um conjunto de medidas econômicas diversas de acordo com os Estados. Caracterizou-se por uma forte intervenção do Estado na economia.

Absolutismo: foi uma forma de governo muito comum na Europa entre os séculos XVI e XIX e defendeu a teoria do poder absoluto do rei sobre toda a nação.

A Idade Moderna: entre os séculos XV e XVI ocorreram grandes mudanças na vida da sociedade europeia, atingindo diversos aspectos da experiência humana, como a política, a cultura, a religião, a economia, etc.

No campo político ocorreu o fortalecimento do poder dos reis, dando origem a novas formas de organização do governo.

Na cultura, as artes e o pensamento também passaram por profundas modificações, resgatando valores da Antiguidade.

A experiência religiosa foi profundamente marcada pelo surgimento de novas crenças e igrejas, provocando grandes conflitos.

A vida econômica também sofreu grandes transformações, especialmente através do grande desenvolvimento do comércio. Além disso, viajantes passaram a explorar os mares, chegando a novas terras e povos, antes desconhecidos pelos europeus.

PARA SABER MAIS - Assista ao vídeo "Formação Dos Estados Nacionais Absolutismo e Mercantilismo: Estado e Nação - Conceito e Definição" com duração de 9:45 minutos, disponível no endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=WCvaCn2P7j0> do canal HistóriaAção.

Plano de Estudo Tutorado 7º ano. Fonte: Minas Gerais (2020, p. 55).

Esse apêndice, que traz os conceitos, é importante para consulta dos estudantes, pois nem todos os estudantes tem acesso à internet, fato que inviabiliza a universalidade do processo. Após o tópico “Para Saber Mais”, é iniciada a primeira **ATIVIDADE** da segunda semana, observemos:

Figura 14 - Imagem – Atividades Semana 2 (PET)

ATIVIDADES

Agora é hora de testar seus conhecimentos, lembre-se de que as pesquisas e consultas são permitidas e bem-vindas para que você realize com sucesso as atividades.

ATIVIDADE 1- Agora você já sabe que as origens do Estado Moderno se encontram no final da Idade Média. Leia o texto abaixo, que apresenta uma explicação para o termo “Estado”. Depois observe a charge.

“Estado, entidade abstrata que comanda e organiza a vida em sociedade. [...] É bastante controverso tentarmos estabelecer uma definição geral para o Estado. Mas, podemos pelo menos definir algumas das funções do Estado nacional fixadas historicamente no Ocidente: cabe ao Estado o domínio da força e da repressão, a proteção do território e do povo, o estabelecimento da lei, a manutenção da infraestrutura da sociedade.” SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de conceitos históricos. São Paulo: Contexto, 2005. p.118.

Plano de Estudo Tutorado 7º ano. Fonte: Minas Gerais (2020, p. 55).

Na **ATIVIDADE 1**, temos um pequeno texto explicativo. Esse texto tem a função de apresentar o conceito de “Estado” e apesar de sua abstração, poderia permitir algumas possibilidades de como trabalhar o conceito no processo de aprendizagem. Por exemplo, a assimilação é uma forma comum no processo de aprendizagem, ela consiste em adaptar novos estímulos aos esquemas que já possuímos, mas é necessário construir pontes graduais para o conhecimento.

Na perspectiva de uma educação histórica, o objetivo do ensino de história é que se construa uma ponte gradual, e não um fosso, entre o que os alunos e as alunas aprendem e o que os historiadores, as historiadoras, os filósofos e as filósofas da história pensam e produzem na academia. O desenvolvimento humano é compreendido a partir de uma atitude científica, ancorada na reflexão epistemológica sobre o conhecimento histórico e social. Sem essa compreensão, a eficácia da aprendizagem histórica fica comprometida; por isso, é preciso ter ciência do que os sujeitos pensam historicamente, percorrendo vários níveis. (NICOLINI, C.; MEDEIROS, K., 2021, p. 289)

As estruturas históricas prévias são tudo aquilo que temos como constituição do eu. Os estudantes estão direta e indiretamente ligados com o ambiente em que vivem, criando percepções e demandas. A imagem abaixo demonstra uma situação/condição conhecida no cotidiano brasileiro, os moradores de rua. Essa realidade cotidiana, pode vir a despertar questionamentos por parte dos estudantes, porém, questões como essa podem nunca ter sido abordadas e com recursos imagéticos nas atividades, podemos construir uma ponte entre essas estruturas prévias e as percepções que os estudantes podem ter dessa realidade.

O PET nos surpreende na continuação da **ATIVIDADE 1** da Semana 2 (figura 15). As charges são um tipo de iconografia que são valiosas na composição dos materiais

didáticos, pois geram quase que instantaneamente uma reflexão (que é o seu intuito). Apesar da complexidade da questão **C**, sua objetividade pode ser contundente e instigar o estudante, já que o questionamento é feito sobre elementos concretos presentes na cultura material dos alunos como as moradias, abrindo espaço para respostas imaginativas. A **ATIVIDADE 1** está bem conectada muito bem ao texto, imagem (charge) e as questões, permitindo que o estudante não precise responder de forma rígida. As questões **D** e **E** são complementares, amarrando a “conceitualização” por meio das opiniões dos estudantes, sobre Estado.

Figura 15 - Imagem – Atividade 1 Semana 2 (PET)



- a) De acordo com o texto, quais são as principais funções do Estado?
- b) Segundo a Constituição Brasileira de 1988, todo brasileiro tem direito a moradia, condição necessária para ele se desenvolver como cidadão. Analise a charge acima que critica o descumprimento desse direito social.
- c) O que você pensa sobre essa lei?
- d) Você concorda com a ideia de que o Estado brasileiro deva garantir moradia a todos os cidadãos?
- e) Você acredita que os Estados Nacionais que se formaram na Europa no final da Idade Média também tinham essa função social, voltada para a formação da cidadania?
- f) Registre as suas opiniões no seu caderno de História para que o seu professor dialogue com você na volta das aulas.

Plano de Estudo Tutorado 7º ano. Fonte: Minas Gerais (2020, p. 56).

A **ATIVIDADE 2** tem a mesma ideia da atividade anterior, utilizando-se de imagens como veremos a seguir:

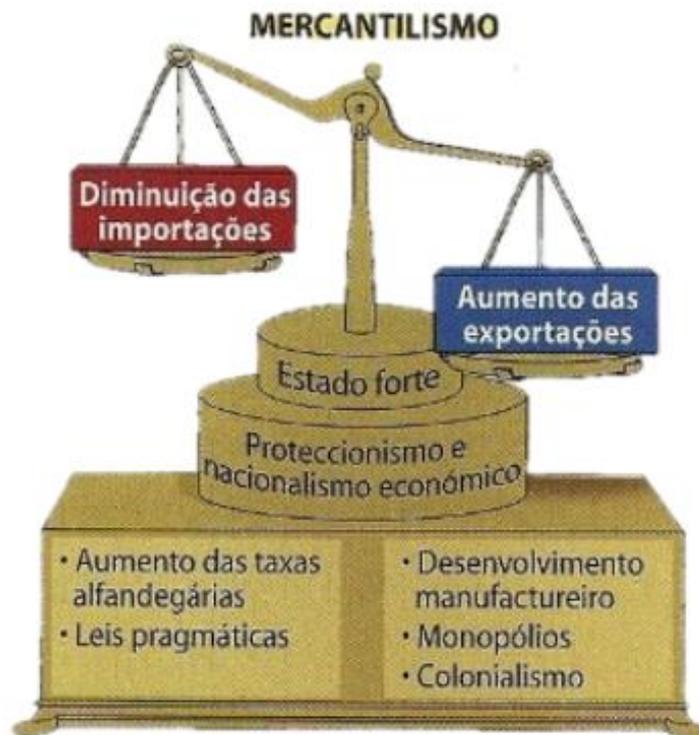
Figura 16 - Imagem – Atividade 2 Semana 2 (PET)

ATIVIDADE 2- Depois de ter visto o vídeo "Formação Dos Estados Nacionais Absolutismo e Mercantilismo: Estado e Nação - Conceito e Definição", agora observe as imagens e responda o que se pede:

Plano de Estudo Tutorado 7º ano. Fonte: Minas Gerais (2020, p. 56).

A atividade contempla diversas formas de informar o estudante, com a indicação (antecipada) de um vídeo, texto, imagens e esquemas. Veremos como funciona a utilização de imagens e esquemas nessa segunda atividade.

Figura 17 - Imagem – Atividade 2 Semana 2 (PET)



O uso de uma balança como forma de condicionar a visão do estudante na contraposição entre “diminuição das importações” e “aumento das exportações”, já é uma forma simbólica de reforçar a mensagem (e o contexto). Apesar do formato piramidal da imagem, o que permite uma ideia de hierarquia de importância, é auto evidente a necessidade de uma mediação, já que algumas palavras podem escapar do vocabulário dos estudantes, por exemplo (alfandegárias, pragmáticas, manufatureiro, colonialismo, etc.). Apesar do uso da imagem para condicionar a leitura do estudante, a balança em questão não é nada atual, o que pode gerar estranheza por parte dos estudantes que não conhecem, além de tornar confuso o entendimento dos aspectos (seu simbolismo, mensagem) elencados acima.

O interessante, na **ATIVIDADE 2**, é sua esquematização dos conceitos e categorização dos termos. A forma de esquemas com setas e cores tem uma importância substancial no processo de aprendizagem, pois permite uma resposta mais rápida na seleção de informações, hierarquizando/organizando os conceitos e explicações.

Figura 18 - Imagem – Atividade 2 Semana 2 (PET)



Já nas questões dessa mesma atividade, as perguntas são rígidas e com pouco espaço para reflexões/questionamentos, tornando a conexão entre texto e imagem meramente reprodutiva, observemos:

Figura 19 - Imagem – Atividade 2 Semana 2 (PET)

- a) Quais são as características do Mercantilismo?
- b) Quais eram os objetivos do Mercantilismo?
- c) Como você descreveria o Absolutismo Monárquico?
- d) Agora pesquise e desenhe a pirâmide da sociedade na Idade Moderna.

Plano de Estudo Tutorado 7º ano. Fonte: Minas Gerais (2020, p. 58).

Quando as questões são colocadas de maneira rígida e objetiva, se tratando de estudantes de 7º ano, é um convite ao desinteresse e reprodução mecânica (copiar e colar) o corpo do texto, frase, palavras. É importante que o material mantenha uma linha mais abrangente e reflexiva, que dialogue com os estudantes e que permita ele de abordar as questões partindo de suas experiências (contemporaneidade), como na **ATIVIDADE 1**.

O material Trilhas de Aprendizagem traz uma breve incursão sobre a arte renascentista na qual são expostas algumas pinturas e quadros da época. O Renascimento, segundo Jacob Burckhardt *APUD* Burke (2010, p.10), ainda em 1860, é definido como “uma cultura moderna criada por uma sociedade moderna”. Peter Burke (2010 p. 10) vai apontar essa visão como arcaica, pois o conceito de “moderno” foi se tornando diferente com o tempo. Para Burke, não é possível entender a cultura Renascentista somente olhando as intenções conscientes dos artistas, escritores e interpretes da época. Burke (2010, p. 12) explica que o conceito é melhor entendido quando observamos a tradição da época, ou seja, “a preocupação não é com a “mensagem”, ato particular da comunicação, mas com o “código”, a linguagem, ou, em termos mais gerais, a tradição cultural que ao mesmo tempo limite o que pode ser dito e torna possível a mensagem”.

Figura 20 - Imagem – Atividade 7 (Trilhas)

ATIVIDADE 7 – Renascimento: a pintura

TRILHA DE CONHECIMENTOS

O período do Renascimento coincide com o da formação das monarquias europeias e da ascensão da burguesia, ou seja, de transição da Idade Média para a Idade Moderna. Nesse contexto, muitos nobres, tornaram-se mecenas, isto é, indivíduos providos de muito dinheiro para o financiamento das artes e de seus idealizadores. Os mecenas foram responsáveis pelo patrocínio de artistas notáveis, como: Leonardo da Vinci, Michelangelo e Rafael de Sanzio. Vamos conhecer um pouco das pinturas desta época.

VAMOS PRATICAR !

- a) Observe as imagens a seguir:

Benci Ginevra
Leonardo da Vinci



Retrato de uma jovem mulher
Botticelli



Trilhas de Aprendizagem, Ensino Fundamental – 7º ano. Fonte: São Paulo (2020, p. 116).

Após apresentar algumas ilustrações, o material traz um quadro sintético (texto) com as características da arte Renascentista:

Figura 21 - Imagem – Atividade 7 (Trilhas)

- b) Agora leia o texto sobre as características da arte renascentista:

“ O pintor é amo e senhor de todas as coisas que podem passar pela cabeça do homem, porque se ele sente o desejo de contemplar belezas que o encantem, é dono de sua criação, e se quiser ver coisas monstruosas, que causem terror, ou que sejam feias, pode ser o dono e o criador delas. (...) Se gosta de criar lugares desertos, ambientes sombreados ou frescos em tempo de calor (...) se deseja contemplar o horizonte do mar, ele pode fazê-lo; se quer contemplar os altos montes a partir dos baixos vales, ou as praias. Tudo que está no universo, em sua essência ou na imaginação (...)”

(Da Vinci, Tratado de la pintura. IN: MARQUES, A. D.; BERUTTI, F. COSTA; FARIA, R.M. História Moderna através de textos. 7ed. -São Paulo. Contexto, 2001)

Agora responda:

- c) A partir da leitura do texto do item B, responda quais são as características da Arte Renascentista que podem ser observadas nas obras do item A.

Trilhas de Aprendizagem, Ensino Fundamental – 7º ano. Fonte: São Paulo (2020, p. 118).

No campo das artes, o Renascimento é também denominado *Quattrocento* e rompe gradativamente com a representação cultural medieval. Para Raposo:

A criação de novo estilo plástico no Quattrocento tem a ver com a mudança de posição do homem em relação a Deus e ao universo. O mundo medieval era uma representação do pensamento de Deus e a natureza era uma realidade em si. No Quattrocento houve um esforço gradativo e racional de distinção entre o material e o moral para no final valorizar o homem. Há um crescimento a partir do séc. XV, no sentido do racional figurativo, do realismo pitoresco, do inventário dos usos, costumes, lugares, gestos da sociedade, que preparam as futuras liberalidades do homem influenciado pela filosofia. O espaço do renascimento afinal não foi um sistema de representação fiel, antes foi um produto do espírito, uma renovação da imaginação que, ao usar novas técnicas conquistou um espaço fictício, aquele da ambientação-padrão, não real. (RAPOSO, 1999, p. 49)

É importante que o material consiga trabalhar de maneira a apresentar pontos de distinção e reforço, entre a cultura renascentista e medieval. Atividades com intuito de comparar artes de períodos diferentes, podem se mostrar uma abordagem interessante.

O material paulistano tenta conectar as ilustrações (quadros e pinturas), com o as informações contidas no quadro de características. Essa conexão fica a critério do estudante, permitindo a utilização da imaginação, mas o quadro de características pode vir a inibir o estímulo imaginativo do estudante, pois trata os temas de forma muito abstrata. A conexão entre texto e imagem deve ser feita com cautela, pois o texto deveria ser uma extensão da imagem e vice-versa, não uma resposta exata do que é proposto no exercício subsequente.

As propostas dos dois materiais didáticos giram em torno de atividades, servindo para além de contextualizar o conhecimento obtido, avaliá-lo. Se esses materiais pretendem avaliar os estudantes no processo de ensino e aprendizagem, é primordial que as atividades sejam bem pensadas e estruturadas. Ambos os materiais são insuficientes no que diz respeito ao volume das informações, pois o conteúdo é apresentado de forma extremamente sintetizada seja pelo texto resumido, seja pelos quadros conceituais. Porém o PET se saiu melhor na Semana 2, trazendo uma atividade simples e com uma capacidade de abertura de diálogo muito maior com pais e estudantes, pois trabalha as questões de forma abrangente e particular. É importante perceber que o texto e imagem foram bem utilizados na **ATIVIDADE 1** do PET, conseguindo conectar de forma contundente as questões, possibilitando a geração de um debate/reflexão.

Uma atividade bem produzida é dependente de um sistema de informações completo, com imagens, textos, quadros, esquemas, resumos, etc. Um material com muitas fontes de informação, permite que o estudante busque no próprio material sua resposta, mas não uma resposta irreflexiva e memorizada. Atividades que contenham questões com “respostas verdadeiras” ou “falsas”, por exemplo, podem funcionar muito bem em um material que contenha diversas fontes de informação, que permita ao estudante buscar e visitar textos, imagens, etc.

O material da prefeitura de São Paulo peca em relação à simplificação do conteúdo, ao apresentar as informações de uma forma muito rasa, dessa maneira o estudante se vê dentro de uma estrutura de reprodução do conhecimento, a não utilização de recursos imagéticos é uma forma de engessar o processo imaginativo do estudante, cessando parte da construção do saber discente. A comunicação visual apesar de parca, é um pouco mais tangível na proposta do Trilhas de Aprendizagem do que no Plano de Estudo Tutorado. Essa comunicação visual melhorada torna o conteúdo um pouco mais palatável, podendo aguçar o interesse do estudante, levando os materiais a contribuírem para o processo de aprendizagem.

O PET demonstrou um nível de simplificação de conteúdo e comunicação visual regulares. Mas o Trilhas de Aprendizagem não obteve essa mesma qualidade em seus materiais no nível de simplificação de conteúdo, por outro lado, mantém uma comunicação visual regular e interessante.

3.3 SEMANA 3 (PET) E TRILHAS DE APRENDIZAGEM

A terceira semana do PET é uma continuação do eixo temático abordado na Semana 2. Em seu cabeçalho temos uma repetição da Semana 2, como veremos a seguir:

Figura 22 - Imagem – Cabeçalho Semana 3 (PET)

SEMANA 3
<p>UNIDADE(S) TEMÁTICA(S): O mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias.</p>
<p>OBJETO DE CONHECIMENTO: A ideia de "Novo Mundo" ante o Mundo Antigo: permanências e rupturas de saberes e práticas na emergência do mundo moderno.</p>
<p>HABILIDADE(S): (EF07HI02) Identificar conexões e interações entre as sociedades do Novo Mundo, da Europa, da África e da Ásia no contexto das navegações e indicar a complexidade e as interações que ocorrem nos Oceanos Atlântico, Índico e Pacífico.</p>
<p>CONTEÚDOS RELACIONADOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conceituar "modernidade". • Mercantilismo e sua relação com o processo de transição para a sociedade capitalista. • Colonização e Mercantilismo. • Constituição do Estado Nacional/Absolutismo. • Características do Absolutismo.
<p>INTERDISCIPLINARIDADE:</p> <p>Arte (EF69AR02P7) Pesquisar e descrever diferentes estilos visuais, contextualizando-os no tempo e no espaço e associando-os à cultura local.</p> <p>Ensino Religioso (EF07ER06X) Identificar princípios éticos e valores morais em diferentes tradições religiosas e filosofias de vida, discutindo como podem influenciar condutas pessoais e práticas sociais.</p>

Plano de Estudo Tutorado 7º ano. Fonte: Minas Gerais, (2020, p. 58).

Apesar de manter a mesma temática na Semana 3, as atividades que norteiam essa semana são diferentes. A forma utilizada pelo material é de abordar diversas atividades em sequência, esse formato pode tornar a experiência dos estudantes sem sentido. As atividades trazem exercícios de consulta a páginas de internet e são de alguma forma “cobradas” dos estudantes ao final do ciclo, portanto, deveriam ser cuidadosamente preparadas.

A primeira atividade consiste em preencher um quadro com auxílio das fontes indicadas (sites da web), veremos a seguir:

Figura 23 - Imagem – Atividade 1 Semana 3 (PET)

ATIVIDADE 1- Faça uma pesquisa nos sites, www.historianet.com.br; www.brasile scola.com/historia; www.suapesquisa.com/historia; www.sohistoria.com.br; www.historiadobrasil.net, e depois preencha a tabela abaixo com os dados coletados na sua pesquisa.

Plano de Estudo Tutorado 7º ano. Fonte: Minas Gerais (2020, p. 59).

O material propõe o uso das fontes de pesquisa na web, embora conheçamos as limitações desse tipo de pesquisa tendo em vista os altos índices de inacessibilidade à web

das famílias brasileiras conforme sinaliza a reportagem da revista Exame.⁴ A falta de acesso somada as dificuldades dos professores, cria um ambiente instável para o processo de ensino e aprendizagem. Segundo Mendes:

como o ensino remoto foi algo inesperado, professores que não estavam familiarizados com metodologias digitais, tais como web conferências e videoaulas, podem apresentar resistências para aceitarem a nova forma de ensinar e aprender devido a dificuldades vivenciadas. (MENDES *apud* CAVALCANTI, 2021, p. 15)

A forma como são concebidas as atividades do PET, pode gerar dúvidas tanto em professores, quanto nos pais e estudantes. Qual a função dessas atividades?

Figura 24 - Imagem – Atividade 1 Semana 3 (PET)

Produtos importados pelo Brasil	Produtos exportados pelo Brasil	Países que vendem para o Brasil	Países que mais compram do Brasil
1.			
2.			
3.			
4.			
5.			
6.			
7.			
8.			
9.			
10.			

Plano de Estudo Tutorado 7º ano. Fonte: Minas Gerais (2020, p. 60).

A tabela acima funciona como um exercício de memorização pouco elaborado, visando guardar algumas palavras em contextos bem específicos. A **ATIVIDADE 1** não permite qualquer tipo de reflexão mais profunda, limitando a capacidade dos estudantes.

A crítica ao “aprender de cor”, que não podemos confundir com a memorização consciente, tem sido, portanto, constante desde o fim do século XIX. Chama-nos a atenção exatamente a persistência de tais críticas ainda nos dias atuais, o que indica tratar-se de um método que se mantém apesar das argumentações que passaram a considera-lo inoperante ou secundário na aprendizagem. (BITTENCOURT, 2018, p. 55)

Alguns recursos textuais como balões e legendas poderiam ser utilizados na **ATIVIDADE 1**, expondo o contexto das negociações mercantis, a escassez de

⁴ <https://exame.com/tecnologia/no-pre-covid-brasil-tinha-12-mi-de-familias-sem-acesso-a-internet-em-casa/>. Acesso em 07 nov. de 2021.

mercadorias e produtos em diversos países, com essas informações, sugerir ao estudante encaixá-las na tabela de forma a completar essas mesmas informações.

A **ATIVIDADE 2** traz uma abordagem mais interessante, além de dar um pequeno texto, suas questões são amplas como veremos a seguir.

Figura 25 - Imagem – Atividade 2 Semana 3 (PET)

Atividade 2- Vamos aprofundar no conceito de Metalismo de Balança comercial favorável. O metalismo era uma teoria econômica que dizia que a riqueza de um país podia ser medida através da quantidade de metais preciosos (ouro e prata) possuídos. A balança comercial favorável: como desejavam ter sempre grandes reservas de ouro e prata, os países lutavam para que o saldo de suas importações (tudo o que compravam) fosse menor que o de suas exportações (tudo o que vendiam), isto é, vender mais do que comprar. Quando as exportações são maiores que as importações registra-se um superávit na balança, e quando as importações são maiores que as exportações registra-se um déficit.

1- Você acha que apenas os metais preciosos são importantes para a economia de um país?

2- Pesquise e registre que outros metais, além do ouro e da prata, são importantes para a indústria.

3- Com a ajuda de um dicionário, coloque os conceitos de:

Déficit:-----

Superávit:-----

Plano de Estudo Tutorado 7º ano. Fonte: Minas Gerais (2020, p. 60).

As questões **1** e **2** são muito importantes no desenvolvimento da **ATIVIDADE 2**. Essa importância está ligada à perspectiva ampliada de se observar e responder às questões. Perguntas com o índice “você acha”, “como você vê” são instigadoras, pois colocam a opinião do estudante no centro da questão, ou seja, permite a eles uma liberdade maior ao responder à questão gerando, conseqüentemente, reflexões. Já a questão é um mero reforço do que foi apresentado pelo texto, o que poderia ser melhor trabalhado por meio de gráficos comparativos entre os dois conceitos.

O material da prefeitura de São Paulo tem na **ATIVIDADE 5**, sua conexão com o objeto de conhecimento apontado no PET, vamos observar:

Figura 26 - Imagem – Atividade 5 (Trilhas)

ATIVIDADE 5 – A “conquista” da América: visão dos nativos americanos (maias, incas e astecas)

TRILHA DE CONHECIMENTOS ▶▶▶

Como os nativos americanos reagiram à invasão dos conquistadores espanhóis? Que relações se estabeleceram entre espanhóis e nativos? A relação estabelecida foi benéfica para ambos os povos? Ou prejudicial para um dos lados?

VAMOS PRATICAR!

- e) Leia os trechos de relatos de nativos americanos com as impressões sobre a chegada dos espanhóis:

“Nos caminhos jazem flechas quebradas; os cabelos estão espalhados. Destelhadas estão as casas, incandescentes estão seus muros. Vermes abundam por ruas e praças. Vermelhas estão as águas, como se alguém as tivesse tingido. E se as bebíamos, eram água com gosto de sal. Golpeávamos os muros em nossa ansiedade. E nos restava por herança uma rede de buracos. Nos escudos esteve nosso resguardo. Mas os escudos não detêm a tristeza e o horror da destruição.

Trilhas de Aprendizagem, Ensino Fundamental – 7º ano. Fonte: São Paulo (2020, p. 112).

Temos nessa atividade um pequeno desenvolvimento textual sobre o que ocorreu durante a “conquista” da América. O relato textual é seguido de uma pintura que retrata a conquista de Tenochtitlán, capital do antigo império Asteca. O contexto da conquista é apresentado por meio dessas duas fontes e é sintetizado nas perguntas da questão **B** (figura 27).

As perguntas concebidas na questão **B** trazem em seu bojo o objeto de conhecimento apontado no PET. São perguntas direcionadas à interpretação iconográfica e que direcionam o estudante a refletir o que foi lido (texto) e observado (pintura), dando uma dinâmica interessante no processo de aprendizagem. A junção entre recursos imagéticos e textuais é importante e não deveria ser subestimada, as questões formuladas dão sentido a junção desses recursos, dando coesão e objetivo ao conteúdo. Para Bittencourt:

o universo iconográfico é demasiadamente extenso e envolve inúmeros tipos de imagens. Os métodos de análise dessas diferentes imagens necessitam estabelecer relações com outras fontes, notadamente com os textos escritos. Lembrando o caso das imagens nos livros didáticos, as vinhetas e legendas das imagens postas a disposição nas páginas dos livros fornecem leituras diferenciadas de uma mesma gravura, foto ou

mapa, de acordo com as informações nelas contidas. (BITTENCOURT, 2018, p. 293).

Figura 27 - Imagem – Atividade 5 (Trilhas)

a) Analise a imagem:

A imagem a seguir retrata a conquista de Tenochtitlán (cidade Asteca) por Cortés em 1521, e representa o início do cerco que acabou por derrotar o Império Asteca:



- b) Os relatos lidos são dos povos astecas, maias e incas, os chamados povos pré-colombianos, que dominaram boa parte das Américas antes da chegada dos europeus ao continente, no século XVI. De acordo com o texto, os primeiros contatos foram positivos, de alguma forma, para os povos retratados? De todos os aspectos destacados nos textos, de destruição e perda, somente as perdas materiais foram importantes? O que mais foi perdido neste conflito, pelos maias, incas e astecas? A imagem mostra que foi um conflito armado: como os nativos reagiram? E os europeus?

Trilhas de Aprendizagem, Ensino Fundamental – 7º ano. Fonte: São Paulo (2020, p. 113).

O direcionamento dado à questão **B**, serve como exemplo assim como na Semana 2 do Plano de Estudo Tutorado (**ATIVIDADE 1**), de como o nível de simplificação do conteúdo se torna regular quando há uma linguagem acessível no texto. A comunicação visual também obtém níveis satisfatórios quando a fonte imagética é usada para dar dinâmica ao conhecimento ao qual se pretende chegar. O conteúdo é interessante, mas necessita de mediação, contudo é uma atividade que consegue dar dinâmica ao processo de aprendizagem.

A Semana 3 do PET deixou muito a desejar, primeiramente pela defasagem da comunicação visual, o que torna o conteúdo maçante e desinteressante. O segundo ponto, é referente ao nível de simplificação do conteúdo, já que o único texto nessa semana do material não é utilizado como fonte nas questões subsequentes a ele, tornando improvável qualquer análise ligada a simplificação do conteúdo.

Os materiais se contrastam durante as Semanas 2 e 3. O conteúdo do PET selecionado para a Semana 2 é interessante, pois realiza um trabalho importante na **ATIVIDADE 1**, enquanto o Trilhas de Aprendizagem faz o mesmo na **ATIVIDADE 5** (equivalente a Semana 3 do PET). As atividades supracitadas utilizaram esquemas, imagens, textos, cores e por fim, contextualizam todas essas fontes nas questões citadas.

Seguiremos para última subseção da análise dos materiais no qual o volume de informações neles contidas, nos possibilitará realizar um maior esforço analítico.

3.4 SEMANA 4 (PET) E TRILHAS DE APRENDIZAGEM

A 4º semana do PET será abordada de maneira diferente das outras três semanas do material. Nela iremos usar todas as fontes do material e para além dele, ou seja, iremos adentrar as fontes na web. No cabeçalho da 4º (quarta) semana do PET temos:

Figura 28 - Imagem – Cabeçalho Semana 4 (PET)

SEMANA 4
UNIDADE(S) TEMÁTICA(S): O mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias.
OBJETO DE CONHECIMENTO: Saberes dos povos africanos e pré-colombianos expressos na cultura material e imaterial.
HABILIDADE(S): (EF07HI03X) Identificar aspectos e processos específicos das sociedades africanas e americanas antes da chegada dos europeus, com destaque para as formas de organização social, cultural, política, econômica, religiosa e o desenvolvimento de saberes e técnicas.
CONTEÚDOS RELACIONADOS: <ul style="list-style-type: none">• As sociedades africana e americana, sua diversidade religiosa, cultural, econômica e sua escravização.• As conexões entre Europa e os povos da América, África e Ásia à época das grandes navegações e a complexa rede estabelecida de trocas econômicas, políticas e culturais.• A expansão europeia e os contatos entre os povos de todos os continentes do planeta, ampliando os objetivos da nova economia mundial.• As competições e alianças comerciais no Atlântico, Índico e Pacífico.• A organização das Américas e a África antes dos europeus chegarem.• Américas e África tinham uma dinâmica própria e, em muitos sentidos, eram mais desenvolvidos cientificamente que os europeus.

Plano de Estudo Tutorado 7º ano. Fonte: Minas Gerais (2020, p. 62).

Como podemos observar nos tópicos da Semana 4, as sociedades africanas figuram como conteúdo do objeto de conhecimento a ser estudado. Assim, supõem-se

que elementos como a organização social, a diversidade cultural, religiosa e os processos de diáspora e escravidão sejam contemplados.

Os processos de diáspora e escravidão tendem a ser temas sensíveis e que tocam no cerne das dinâmicas sociais. Os estudantes envolvidos nas dinâmicas sociais, eles não só participam como são atores em suas realidades sociais. As instituições estão estreitamente envolvidas com os atores sociais, assimilando parte da dinâmica vivida por esses atores e a escola não fica de fora dessa dinâmica, portanto:

As instituições educacionais estão imersas em nossa sociedade, portanto não estão isentas de serem submetidas a influências, sejam elas benéficas ou maléficas. Logo, a discriminação étnico-racial pode ser encontrada também nas escolas, pois ela tende a estar presente entre estudantes, professores/as, direção da instituição, nos materiais midiáticos e didáticos das escolas. Sendo assim a escola não pode isentar-se de trabalhar com as questões raciais, pois cabe a ela formar cidadãos/ãs anti-racistas, solidários e respeitosos. (LOPES *apud* SILVA, 2015, p. 1)

Assim como as instituições, os materiais didáticos também não fogem as influências dessa discriminação. O racismo estrutural é uma das mazelas enfrentadas em nosso país e é algo a ser combatido, como ilustrado pelo autor Silvio Luiz de Almeida:

o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. (ALMEIDA, 2019, p. 38)

O material didático, produzido pela Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais, estando inerentemente ligado aos interesses da sociedade e essa sociedade ter se fundado por meio de tradições intimamente ligadas ao período escravista, devemos pensar o material didático para além dos preconceitos que são reproduzidos pela sociedade. Seguimos então para as orientações da Semana 4:

Figura 29 - Imagem – Tema da semana 4 (PET)

TEMA: Organização das sociedades Americanas e Africanas antes da chegada dos europeus.

DURAÇÃO: 2h40 (3 horas/aula)Caro aluno, cara aluna! Nessa semana você vai entender como os europeus chegaram à América e à África e como esses povos nativos estavam organizados antes da chegada dos europeus.

FIQUE POR DENTRO DOS CONCEITOS...

Como você deve lembrar, a evolução humana começa há 6 milhões de anos atrás, nas savanas africanas, onde surgiram os primeiros hominídeos. Eles foram evoluindo, dando origem a diferentes espécies. Há cerca de 3 milhões de anos surgiu o primeiro ser humano, o Homo habilis ou Homo sapiens. Ele dará origem ao homo erectus, seu descendente que surgiu há 1,8 milhões de anos. Foi à primeira espécie humana a atingir outros continentes. Há cerca de 200 mil anos surgiu o Homo Sapiens sapiens. Há aproximadamente cem mil anos atrás, saiu do continente, em uma série de ondas migratórias, atravessou a Eurásia e atingiu as Américas. Ainda surgiram outras espécies como o homem de Neanderthal e o Homo floresiensis. Todas essas espécies desapareceram há mais ou menos 30 mil anos.

A influência da África e dos ameríndios no Brasil se evidencia no vocabulário, na religiosidade, na culinária, na dança, na música, na medicina, e na arte.

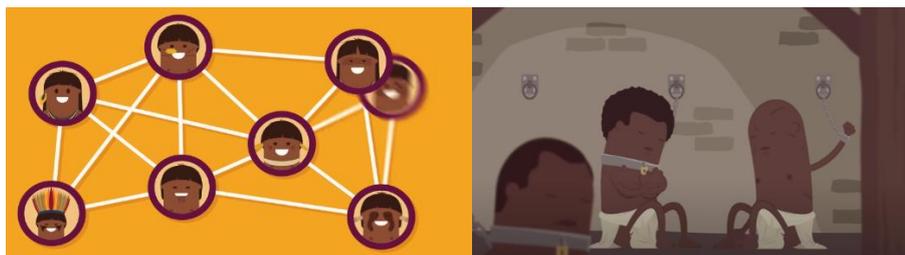
PARA SABER MAIS - Assista ao vídeo - Os Africanos- Raizes do Brasil#3 com duração de 6:25 minutos, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fGUFwFYx46s> e o vídeo Os indígenas- Raizes do Brasil#1, com duração de 8:42 minutos, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c0kA5PDow2s> . Canal Enraizando. Neles você compreenderá as origens dos africanos e indígenas e as suas heranças culturais deixadas.

Plano de Estudo Tutorado 7º ano. Fonte: Minas Gerais (2020, p. 63).

Na sessão “PARA SABER MAIS”, o material propõe a realização de pesquisa em alguns vídeos que orientam a compreensão das habilidades definidas em seu cabeçalho. Podemos perceber que são exatamente dois vídeos indicados, o vídeo sobre os africanos tem uma duração de 6:25 minutos, enquanto o vídeo sobre indígenas tem 8:41 minutos. Diferente das outras semanas, nessa semana vamos interagir com as fontes indicadas (necessita de acesso à internet).

Os vídeos produzem uma narrativa bastante resumida desses dois eixos temáticos, são bem dinâmicos e com sua linguagem imagética simplificada (em forma de cartum), porém o áudio é bem rápido e pouco explicativo, talvez por acreditar que a imagem seja suficiente.

Figura 30 - Imagens dos vídeos Raízes do Brasil #1 e #3



Fonte: Elaboração própria a partir de frames de vídeos da página “Enraizando”, desenvolvida pelo Rizoma Estúdio, na plataforma Youtube.⁵

O vídeo destinado aos povos africanos foca a maior parte do seu tempo na abordagem da escravidão, são destinados em torno de 30 segundos para abordar a cultura africana, mas sem menções aos reinos africanos e suas particularidades. É importante salientar que somente aqueles que possuem acesso à internet conseguem acessar esse conteúdo.

a imagem é uma ferramenta de identificação por parte das crianças, sendo assim os materiais didáticos poderiam contemplar, de maneira positiva, a diversidade étnica racial para cumprir não só as determinações legais da Lei 10639/03 e do Edital do PNL D, mas também oportunizar, através das imagens, para que todas as crianças pudessem identificar-se nas ilustrações das obras didáticas, contribuindo assim para uma construção positiva da identidade dos/as pequenos/as estudantes. (SILVA, 2015, p. 4)

A imagem deve ser atrelada ou entendida como uma ferramenta de identificação, é importante que a imagem trabalhe de forma propositiva na construção da identidade dos estudantes, sendo assim, quanto mais positiva e diversa for a abordagem, talvez poderia haver uma potencialização desse aprendizado. O vídeo propõe uma visão do escravo cativo e subserviente, enquanto poderia esclarecer as raízes culturais africanas e suas ricas heranças culturais.

Enquanto o/a branco/a é enaltecido/a, o/a negro/a, via de regra, é colocado em posições subalternas, ocupando profissões com status menores, em que sua situação econômica assim como seu local de moradia, possui baixo prestígio social quando comparado com o/a branco/a quando não, é retratado em situações que remetem a violência. Essa valorização dos indivíduos brancos e a situação subalterna dos/as

⁵<https://www.youtube.com/watch?v=cQkA5PDow2s&t=203s> (sobre os indígenas) e <https://www.youtube.com/watch?v=fGUFwFYx46s> (sobre os africanos).

negros/as é algo que está naturalizado, em que o/a branco/a é tipo como norma, tendendo a excluir assim, todo/a aquele/a que tentar desviar dessa lógica racista e seguir um caminho mais respeitoso e igualitário. (SILVA, 2015, p. 8)

Os materiais audiovisuais trazem uma perspectiva pouco positiva e atrelam o negro ao trabalho, naturalizando uma visão subalterna das condições e capacidades dos negros como supracitado. Porém é uma importante ferramenta audiovisual que pode permitir uma fácil compreensão do conteúdo, pois sua linguagem é simples e clara.

Partiremos agora para as atividades da semana quatro. O objetivo é constatar se elas abarcam todas as competências anunciadas em seus tópicos iniciais.

Figura 31 - Imagem – Atividade 1 e 2 Semana 4 (PET)

ATIVIDADES

Agora é hora de testar seus conhecimentos, lembre-se de que as pesquisas e consultas são permitidas e bem-vindas para que você realize com sucesso as atividades.

ATIVIDADE 1- Depois de ter lido o texto sobre a Evolução humana complete na linha do tempo o que aconteceu em cada um dos marcos temporais:

6 milhões de anos 3 milhões de anos 1,8 milhões de anos 200 mil anos
30 mil anos

ATIVIDADE 2- Depois de pesquisar como viviam os africanos e os nativos da América antes da chegada dos europeus, preencha o quadro abaixo com as suas contribuições para a nossa cultura atual.

Plano de Estudo Tutorado 7º ano. Fonte: Minas Gerais (2020, p. 63).

A primeira atividade é voltada para memorização do conteúdo, estratégia que leva o estudante retornar ao texto (**FIQUE POR DENTRO DOS CONCEITOS**), reler, e, literalmente, copiar o corpo do texto. É um exercício enfadonho e que não desenvolve nenhuma capacidade interpretativa ou imaginativa do estudante. A segunda atividade é voltada para pesquisa de fontes, porém como apontamos anteriormente, não foram disponibilizados livros didáticos anexos ao PET, de maneira que muitas fontes indicadas necessitam do uso de internet. Portanto, nos ocuparemos dos vídeos indicados no material, pressupondo que o estudante tenha condições de acessar a internet.

Para Bittencourt (2018, p. 301), as fontes cinematográficas ou audiovisuais dispõem de ferramentas interessantes para o processo de ensino e aprendizagem. A autora ressalta que não há um modo simples de introduzir os alunos na análise crítica da imagem

cinematográfica, pois existem diversas possibilidades para além da análise do conteúdo do filme.

[É] necessário que todos os fatores sejam levados em conta para ter sucesso no uso dos vídeos na sala de aula. Sendo assim, é necessário analisar o público a ser atingido, o que se pretende com tal forma de trabalho, se ele realmente cabe no assunto que será abordado e até mesmo as condições estruturais físicas do ambiente em que se reproduzirá a aula. (PRETTO, 2014, p. 3)

O vídeo relacionado à cultura indígena é razoavelmente eficiente. Esse vídeo apesar de sintético (8 minutos e 41 segundos) é de fácil entendimento (imagético), explica de forma considerável parte da cultura indígena e permite que o aluno possa compreender o conteúdo. Percebemos a falta de textos como forma de legenda, ficando a cargo das imagens e da voz do narrador toda explicação.

Sabe-se que os grupos indígenas encontrados no litoral pelo português eram principalmente tribos de tronco tupi que, havendo se instalado uns séculos antes, ainda estavam desalojando antigos ocupantes oriundos de outras matrizes culturais (RIBEIRO, 2006, p. 28).

O vídeo sobre a cultura africana é igualmente sintético, porém seu enfoque não permite uma resposta “satisfatória”. É um material que detém um *nível de simplificação do conteúdo* regular, pois permite certa imersão visual, além de sua organização simples. Porém é um material que contextualiza muito pouco, além da falta de textos e balões de diálogos que permitam uma melhor visualização (levando em consideração que não há nada para chamar atenção do estudante) dos conceitos/conteúdo. Nesse mesmo sentido, Seffner:

aula de História não pode ser apenas leitura e cópia. Embora fundamentais, leitura e escrita precisam estar acompanhadas de debates, projeção de filmes, visitas a locais históricos, atividades envolvendo desenho, montagem de jornais, pesquisas de campo, entrevistas, seleção de materiais para compor acervos etc. [...], uma proposta de trabalho que vise aprendizagens significativas precisa buscar o desenvolvimento de competências e habilidades, que se manifestam na formação de um aluno. (SEFFNER, 2013, p 59-61).

Ainda, na segunda atividade, temos um quadro comparativo para ser completado no qual pretende-se listar as principais características, de forma a organizar a aprendizagem do conteúdo por meio do contraste entre as culturas indígena e africana:

Figura 32 - Imagem - Atividade 2 Semana 4 (PET)

Contribuições	América (indígenas)	África
Vocabulário		
Religião		
Culinária		
Dança		
Arte		
Música		
Medicina		

Caro aluno, cara aluna! Chegamos ao fim de uma trilha de aprendizagens composta por quatro semanas. Espero que você tenha aprendido muito. Guarde suas anotações e atividades para compartilhá-las com seu professor e colegas no retorno às aulas. Até a próxima...

Plano de Estudo Tutorado 7º ano. Fonte: Minas Gerais (2020, p. 64).

Com base nos dois vídeos referenciados pelo material, não é possível responder às demandas da atividade de número 2. Estamos partindo do pressuposto estabelecido no início da unidade que é de “identificar processos específicos das sociedades indígenas e africanas antes da chegada do europeu”. No entanto, o vídeo que aborda a temática das raízes africanas trata de parte da cultura “residual”, ou seja, aquilo que resistiu ao processo do tráfico transatlântico e as influências europeias. É importante salientar essa questão, pois a cultura africana é muito rica e tem diferentes ramificações, tratar o africano como uma só cultura é desrespeitar todas essas raízes. O mesmo argumento é válido para os indígenas, uma vez que o quadro é geral e não permite explorar as diversidades étnicas/tribais dos indígenas brasileiros. A comunicação visual se faz regular nas fontes sugeridas, mas não há nenhuma fonte textual que possa tornar robusto o conteúdo dessa semana.

Partiremos agora para o material Trilhas de Aprendizagem e tentaremos observar os pontos que possibilitem análises similares ao PET.

O material didático produzido pela prefeitura de São Paulo tem uma abordagem semelhante (ATIVIDADES) ao PET mineiro, o que, evidentemente, torna nossa tarefa analítica repetitiva.

Figura 33 - Imagem - Atividade 1 (Trilhas de Aprendizagem)

ATIVIDADE 1 – Um pouco da história das mulheres negras no Brasil e as relações de trabalho

TRILHA DE CONHECIMENTOS ▶ ▶ ▶

Nos séculos XVIII e XIX, muitos estrangeiros que estiveram no Brasil desenharam, fotografaram e escreveram sobre mulheres vendendo mercadorias nas ruas das cidades brasileiras. A documentação de viajantes indica que as mulheres negras, algumas vezes autorizadas pelas municipalidades, vendiam frutas, legumes, galinhas, pão, rendas francesas, hortaliças, peixe, doces, bolos, bebidas... E que a rua era também seu espaço de sociabilidade, de trocas e de confrontos. Importantes para a vida nas cidades, essas moças e senhoras negras tinham expressas em suas vestimentas, ornamentos e posturas – modo de carregar as crianças, cestos e balaio –, uma longa história de tradições culturais africanas.

VAMOS PRATICAR!

a) Leia o documento e reponda às perguntas:

“Em S. Paulo não são encontrados negros a percorrer as ruas, como no Rio de Janeiro, transportando mercadorias sobre a cabeça. Os legumes e as mercadorias de consumo imediato são vendidos por negras que se mantêm acoradas na rua, que, por motivo de tal comércio, tomou o nome de rua da Quitanda.”

“Em S. Paulo não são encontrados negros...”. (SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem à Província de São Paulo - Resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai. São Paulo: Livraria Martins Fontes, s/d, p. 180-181. Disponível em: <<https://ia801407.us.archive.org/7/items/viagemprovinci00sainuoft/viagemprovinci00sainuoft.pdf>.)

Esse documento também fala sobre quitandeiras. Você sabe quem eram as quitandeiras? Como elas eram caracterizadas? Onde trabalhavam?

Trilhas de Aprendizagem, Ensino Fundamental – 7º ano. Fonte: São Paulo (2020, p. 106).

A **ATIVIDADE 1** inicia o eixo temático com a abordagem relativa à história das mulheres negras no Brasil. Apesar dos textos se complementarem, a comunicação visual seria de grande valor na atividade, pois realçaria as características dos negros no período, como também poderia reforçar a subserviência do negro face a branquitude, realidade que é refletida até hoje. O nível de simplificação do conteúdo é regular, visto que o primeiro quadro tem um conteúdo mais acessível e de linguagem mais fácil, enquanto o segundo é uma fonte primária, da visita do próprio Auguste de Saint-Hilaire.

Figura 34 - Imagem - Atividade 2 (Trilhas de Aprendizagem)

ATIVIDADE 2 – A resistência negra no regime escravista: Quilombos

TRILHA DE CONHECIMENTOS ▶▶▶

Durante muitos anos, no Brasil acreditou-se que o africano escravizado sofreu de maneira passiva todos os maus tratos praticados pelos senhores. Essa crença interferiu e interfere, ainda hoje, no imaginário da sociedade brasileira, a respeito de negros e negros brasileiros.

VAMOS PRATICAR!

a) Leia o trecho a seguir e responda:

“Costuma-se pensar o quilombo como ‘refúgio de negros escravos fugitivos’. Apesar de terem se passado centenas de anos, essa ideia distorcida de quilombo ainda permanece entre nós. Insistir em tal conceito significa negar ou tornar invisível o verdadeiro sentido e história dos quilombos. (...) os quilombos brasileiros podem ser considerados como uma inspiração africana, reconstruída pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra forma de vida.(...) neste sentido, o quilombo não significa refúgio de escravos fugidos. Tratava-se de uma reunião fraterna e livre, com laços de solidariedade e convivência, resultante do esforço de negros escravizados de resgatar sua liberdade e dignidade por meio da fuga do cativeiro e da organização de uma sociedade livre. Os quilombolas eram homens e mulheres que se recusavam a viver sob o regime da escravidão e desenvolviam ações de luta e rebeldia contra esse sistema.”

(MUNANGA, K. Para entender o negro no Brasil hoje: história, realidades, problemas e caminhos. 2004)

Qual o papel que os quilombos tiveram na vida dos africanos escravizados durante o regime escravista no Brasil?

Trilhas de Aprendizagem, Ensino Fundamental. 7º ano. Fonte: São Paulo (2020, p. 107).

O material segue o eixo temático proposto, voltado à cultura africana. A **ATIVIDADE 2** trata da resistência quilombola, novamente trazendo pequenos quadros com pequenos textos, sem inclusão de esquemas, imagens, mapas, etc. Os textos são de fácil entendimento, com uma linguagem clara, porém a questão abordada na atividade não acrescenta muito no trabalho de reflexão do conteúdo, já que é uma pergunta de caráter reprodutor, ou seja, tem intuito de reproduzir o que foi dito no texto, sem nenhum exercício de reflexão. A comunicação visual da atividade é inexistente, assim como na atividade anterior, o que pode gerar uma sensação de repetição, levando o estudante ao desinteresse.

A forma de abordagem do conteúdo se repete nas atividades seguintes. O intuito da análise é mostrar que são necessárias fontes adicionais e que essas fontes devem dialogar entre si, tornando palatável a experiência do estudante durante o ensino remoto.

Figura 35 - Imagem - Atividade 3 (Trilhas de Aprendizagem)

**ATIVIDADE 3 – A resistência negra:
O Quilombo de Palmares**

TRILHA DE CONHECIMENTOS ▶ ▶ ▶

“No início eram poucas pessoas, mas o número foi crescendo até se tornar uma comunidade de 30 mil aquilombados, entre homens, mulheres e crianças. Os negros de Palmares estabeleceram o primeiro Estado livre da América.”

(MUNANGA, 2004)

VAMOS PRATICAR!

a) Leia o texto e responda às perguntas.

O Quilombo de Palmares

O começo:
“No ano de 1595, quarenta escravos fugiram, à noite, de um engenho no sul de Pernambuco. (...) estavam armados de foice e caminharam vários dias, contornando lugares de difícil acesso até um lugar em que se sentiram seguros.”

Funcionamento:
“Na realidade, Palmares não era um único quilombo. Ele era constituído de vários quilombos, formando uma verdadeira fortaleza. (...) o número de casas e ruas podia variar de um quilombo para outro, mas todos possuíam uma Casa de Conselho, um templo, cisternas, oficinas. As ruas eram largas, longas e retas, à maneira africana. Palmares também possuía oficinas, forjas e olarias que produziam utensílios de metal, cerâmica e madeira (...) A sociedade se dividia de acordo com o trabalho. Existiam 4 classes: agricultores, artesãos, guerreiros e funcionários. O Português era o idioma mais comum em Palmares, talvez pela necessidade de agregar negros de várias culturas.” A sociedade e a economia do quilombo de Palmares representava uma ameaça ao governo colonial, afinal, nesse local, a terra e o resultado do trabalho coletivo pertenciam a todos e não a alguns ricos senhores de engenho.”

(MUNANGA, K. Para entender o negro no Brasil hoje: história, realidades, problemas e caminhos. 2004).

b) A partir da leitura do texto, preencha o quadro descritivo desta experiência coletiva dos africanos e de seus descendentes em relação aos seguintes aspectos:

Trilhas de Aprendizagem, Ensino Fundamental – 7º ano. Fonte: São Paulo (2020, p. 108).

A **ATIVIDADE 3** segue a temática quilombola e como citado anteriormente no texto, trabalha com textos e finaliza com um quadro para preenchimento dos estudantes. Segue o quadro da questão **B**.

Figura 36 - Imagem - Atividade 3 (Trilhas de Aprendizagem)

Como era	
População que reuniu	
Organização social	
Produção econômica	

Trilhas de Aprendizagem, Ensino Fundamental – 7º ano. Fonte: São Paulo (2020, p. 109).

Como podemos observar, o quadro traz um exercício interessante que tem o intuito de gerar reflexão nos estudantes, pois necessita de uma leitura mais atenta do texto, já que o quadro propõe um jogo de palavras, exemplo (organização social = sociedade se dividia). Esse jogo de palavras pode ter um valor pedagógico muito grande, porém necessita de um moderador (professor, familiares) para explicar os termos acadêmicos, o que colocaria em risco o propósito da atividade.

O nível de simplificação do conteúdo é regular por conta da linguagem descritiva do texto, o tornando de fácil entendimento. O quadro contribui para a comunicação visual da atividade, visto que organizar em quadros os conceitos, descrições, etc, tornando simples a visualização e esquematização do conteúdo.

O material aborda de forma rasteira o conteúdo indígena, mas veremos que uma de suas questões pode se mostrar interessante.

Figura 37 - Imagem - Atividade 4 (Trilhas de Aprendizagem)

ATIVIDADE 4 – Resistência indígena no período colonial

TRILHA DE CONHECIMENTOS ▶▶▶

Com a chegada definitiva dos portugueses em território brasileiro surgiu uma série de problemas para os indígenas brasileiros. Modos de vida tão distintos logo entraram em conflito. Os líderes dos Tupinambás logo perceberam que precisariam de reforços para resistir à “intromissão” dos portugueses na cultura indígena. Para isso criaram um Conselho com vários povos que deu origem à Confederação dos Tamoios. Vamos entender que movimento de resistência indígena foi esse?

VAMOS PRATICAR!

a) Leia o texto a seguir:

A Confederação dos Tamoios foi uma luta pela liberdade e durou longos 12 anos (1554/55-1567). Reuniu diferentes grupos indígenas e uniu importantes chefes que marcaram a história do nascente Brasil. Seus feitos são pouco conhecidos – e reconhecidos –, mas foram eles que dignificaram aqueles primeiros anos de contato. Conforme lembrou Aylton Quintiliano em A Guerra dos Tamoios (Relume Dumará, 2003, p.19):

Trilhas de Aprendizagem, Ensino Fundamental – 7º ano. Fonte: São Paulo (2020, p. 109).

A **ATIVIDADE 4** apesar de também focar no uso de textos para descrever e explicar o contexto do tema, uma questão nos chamou atenção, observe:

Figura 38 - Imagem - Atividade 4 (Trilhas de Aprendizagem)

d) Você acha que hoje os indígenas estão organizados em movimentos de resistência e preservação de sua cultura? Por quê? Dê exemplos.

Trilhas de Aprendizagem, Ensino Fundamental – 7º ano. Fonte: São Paulo (2020, p. 111).

A questão **D** realiza um questionamento que conecta o passado ao presente, o que materializa o nível de simplificação do conteúdo o tornando regular, partindo de algo próximo do estudante (presente) para uma reflexão espaçada no tempo, chegando até o seu propósito (passado). A hipótese é de que quando partimos de algo presente, ou próximo a nós, conseguimos fazer fortes conexões, possibilitando refletir sobre contextos diferentes. A comunicação visual da atividade é inexistente, o que torna a atividade pouco atrativa. Por outro lado, os textos fazem um bom trabalho de informar o contexto histórico das sociedades indígenas o que possibilita instigar a reflexão sobre o tema de forma contundente na questão **D**.

Após essa pequena abordagem da temática indígena, o material volta a tratar da temática africana, mais especificamente dos povos africanos e suas diversas etnias (figura 39).

Na continuação, são apresentadas as questões **B** e **C** (figura 40). É possível perceber que o material traz como principal recurso os textos e eles vão se repetir diversas vezes.

As questões são parte interessante do material, já que trabalham muitas vezes com perguntas amplas, permitindo um leque maior de possibilidades analíticas ao estudante. A questão **B** traz uma reflexão complexa, colocando o termo “nossa cultura” no centro do questionamento, porém termo é amplo e permite diversas apropriações. Por exemplo, um estudante de periferia poderia entender como “nossa cultura” (cultura dele), os legados indígenas (luta pela terra)? Ou talvez um estudante branco de classe média, será que ele entenderia como “nossa cultura”, a herança deixada pela cultura africana?

Já a questão **C**, nos chamou muita atenção devido à sua abordagem direta e direcionada. Apesar do seu caráter impositivo, a questão deve gerar um choque inicial, podendo se tornar uma importante reflexão, principalmente para os que não descendem de africanos. Como a maior parte da população é miscigenada e tem traços da africanidade, seria um exercício interessante de coleta de informações (já que os textos não trazem todas), além das possibilidades que se abrem para o estudante ao indagar alguém que ele entende como descendente (podendo ser seus próprios pais). É um exercício instigante que articula a história social e o autoconhecimento dos estudantes e que nos surpreende em face de um material pobre visualmente, além da exiguidade das fontes mobilizadas para a confecção do material.

Figura 39 - Imagem - Atividade 6 (Trilhas de Aprendizagem)

ATIVIDADE 6 – Escravidão no Brasil: as etnias dos africanos escravizados

TRILHA DE CONHECIMENTOS ▶▶▶

Você sabia que os negros africanos, trazidos para o Brasil como escravos, pertenciam a diferentes civilizações que nasceram e prosperaram na África? Vamos conhecer um pouco da história dessas civilizações?

VAMOS PRATICAR!

- a) Leia os trechos a seguir sobre os Estados Negros entre os séculos X e XVI:

Império de Gana:

Conhecido como o país do ouro. Autores árabes narravam que "o ouro crescia como cenouras e era arrancado ao nascer do solo, e que o rei prendia seu cavalo a uma enorme pepita na qual havia que mandar abrir para isso um buraco". Graças às suas riquezas, o rei possuía um exército numeroso estimado em 200 mil guerreiros.

Império do Mali:

Durante dois séculos, o Mali foi o mais rico Estado da África ocidental. Possuía minas de ouro e tinha o controle de todas as linhas de transporte e comunicação em direção ao norte da África. Em visita ao Sultão do Egito, o governante da região distribuiu ouro em grande quantidade e foi precedido de milhares de súditos, vestindo roupagens elegantes.

Civilização Ioruba:

Desenvolveu-se a partir do século XI, no sudoeste da atual Nigéria. Era uma civilização caracterizada por dezenas de cidades/reinos, das quais muitas ultrapassavam os 20 mil habitantes. Constituíam grandes centros de artesanato com oleiros, tecelões, marceneiros, ferreiros etc. Paralelamente às atividades artísticas, artesanais e comerciais praticavam-se atividades agrícolas baseadas no plantio do inhame, da palmeira e outros produtos alimentares.

Trilhas de Aprendizagem, Ensino Fundamental – 7º ano. Fonte: São Paulo (2020, p. 114).

Figura 40 - Imagem - Atividade 6 (Trilhas de Aprendizagem)

Reino do Congo:

O reino do Congo remonta ao fim do século XIV. A estrutura política era a aldeia; acima das aldeias vinham os distritos, que possuíam seus governadores que eram nomeados pelo rei e ficavam responsáveis por organizar as funções administrativas e judiciárias. A estrutura militar era simples: o rei dispunha de uma guarda permanente composta por soldados estrangeiros. O trabalho com o ferro era importante no Congo e os próprios reis e a nobreza em geral tinham orgulho de forjar suas ferramentas. Também forjavam o cobre e faziam anéis (...)

O Estado Zulu:

Localizava-se na região sudeste da África. Por todo o reino foram construídos arsenais: toda a população era especializada nas artes da guerra e das armas. Os jovens eram alistados aos 16 anos e recebiam uma formação militar durante 3 anos. As mulheres também tinham uma posição de destaque na concepção militar e participavam diretamente dos combates.

(Trechos adaptados de MUNANGA, K. Para entender o negro no Brasil hoje: história, realidades, problemas e caminhos. 2004)

b) Agora responda:

Refleta sobre quais as contribuições que as pessoas pertencentes a estas civilizações trouxeram para a nossa cultura ao serem deportados para o Brasil.

c) Escolha uma pessoa que gostaria de conhecer estas informações ou para quem você acha que seria importante obtê-las. Pode ser um familiar, um colega que tem antepassados pertencentes a esta cultura ou ao continente africano, ou outra pessoa próxima. Organize uma mensagem com todas as informações sobre as civilizações estudadas nas linhas abaixo e depois e poste em uma rede social ou envie por e-mail para a pessoa escolhida:

Trilhas de Aprendizagem, Ensino Fundamental – 7º ano. Fonte: São Paulo (2020, p. 115).

Por fim, é importante fazermos algumas considerações a respeito das análises trazidas neste capítulo. As análises apresentadas foram construídas de forma a verificar as capacidades que são referentes aos capitais dos estudantes, sejam eles econômicos ou sociais. Se o material tem condições de apresentar-se de maneira minimamente igualitária para os alunos, trazendo fontes textuais e imagéticas, sugerindo atividades que possam dar conta de amadurecer o processo de aprendizagem dos estudantes.

De forma geral, o material Trilhas de Aprendizagem, traz um tipo de comunicação visual defasado que não estimula o aprofundamento do conhecimento aos estudantes. Os artifícios visuais são mobilizados raras vezes, seja para dar foco em algum quadro ou até mesmo utilizar uma imagem para contextualizar um tema. O nível de simplificação do conteúdo é regular, apesar de tratar sempre dos temas com um tipo de fonte (texto escrito), os textos são de fácil leitura e são bem conectados pelas questões das atividades, estratégia, que na maior parte dos casos, possibilita ao estudante refletir sobre o tema abordado.

O PET, material produzido pela Rede Pública de Minas Gerais, quando traz propostas de abordagem que são complementadas pela pesquisa nas WEB, permite ao estudante ampliar as possibilidades de aprofundamento do conteúdo. O nível de simplificação é razoável, pois conecta diversas fontes, além de ter uma comunicação visual interessante, especialmente com o uso do conteúdo da WEB.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os materiais didáticos analisados por esta dissertação foram concebidos em um momento atípico, de instabilidade social e de novos desafios educacionais impostos pela pandemia de SARS-COV-2. Em escala global, atividades das mais diferentes naturezas tiveram que se adequar às necessidades de isolamento social, cortes de gastos, remanejamento de mão-de-obra, dentre tantas outras novas demandas criadas pela nova forma de se viver e de se relacionar em sociedade. No Brasil, em especial no campo educacional, a pandemia trouxe à tona uma série de velhos problemas já bastante mapeados pelos educadores como a falta de estrutura tecnológica na educação básica, em especial, no ensino público e a precariedade das ações de planejamento em momentos de crise.

A exclusão escolar, especialmente das camadas mais empobrecidas da população, foi notadamente agravada pelo próprio poder público em função da ausência de políticas educacionais que levasse em conta processos como a exclusão digital presente em parte significativa da população brasileira, como verificamos por meio das fontes jornalísticas que abordaram o estado de Minas Gerais.

De forma geral, a precarização do serviço público acentuada nos governos Temer e Bolsonaro, colaborou para que a retórica do “estado mínimo” também fosse adotada pelos governos estaduais e municipais, o que certamente contribuiu para que os recursos destinados à Educação Escolar, no contexto da pandemia, fossem reduzidos de tal sorte que os rebatimentos s foram sentidos pelas famílias mais empobrecidas, cuja ausência da estrutura física e profissional das escolas possui um impacto muito mais significativo sobre o processo de aprendizagem dos estudantes.

Ao analisar os materiais (PET e Trilhas de Aprendizagem), percebemos que ambos apresentam de maneira muito simplificada tanto os recursos imagéticos, quanto os recursos textuais. Embora as atividades propostas pelos materiais disponham de alguns trechos bem fundamentados e alinhados aos métodos consagrados de ensino de história, especialmente conectando a dimensão textual à imagética, de forma geral, o conjunto das obras, é bastante ineficiente, especialmente quando se trata do ensino remoto.

Em linhas gerais, o material mineiro (PET) é uma que possui como principal recurso didático a pesquisa na web. Como o conjunto textual é extremamente simplificado, o conteúdo deve ser sempre complementado por pesquisas na web. O grande problema dessa estratégia é que na maioria das vezes ela é utilizada sem que a

pesquisa seja direcionada por hiperlinks que poderiam ser pré-selecionados pelos organizadores do material. Assim, a falta de acesso à internet parte considerável dos estudantes, associada a uma pesquisa sem direcionamento à web, são fatores que devem ser considerados como pontos frágeis da proposta do PET.

Em comparação com o PET, o material paulista possui um formato mais inteligível e interativo, embora o conteúdo seja apresentado de forma superficial. A presença de hiperlinks que possuem função de complementação do conteúdo, é uma ferramenta que permite direcionar a pesquisa dos estudantes, conectando as informações dos sites ao texto base que geralmente se apresenta muito simplificado.

Em suma, o material Trilhas da Aprendizagem apresenta sua proposta esteticamente mais interessante pois se utiliza de estratégias visuais diagramadas de forma mais acessível e estimulante. Também apresenta recursos didáticos mais atrativos e mais sintonizados com o contexto do ensino remoto, pois estimula o estudante a pesquisar, de forma direcionada, fontes eletrônicas que o permitem extrapolar o conteúdo do material “base”.

Por fim, o que se pode apreender das análises é que ambos os materiais se apresentam inadequados para cumprir a função de se constituírem como a “base dos conteúdos” para o ensino de história no 7º ano, uma vez que a simplificação dos textos, como também as inúmeras incongruências metodológicas encontradas, fragilizam o processo de aprendizagem, tornando-o demasiadamente simplificado e com pouca conexão com a realidade dos estudantes.

A dissertação, apesar de seu caráter denunciatório, tem inúmeras limitações analíticas. As ferramentas metodológicas utilizadas buscam dar sentido às análises, mas não conseguem dar conta da totalidade das especificidades contidas no escopo dos materiais e livros didáticos. Portanto, trata-se de uma contribuição pontual que teve como objetivo captar a realidade do ensino de História no momento da pandemia. Evidentemente que cabe esclarecer continuam abertas as possibilidades para futuras análises dos materiais, que podem nos mostrar diferentes caminhos e dinâmicas, tornando a produção analítica desses materiais ainda mais completa. Assim, a dissertação pode ~~vir~~ contribuir para futuras análises, norteadas ou até mesmo servindo de contraponto para o debate acadêmico. Ao fim e ao cabo, o estudo também poderá ter alguma utilidade para aos gestores públicos, pois fornece instrumentos heurísticos para se pensar o ensino de história, e de forma mais ampla, a própria Educação Escolar, de maneira mais justa e igualitária.

5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALVES, Fátima; BONAMINO, Alicia; FRANCO, Creso; CAZELLI, Sibebe. Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 45, p. 487-594, 2010.

AMIEL, Tel. Recursos Educacionais Abertos: uma análise a partir do livro didático de história. **Revista História Hoje**, v. 3, n. 5, p. 189-205, 2014.

ARAÚJO, R. W. A. ; PINHEIRO, C. S. ; ADRIÃO, M. A. V. . **INVESTIGAR/DIALOGAR A RESPEITO DA EDUCAÇÃO BÁSICA PÚBLICA EM TEMPOS DE QUARENTENA**. In: XI Encontro Perspectivas do Ensino de História realizado entre 17-20 de nov. 2020, 2020, Perspectivas web 2020. anais eletrônicos. Goiana - Go: Associação Brasileira de Pesquisa em Ensino de História, 2020. v. 01. p. 01-000-000.

ARRUDA, Eucídio P. **EDUCAÇÃO REMOTA EMERGENCIAL: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19**. **EmRede**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020.

ASSUNÇÃO, Marcello. **Parâmetros para produção e avaliação de livro didático de história – aprendizagem histórica e a Lei 10.639/2003**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino de História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/RJ.

BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. Trad. Maria de Santa Cruz. Lisboa: Edições 70, 1987.

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. Trad. Izidoro Blikstein. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2018.

BITTENCOURT, Circe (org.). **O Saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998.

BITTENCOURT, Renato N. A mercantilização educacional e a ideologia do ensino espetacular. **LUGAR COMUM**, n. 43, pp. 249-264, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. **Capital Cultural, Escuela y Espacio Social**. Compilación y traducción: Isabel Jimenez. México: Siglo Veinteuno, 1997.

_____. Os três estados do capital cultural. In: ALICE, Maria; CATANI, Afrânio (orgs.). **Escrito de Educação**. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999, p. 71-79.

_____. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. Trad. Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

BUCHTIK, L. M. D. **Tempo, evidência e historicidade e a aprendizagem histórica**. 2018. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR, 2018.

BURKE, Peter. **O renascimento italiano**. Trad. de José Rubens Siqueira. São Paulo/Nova Alexandria, 2010.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

BRASIL, Marcos. **Os usos da teoria sociológica de Pierre Bourdieu na área de Educação Física no Brasil (1977-2017)**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Centro de Ciências da Saúde Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR, 2018.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

BRASIL. **Emenda Constitucional N° 59**, de 11 de novembro de 2009. Disponível em planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc59.htm. Acesso em 03 set. de 2020.

CARVALHO, Ana. **Leituras e usos do livro didático de História: relações professor-livro didático nos anos finais do ensino fundamental / Ana Beatriz dos Santos Carvalho – 2009**. 116 f.

CARVALHO, Rosita. Removendo barreiras para aprendizagem. In: **Salto para o Futuro: Educação Especial: tendências atuais**. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999, 96 p.

CANDAU, Vera Maria (org.). **Reinventar a escola**. 3. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

CANÊDO, Juldisandra. **Trajetórias escolares e estratégias de permanência de jovens bolsistas de escolas públicas em escola privada**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. PUC Goiânia, Goiânia.

CATAPAN, A. H. Conteúdos Escolares: Simplificação ou Construção do Conceito. **Perspectiva**, n. 21, p. 119-141, 1996.

CAVALCANTI, Dayanna. **O ensino remoto de história em tempos de pandemia da Covid-19: uma proposta para a educação do campo**. Monografia (Graduação em Pedagogia). Centro de Educação. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

COELHO, Tiago. A imagem e o ensino de história em tempos visuais. **Recit**, v. 13, n. 02, p. 188-199, 2012.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

CHEVALLARD, Yves. **La transposition didactique**: du savoir savant au savoir enseigné. Paris: La Pensée Sauvage, 1991.

DIAS, Adriana. **Vontade de saber história**: 7º ano: ensino fundamental: anos finais. São Paulo: Quinteto Editorial, 2018.

DIEGUEZ, L. Qual é o lugar da História? Ações, consequências do ensino remoto na cidade do Rio de Janeiro. In: **ENCONTRO NACIONAL PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA - PERSPECTIVAS WEB 2020**, 11. 2020, Ponta Grossa. Anais [...]. Ponta Grossa: ABEH, 2020. p. 1-11.

DOMINGUES, Claudio. **O Olhar de Quem Olha: Cultura Visual, Arte e Mediação na Aula de História - o uso da imagem na construção do conhecimento histórico**. São Paulo: Instituto de Artes - IA, Universidade Estadual Paulista - UNESP, 2006

DUBREUCQ, Francine. **Jean-Ovide Decroly**. Trad. Carlos Alberto Vieira Coelho et al. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**: Uma introdução. Trad. Silvana Vieira e Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, Editora Boitempo, 1997.

ECO, Umberto. **Os limites da interpretação**. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FERES JÚNIOR, João. Introdução a uma crítica da modernidade como conceito Sociológico. **Mediações**, v. 15, n. 2, p. 28-41, 2010.

FREITAS, Neli Klix. RODRIGUES, Melissa Haag. O livro didático ao longo do tempo: a forma do conteúdo. **DAPesquisa**, v. 3, n. 5, p. 300-307, 2008.

GUEDES, S. R.; NICODEM, M. M. F.; A utilização de imagens no ensino de história e sua contribuição para a construção de conhecimento. **Recit**, v. 8, n. 17, p. 1-13, 2017.

KALOUSTIAN, S. M. (org.) **Família Brasileira, a Base de Tudo**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNICEF, 1988.

LAJOLO, Marisa. Livro didático: um (quase) manual de usuário. **Em Aberto**, ano 16, n. 69, 1996.

LE GOFF, Jacques. **A história deve ser dividida em pedaços?** Trad. Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

LITZ, Valesca. **O uso da imagem no ensino de História**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação, 2008.

LOPES, Gabriel. **A movimentação das elites escolares de Alfenas/MG**: trajetórias, estratégias, expectativas e escolhas escolares em duas instituições privadas de ensino. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Alfenas, Alfenas/MG.

MACEDO, M. L. L.; SANTOS, J. S.; SANTANA, R. M. Narrativas do ensino de História em tempos de pandemia, Palmas, Tocantins. In: **ENCONTRO NACIONAL PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA - PERSPECTIVAS WEB 2020**, 11., 2020, Ponta Grossa. Anais [...]. Ponta Grossa: ABEH, 2020. p. 1-9.

MARQUESI, S. C; ELIAS, V. M. S. O descritivo em diferentes gêneros textuais. **Linha d'Água**, n. 24, v. 2, p. 189-203, 2011.

MATOS, Julia S. MARTINS, Michele B. Representações dos gêneros: o ensino de história moderna no livro didático. **Momento**, v. 25, n. 2, p. 269-283, 2016.
MIRANDA, Sônia Regina; LUCA, Tânia Regina. O livro didático de história hoje: um panorama a partir do PNLD. **Revista Brasileira de História**, v. 24, n. 48, p. 123-144, 2004.

MEDEIROS, V. S.; ADRIÃO, M. A. V. **A EDUCAÇÃO BÁSICA E O ENSINO REMOTO: PESQUISA SOBRE OS EFEITOS DA COVID-19 NO ENSINO FUNDAMENTAL EM SOBRAL**. In: XI Encontro Nacional: perspectivas do Ensino de História: histórias, Memórias e Projetos para o Ensino de História no Brasil, 2020, perspectivas web 2020. Anais Eletrônicos. Goiânia - Go.: Associação Brasileira de Pesquisa em Ensino de História, 2020. v. 01. p. 1-000.

MONTEIRO, A. M. et al. (Org.) **Pesquisa em Ensino de História**: Entre desafios epistemológicos e apostas políticas. Rio de Janeiro: Mauad: Faperj, 2014.

MUNAKATA, Kazumi. “O livro didático e o professor: entre a ortodoxia e a apropriação”. In: MONTEIRO, Ana Maria et. al (orgs.). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007, p. 137-148.

MUNAKATA, Kazumi. Livro didático como indício da cultura escolar. **Hist. Educ**, v. 20, n. 50, p. 119-138, 2016.

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático: alguns temas de pesquisa. **Revista Brasileira História da Educação**, v. 12, n. 3 (30), p. 179-197, 2012.

NAZÁRIO, L. A lei e os livros: transformações na produção didática de História após a Lei 10.639/03 / Lorraine Janis Vieira dos Santos Nazário. – 2016. 72f.

NEVES, K. BARROS, R. Diferentes olhares acerca da transposição didática: **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 16, n. 1, p. 103-115, 2011.

NICOLINI, C.; MEDEIROS, K. E. G. **Estudos Históricos Rio de Janeiro**, vol 34, nº 73, p.281-298, maio-agosto 2021

- NOGUEIRA, Maria. **Bourdieu e a Educação**. Belo Horizonte: Autentica, 2004.
- NÓVOA, António; ALVIM, Yara. Covid-19 e o fim da educação: 1870 – 1920 – 1970 – 2020. **Revista História da Educação**, v. 25, p. 1-19, 2021.
- OLIVEIRA, Almir. Livros Didáticos e a escrita da história. In: XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e dialogo social., **Anais eletrônicos**, Natal, 2013, p. 1-9.
- OLIVEIRA, Sônia Maria Soares de; SILVA, Carlos Diogo Mendonça da; BENIGNO, Gabriela Gomes Freitas. Privatizar é preciso: o ataque neoliberal à educação pública brasileira. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 4, p. 1-10, 2021.
- PAIVA, Eduardo. **História & Imagens**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- PIAGET, J. **Biologia e conhecimento**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996
- PEREIRA, Nilton. SEFFNER, Fernando. Ensino de História: passados vivos e educação em questões sensíveis. **Revista História Hoje**, v. 7, n. 13, p. 14-33, 2018.
- PINHO, M., QUEIROZ, M., SANTOS, J. (2021). Implicações do paradigma emergente na formação continuada dos (as) professores (as) da rede municipal de Palmas – TO em tempos de pandemia. **Revista Educar Mais**, 5(1), 157–166.
- POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. Trad. José Severo de S. Pereira. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1985.
- PRETTO, Â. T. **O uso de vídeos nas aulas de História** – Relato de prática. 2014. Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em Mídias na Educação). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS.
- QUATTRER, Milena. **A cor do livro didático de arte**. 2019. Tese (Doutorado em Artes Visuais). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas/SP.
- RAMAL, Andrea. **A Educação em tempos de pandemia: realidade e desafios**. 2020. Disponível em: shorturl.at/hlqrR. Acesso em 10 de outubro de 2020.
- RAMIL, Chris. **A iconografia e a iconologia nos livros didáticos das Edições Tabajara**: um estudo das imagens na Coleção Guri (Rio Grande do Sul, década de 1960). 2018. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS.
- RAPOSO, Maria. O conceito de imitação na pintura renascentista e impressionista. **Metanoia**, n. 1, p.43-50, 1998/1999.
- REGO, Teresa. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro, F. Alves, 1990.

ROCHA, Helenice, et al. (orgs.). **Livros didáticos de história: entre políticas e narrativas**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.

RUFINO, Carina. A sociedade em rede e a segunda geração da internet: reflexões para o campo da comunicação organizacional. In: Comunicação digital, inovações tecnológicas e os impactos nas organizações do 3º ABRAPCORP. São Paulo, **Anais**; ABRAPCORP, 2009.

SALES, Marta. **As produções imagéticas dos livros didáticos de História e a construção do conhecimento discente**. 2016. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História e Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Catalão/GO.

SANTOS, Fabrício. **O livro didático no ensino de história: entre práticas historiográficas e narrativas docentes**. 2016. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Tocantins, Araguaína/TO.

SARTORI, Ademilde. Educomunicação e sua relação com a escola: a promoção de ecossistemas comunicativos e a aprendizagem distraída. **Comunicação, mídia e consumo**, v. 7, n. 19, p. 33-48, 2010.

SEFFNER, Fernando. Aprendizagens significativas em História: critérios de construção para atividades em sala de aula. In: GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet (orgs.). **Jogos e Ensino de História**. Porto Alegre: Evangraf, 2013. 129 p.

SERIACOPI, Gislane C; SERIACOPI, Reinaldo. **Inspire história: 7º ano: ensino fundamental: anos finais**. São Paulo: FTD, 2018.

SILVA, E. SANTOS, M. NETO, J. Pedagogia da pandemia: reflexões sobre a educação em tempos de isolamento social. **Revista Latino-Americana de Estudos Científicos**, v. 01, n. 04, p. 29-44, 2020.

SILVA, Flávia C. A análise da representação do/a negro/a em um livro didático. **Revista África e Africanidades**, ano 8, n. 20, p. 1-18, 2015.

SILVA, Ana Célia. **A representação social do negro no livro didático: o que mudou? Por que mudou?** Salvador: EDUFBA, 2011.

SILVA, Ezequiel. da. Livro didático: do ritual de passagem à ultrapassagem. **Em Aberto**, ano 16, n. 69, 1996.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem são e como vivem**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SOUZA, Maria A. F. SILVA, Jackson R. Problematizando as novas ferramentas pedagógicas no ensino de história. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 8, n. 16, p. 89-110, 2016.

VAZ, José Murilo, et al. Material Didático para Ensino de Biologia: Possibilidades de Inclusão. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 12, n. 3, p. 81-104, 2012.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. Tradução: Maria Julia Cottvasser, 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1991.

VICENTE, Maximiliano M. **História e comunicação na ordem internacional**. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução: Monica Stahel M. da Silva, 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Pensamento e Linguagem**. Tradução: Paulo Bezerra, São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WACQUANT, Loïc. Esclarecer o habitus. **Educação & Linguagem**, Ano 10, n. 16, p. 63-71. 2007.

ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

ADLER, Matheus. Secretária de Educação garante impressões de livros a alunos de MG sem acesso à internet e TV. **Estado de Minas**. 2020. Disponível em: em.com.br/app/noticia/gerais/2020/05/14/interna_gerais,1147324/secretaria-de-educacao-garante-impressoes-de-livros-a-alunos-de-mg-sem.shtml. Acesso em 03 set. de 2020.

ALUNOS da rede estadual de educação enfrentam dificuldades para assistir às aulas oferecidas pelo governo. **G1**. 2020. Disponível em: g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/05/20/alunos-da-rede-estadual-de-educacao-enfrentam-dificuldades-para-assistir-as-aulas-oferecidas-pelo-governo.ghtml. Acesso em 04 set. de 2020.

ELES não têm condições de acompanhar aulas online. E se preocupam com o futuro. **Gazeta do Povo**. 2020. Disponível em: gazetadopovo.com.br/educacao/alunos-sem-condicoes-aulas-online/. Acesso em 04 set. de 2020.

FNDE. Sobre o Fundeb. **Portal do FNDE**. S/D. Disponível em: fnde.gov.br/financiamento/fundeb. Acesso em 13 set. de 2020.

GRAGNANI, Juliana. Coronavírus: Alunos da rede pública planejam reprovar de propósito para ‘aprender de verdade’ em 2021. **BBC**. 2020. Disponível em: [bbc.com/portuguese/brasil-53655833](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53655833). Acesso em 04 set. de 2020.

HONORATO, Ludimila. Além dos estudantes, professores também encontram dificuldades. **Terra**. 2020. Disponível em: terra.com.br/noticias/educacao/alem-dos-estudantes-professores-tambem-encontram-dificuldades,fb43f292d0bfab6ed92a50c48b1e57ddqhim07c8.html. Acesso em 04 set. de 2020.

IBGE: um quinto dos brasileiros entrou na pandemia sem acesso à internet. **Exame**. 2021. Disponível em: exame.com/tecnologia/no-pre-covid-brasil-tinha-12-mi-de-familias-sem-acesso-a-internet-em-casa/. Acesso em 07 nov. de 2021.

IBGE EDUCA. **Uso de internet, televisão e celular no Brasil**. S/D. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso em 13 out. de 2020.

LEÃO, Sofia. Exclusão, plágio, alunos e professores desamparados: Entenda o caos na educação de Minas. **BHAZ**. 2020. Disponível em: bhaz.com.br/2020/06/08/caos-na-educacao-minas/#gref. Acesso em 11 set. de 2020.

MINISTRO da Educação é demitido após gestão marcada por controvérsias e recuos. **G1**. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/08/ministro-da-educacao-e-demitido-apos-gestao-marcada-por-controversias-e-recuos.ghtml>. Acesso em 13 set. de 2020.

MURÇA, Giovana. Ensino remoto aumenta as desigualdades educacionais e pode afetar desempenho no Enem. **Quero Bolsa**. 2020. Disponível em: querobolsa.com.br/revista/ensino-remoto-aumenta-as-desigualdades-educacionais-e-pode-afetar-desempenho-no-enem. Acesso em 11 set. de 2020.

OS AFRICANOS – Raízes do Brasil #3. **YouTube**. 2016. Disponível em [youtube.com/watch?v=fGUFwFYx46s](https://www.youtube.com/watch?v=fGUFwFYx46s). Acesso em 11 set. de 2020.

OS INDÍGENAS – Raízes do Brasil #1. **YouTube**. 2016. Disponível em [youtube.com/watch?v=cQkA5PDow2s](https://www.youtube.com/watch?v=cQkA5PDow2s). Acesso em 11 set. de 2020.

PASSARELLI, Hugo. ‘Ideia de universidade para todos não existe’, diz ministro da Educação. **Valor Econômico**. 2019. Disponível em: valor.globo.com/brasil/noticia/2019/01/28/ideia-de-universidade-para-todos-nao-existe-diz-ministro-da-educacao.ghtml. Acesso em 13 set. de 2020.

PIMENTEL, Thais. Alunos da rede estadual de educação em Minas Gerais critica aulas on-line e temem desigualdade. **G1**. 2020. Disponível em: g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/05/21/alunos-da-rede-estadual-de-educacao-em-minas-gerais-criticam-aulas-on-line-e-temem-desigualdade.ghtml. Acesso em 04 set. de 2020.

PIMENTEL, Thais; MELLO, Ricardo. Professores apontam problemas ortográficos, plágios e conteúdos errados no material didático oferecido pelo governo de MG. **G1**. 2020. Disponível em: g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/06/08/professores-apontam-problemas-ortograficos-plagios-e-conteudos-errados-no-material-didatico-oferecido-pelo-governo-de-mg.ghtml. Acesso em 03 set. de 2020.

PEREIRA, Maria Irenilda. Sinal de celular só no alto do morro: os desafios da educação a distância em Minas. **Estado de Minas**. 2020. Disponível em: em.com.br/app/noticia/gerais/2020/06/09/interna_gerais,1155346/sinal-de-celular-so-no-alto-do-morro-educacao-a-distancia-em-minas.shtml. Acesso em 04 set. de 2020.

RAGAZZI, Lucas. Governo de Minas promete quitar restante do 13º salário dos servidores ainda nesta semana. **G1**. Disponível em: g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/05/20/governo-de-minas-promete-quitar-restante-do-13o-salario-dos-servidores-ainda-nesta-semana.ghtml. Acesso em 04 set. de 2020.

ROSÁRIO, Miguel do. A pesquisa Ibope sobre o grau de conservadorismo no Brasil. **O Cafezinho**. 2018. Disponível em ocafezinho.com/2018/04/25/a-pesquisa-ibope-sobre-o-grau-de-conservadorismo-no-brasil/. Acesso em 13 out. de 2020.

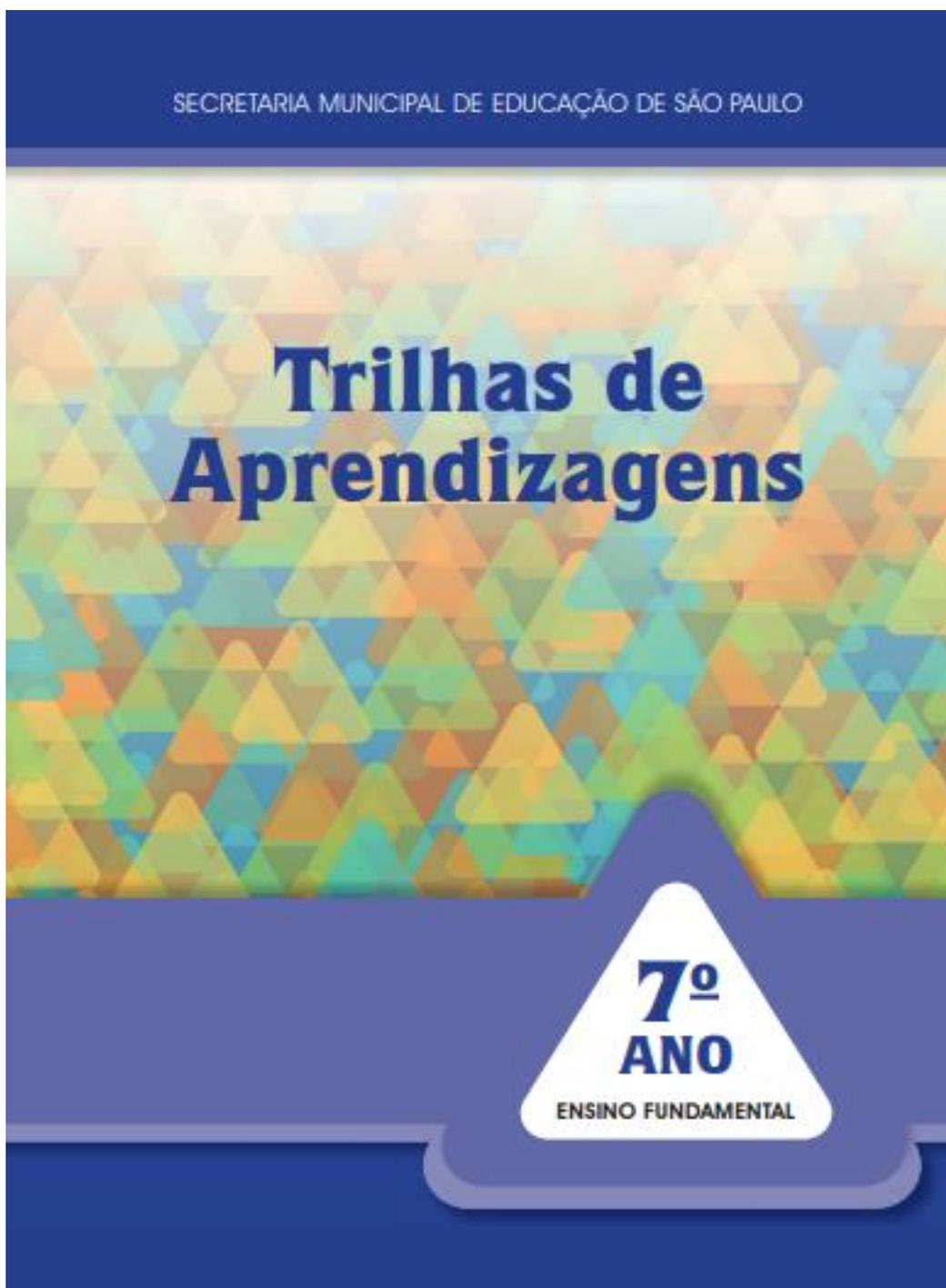
SALDAÑA, Paulo; CHAIB, Julia. Abraham Weintraub é demitido por Bolsonaro após insultar Supremo. **Folha de São Paulo**. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/06/abraham-weintraub-e-demitido-por-bolsonaro-apos-insultar-supremo.shtml><https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/06/abraham-weintraub-e-demitido-por-bolsonaro-apos-insultar-supremo.shtml>. Acesso em 13 set. de 2020.

URIBE, Gustavo. Sem fé, jovens do Brasil são ‘zumbis existenciais’, diz ministro da Educação. **Folha de S. Paulo**. 2020. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/09/sem-fe-jovens-do-brasil-sao-zumbis-existenciais-diz-ministro-da-educacao.shtml?origin=folha#. Acesso em 13 set. 2020.

WEINTRAUB deixa o governo: seis polêmicas que marcaram a gestão no Ministério da Educação. **BBC**. 2020. Disponível em: bbc.com/portuguese/brasil-53058067. Acesso em 11 set. de 2020.

6 APÊNDICE

Material Trilhas de Aprendizagem (Integral)



Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

Trilhas de Aprendizagens

**7º
ANO**

ENSINO FUNDAMENTAL

São Paulo | 2020

Queridos Estudantes,

Estamos passando por um momento que requer distanciamento das Unidades Educacionais e demais espaços da cidade. Momento de ficarmos em casa para proteger a família e as pessoas mais vulneráveis.

Mas isso não quer dizer que precisam se distanciar da aprendizagem! Pelo contrário, é importante que seja criada uma rotina para que diferentes atividades estejam presentes no seu dia a dia.

Na carta de orientações às famílias dos estudantes, indicamos possibilidades de organização da rotina. Tem até um espaço para que você crie sua própria rotina com as atividades que gosta de fazer diariamente.

Mas, agora que o recesso acabou, você precisa se dedicar às tarefas escolares. Este material foi produzido para que você tenha a oportunidade de resolver atividades que fazem parte do currículo do ano em que você está matriculado. Trata-se de atividades que você poderá fazer sozinho ou contando com a ajuda de um dos seus familiares.

A parte mais importante: organize sua rotina com atividades deste material, do livro didático ou Caderno da Cidade (se você estiver com eles) e leituras. Não faça todas as tarefas de uma vez só. Faça, por dia, duas páginas. E vá intercalando as tarefas de Português, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas.

Além disso, seus professores estarão em contato com você por meio de uma plataforma para indicar outras atividades que você deverá fazer para continuar aprendendo a cada dia.

É muito importante que você traga este caderno e o entregue para seu professor quando as aulas retornarem. Se isso acontecer antes de você terminar as tarefas, não se preocupe, pois os professores darão orientações sobre como esse material pode ser finalizado.

Bom estudo!

Bruno Caetano
Secretário Municipal de Educação



ORIENTAÇÕES ÀS FAMÍLIAS DOS ESTUDANTES DAS REDES ESTADUAL E MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Com informativo para prevenção
e cuidados com o Coronavírus

MARÇO - 2020

É hora de cuidarmos das nossas Famílias!!!!

Prevenção



Evite sair de casa



Lave as mãos frequentemente com água e sabão



Evite tocar olhos, nariz e boca



Não compartilhe objetos de uso pessoal



Limpe objetos que tocamos da rua e objetos que são tocados frequentemente



Cubra, com o braço, o nariz e a boca ao tossir ou espiralar



Utilize lenços descartáveis, jogue-os no lixo após o uso



Evite contato de crianças com idosos



Mantenha os ambientes arejados

Sintomas



Febre



Tosse



Dificuldades para respirar

Transmissão



Através de gotículas de saliva e catarro que podem contaminar



por contato físico



compartilhando objetos

Cuidados com quem apresentar os sintomas



Evite o contato com fluidos corporais



Permaneça em tratamento domiciliar



Utilize lenços descartáveis para limpar roupas, objetos e o ambiente



Procure o médico caso ocorra agravamento dos sintomas

Para mais informações em:

<https://www.saopaulo.sp.gov.br/covid19/>
<https://www.governo.br/pt-br/covid-19/>
<http://www.saopaulo.sp.gov.br/pt-br/pt-br/covid-19/>



CIDADE DE SÃO PAULO
BORGES DE MOURA

SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO

Carta para as famílias

Estamos vivendo um momento único e, por isso, é importante que estejamos unidos e focados em buscar soluções para enfrentar o surto de Covid-19. A educação tem um papel importante neste processo por ser um caminho potente para conscientização da sociedade, especialmente das crianças e jovens. As famílias também têm um papel fundamental! Mais do que nunca, precisamos caminhar juntos para atravessarmos este momento dando exemplo e inspirando os nossos estudantes.

A suspensão de aulas é uma medida que foi pensada e decidida juntamente com equipes da Secretaria de Estado da Saúde, alinhada às diretrizes do Ministério da Saúde para conter a pandemia. Por isso, é muito importante que todos respeitem o distanciamento social, entendendo que esse momento não é uma parada pedagógica como estamos acostumados nas férias. Em outras palavras, devemos evitar sair de casa para ir à eventos, parques, restaurantes e outros espaços onde existem aglomerações.

Por esse motivo, sugerimos, neste documento, atividades a serem realizadas com bebês, crianças, jovens e adultos, buscando minimizar os efeitos de afastamento temporário das Unidades Educacionais. Além disso, você encontra aqui dicas de como apoiar os estudantes pelos quais é responsável para que se mantenham motivados a estudar e sigam aprendendo.

É importante que os familiares acompanhem os sites, mídias sociais e endereços oficiais das Secretarias de Educação do Estado e dos Municípios para mais informações e orientações. Seguimos juntos, em uma oportunidade de fortalecer os vínculos entre famílias, estudantes e Estado. Certamente, em situações desafiadoras como essa, aprendemos muito e nos fortalecemos como sociedade.

Contamos com a colaboração de todos!

<http://www.saopaulo.sp.gov.br/>

educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br

Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio

Você conhece os sonhos do estudante pelo qual é responsável? Sabe se ele(a) quer cursar uma faculdade, viajar para outro país, vencer a timidez ou trabalhar com tecnologia? Se sim, as próximas semanas serão uma ótima chance para conversar mais com ele(a) sobre isso e, também, para conectar, por exemplo, o que é ensinado na aula de Matemática ou História com o projeto de vida dele(a). Se não conhece os sonhos e projetos dele(a), fique tranquilo(a): Você vai descobrir muito sobre o que ele(a) deseja para o futuro e como a escola pode ajudá-lo(a) a chegar lá!

Anote aqui alguns dos sonhos do(a) estudante pelo qual você é responsável:

Quando o estudante pode contar com os adultos com quem vive para acompanhar os seus estudos, ele aprende muito mais. Nas próximas semanas, isso será ainda mais importante. Para que você esteja ainda mais preparado(a) para essa tarefa, vamos falar um pouco sobre como os adolescentes aprendem?

1. **Aprendem com o que vivenciam:** mais do que apenas ouvir uma teoria, o(a) adolescente vai se conectar e aprender mais com o que experimenta. Imagine que você explique como fazer um bolo. Qual a chance de que ele(a) se lembre dos passos no dia seguinte? Agora, pense no que aconteceria se você fizesse um bolo com ele(a). É bem provável que o(a) estudante se saísse melhor se tivesse que preparar de novo o doce. Com as matérias da escola dá para fazer o mesmo. Por exemplo, muito mais legal do que ouvir falar das pirâmides do Egito, é o estudante ver um filme em que essas antigas construções são apresentadas.
2. **Aprendem com os outros:** é comum, quando falamos em estudos, imaginarmos uma pessoa sentada, em silêncio, lendo e tomando notas. E isso é só uma forma de aprender. Dá para estudar em grupo, conversando, ensinando e aprendendo com outras pessoas. Por isso, recomendamos que os estudantes criem grupos em aplicativos como WhatsApp com pelo menos 3 colegas da sua turma. Uma vez por semana, cada estudante deve postar um problema de Matemática que criou e que saiba resolver para os amigos solucionarem. Além disso, deve mandar alguma notícia que leu e que tenha certeza de que é verdadeira para discussão no grupo.

Dica: por que você também não cria grupos com outros responsáveis por estudantes da escola? Vocês podem trocar ideias, aprender juntos, falar das dificuldades e até dos roteiros de estudo que chegaram para os alunos!

3. **Aprendem de vários jeitos:** os jovens são bastante dinâmicos. Assim, fique tranquilo(a) se eles alternarem atividades. Em um momento, podem estar lendo, em outro, vendo um filme e, depois, aprendendo com um jogo. Este movimento é essencial para que se mantenham interessados. E, acredite, é possível que aprendam em cada uma dessas atividades. Se puder, converse com eles sobre como gostariam de aprender em cada momento. É comprovado que fazer escolhas ajuda os jovens a aprender mais!

A seguir, você encontra algumas outras dicas práticas para acompanhar e aprender junto com o(a) estudante durante as próximas semanas:

1. **Este não é um período normal de férias:** ainda que o(a) estudante esteja em casa, é importante que siga realizando as suas atividades escolares e evite o contato com outras pessoas em eventos, restaurantes, parques etc.
2. **Apoie a organização de uma rotina de estudos:** o(a) aluno(a) receberá roteiros de estudos. Combine com ele(a) um momento na semana para olharem juntos quais os materiais que chegarão e para criar um cronograma de como serão explorados ao longo da semana. No final deste material, você encontra um exemplo de como pode fazer isso.

O que é um roteiro de estudo? É o passo a passo que o(a) estudante tem que seguir para aprender sobre um tema. Pode conter, por exemplo, uma lista de exercícios de Matemática, a indicação de perguntas para responder depois de ler um texto ou ver um vídeo, a orientação de uma experiência para fazer.

3. **Garanta que ele(a) passe por todos os conteúdos:** é bem provável que um(a) estudante que não goste de Matemática deixe de lado o roteiro de estudo deste tema e prefira dedicar o seu tempo a outro assunto. Verifique se o(a) estudante passou por todas as matérias na semana e, em caso negativo, reforce a importância de fazê-lo.
4. **A ordem importa:** os roteiros de estudos foram pensados em uma ordem de propósito. Assim, se o(a) estudante pular o conteúdo de uma semana, pode ficar sem entender o que vem na próxima. Explique-lhe que é como uma novela ou série: sem um capítulo, é difícil entender toda a história. Acompanhe com cuidado esse ponto e verifique se o(a) jovem está seguindo a sequência proposta.
5. **Combine horários de estudo:** quando estamos em casa, é bem mais difícil organizar o tempo. O sofá e a TV estão logo ali. Para evitar que o(a) estudante não conclua as suas atividades, combine horários para começar e para terminar os estudos.
6. **Dê para aprender na internet:** muitos dos conteúdos serão disponibilizados on-line. Por isso, o(a) estudante precisará acessar plataformas digitais para chegar nos

conteúdos. Apoie-o(a), incentivando para que faça download dos materiais, crie pastas digitais para organização e sempre salve aquilo que desenvolver. Vale lembrar que, mesmo recebendo os roteiros digitais, ele poderá resolver as questões e responder as atividades em um caderno.

7. **Está tudo bem se você não souber responder todas as dúvidas dele(a):** caso ele(a) pergunte algo que você não saiba responder, proponha que pesquisem juntos a resposta. Além disso, lembre que haverá troca com os professores de maneira remota para lidar com esse tipo de situação.
8. **Estimule que ele veja um filme, leia um livro, ouça um programa de áudio:** um ótimo combinado é que ele(a) conecte o que aprendeu na semana com livros, filmes, músicas, programa de áudio. Isso o(a) ajuda a aprender melhor e a se animar com as lições. É também é assunto para o grupo do WhatsApp com os colegas. Lembra do combinado? Uma dica de filme e texto para os amigos?
9. **Estabeleça conexões com os assuntos que fazem parte da rotina e do projeto de vida dele(a):** os estudantes estão, em muitos casos, com a cabeça nos planos futuros. Então, que tal juntar essas ideias e projetos com o conteúdo do roteiro de Matemática, por exemplo? É bem possível indicar que o que ele aprende nesta matéria é essencial para calcular quanto dinheiro vai precisar juntar para fazer uma faculdade ou para conquistar algum objetivo.
10. **Algumas matérias são novas:** para quem acabou de chegar no 6º ano, a escola está cheia de novidades. No 1º ano do Ensino Médio, isso também acontece. Até o 9º ano, o componente curricular de Química ainda não existia, por exemplo. É importante dar atenção especial para estas novas disciplinas, pois o(a) estudante ainda está se acostumando com elas.
11. **Celebre as conquistas:** nos dias em que as metas forem cumpridas, comemore! Reconheça o bom trabalho dele(a).
12. **Valorize o esforço em aprender:** caso o(a) estudante tenha dificuldades em responder uma lista de exercícios de Matemática, por exemplo, é importante incentivá-lo(a) para que continue buscando resolver os problemas de diferentes maneiras.
13. **Mantenham-se próximos:** o acompanhamento dos estudos é um sinal de cuidado e preocupação. Demonstre para o(a) estudante que vocês estão juntos nessa e que ele(a) pode contar com você. Tente tomar estes momentos de estudo situações agradáveis de convívio.
14. **Acesse os canais de comunicação da escola:** muitos dos comunicados serão feitos por lá e é importante que você esteja por dentro tanto de datas e dos próximos passos na educação quanto sobre canais pelos quais as atividades e roteiros serão disponibilizados.

Para auxiliar você e o(a) estudante a combinarem uma rotina de estudos, gostaríamos de propor um exemplo de agenda de atividades. Você preencherá os quadros exatamente com as atividades indicadas pela escola.

	MANHÃ	TARDE	NOITE
SEG.	Tempo livre	Livro Didático de História ou Geografia ou Ciências (2 horas)	Leitura de contos ou crônicas
TER.	Caderno SP Faz Escola / da Cidade Matemática (2 horas)	Filme e criação de resenha (1h30)	Tempo livre
QUA.	Caderno SP Faz Escola / da Cidade Língua Portuguesa (2 horas)	Tempo livre e/ou jogo	Leitura de artigos de divulgação científica
QUI.	Tempo livre	Livro Didático de Matemática ou Língua Portuguesa (2 horas)	Leitura de letras de canções ou poesia
SEX.	Caderno SP Faz Escola / da Cidade Ciências (2 horas)	Auxiliar documental ou entrevistas e criação de resenha (2 horas)	Tempo livre

Obs: Você deve ter percebido que diferentes materiais aparecem na tabela de exemplo. Isso acontece porque os alunos da Rede Estadual de São Paulo trabalham com o Caderno SP Faz Escola e os da Rede Municipal de São Paulo com o Caderno da Cidade – Ensino Fundamental.

Agora é a sua vez! Familiares e estudantes, preencham o quadro a seguir:

	MANHÃ	TARDE	NOITE
SEG.			
TER.			
QUA.			
QUI.			
SEX.			

Srs. Responsáveis,

Antes de iniciar as tarefas, temos algumas sugestões para vocês:

Converse com a criança ou o jovem sobre os últimos acontecimentos, explicando que, por um período de tempo, ele irá estudar em casa. Eles ouvem uma porção de notícias e precisam da ajuda de alguém mais experiente para analisar o que ouvem, compreender e formar sua própria opinião.

Além disso, os estudantes precisarão do apoio dos responsáveis para organizar sua rotina de estudo e se adaptar a uma forma diferente de vivenciar as tarefas escolares. A carta de orientações às famílias traz indicações importantes e as complementamos a seguir, considerando o público-alvo da Educação Especial.

Ninguém conhece melhor a criança ou o jovem que vocês. Use da experiência do seu dia a dia quando for executar as tarefas escolares. Respeite o tempo e ritmo do estudante: não é preciso fazer todas as atividades no mesmo dia, tampouco uma na sequência da outra.

Divida entre os dias da semana as tarefas, seguindo a rotina diversificada que está indicada na carta de orientações, e caso o estudante demonstre cansaço, dê uma pausa e faça outras atividades mais relaxantes com ele!

As atividades podem ser realizadas com a ajuda de vocês, ao estudante cabe falar, apontar, desenhar e escrever (dentre outras formas) o que compreendeu da matéria estudada. Caso o estudante não consiga fazer o registro, você poderá fazê-lo no próprio material ou por meio de vídeos e fotos.

Lembre-se de que registrar não é fazer por ele. Queremos saber qual foi a resposta dada pelo estudante na atividade, o que, muitas vezes, não é a resposta correta. E tudo bem. O importante é conhecermos seu modo de pensar. Os familiares também podem problematizar e fazer com que as crianças e jovens compreendam os processos de resolução, para, aí sim, chegar à resposta correta.

Deixe que o estudante se expresse da forma que faz habitualmente, forçá-lo a fazer algo que não consegue, só irá acarretar frustrações.

Este caderno é para todos os nossos estudantes!

Dicas para realização das atividades!!!

Para leitura:

- Para estudantes com Cegueira ou Baixa Visão: além de fazer a leitura habitual, deixe o estudante tocar no livro, descreva o cenário apresentado em cada página (cores, formas, significado de um termo, dentre outros), procure na internet histórias que ele possa ouvir.
Se você conseguir abrir este material no computador, amplie usando o zoom.
- Para estudantes com Surdez: utilize imagens para ilustrar a história, LIBRAS, pequenos objetos e sinais, filmes ilustrativos sem fala ou com legenda.
- Para estudantes com Deficiência Intelectual: utilize materiais concretos, imagens, objetos, fantoches, dedoches, produza sons e filmes ilustrativos.
- Para estudante com Autismo: antecipe a atividade a ser realizada (com imagens, objetos concretos e outros), utilize imagens "limpas" que tenham apenas a figura do que se quer tratar.
- Para estudante com Altas Habilidades / Superdotação: não deixe que a quarentena embote o potencial da criança ou jovem com AH/SD, pois uma de suas características é o envolvimento com a área de seu interesse e a atração por atividades desafiadoras. Que tal instigá-lo(a) a ampliar e enriquecer seus conhecimentos? Você pode ajudá-lo(a) fazendo perguntas problematizadoras, para que ele(a) busque as respostas; deixe-o(a) curioso(a), faça até mesmo questionamentos que você não tenha a resposta. Mostre a ele(a) que existem muitas perguntas sem resposta, e sugira sites nacionais e internacionais para que ele(a) possa pesquisar, tais como de universidades, bibliotecas, museus, institutos (de artes, de música, de danças), laboratórios de qualquer área, clubes de esportes etc.

Para registro:

- Atue como escriba (pessoa que vai anotar as respostas apresentadas oralmente pelo estudante);
- Atue como leitor (pessoa que vai ler as comandas das atividades para o estudante);
- Deixe o estudante fazer seu registro da forma que se sinta mais à vontade, mesmo que não seja a forma convencional;
- Faça uso dos recursos de Tecnologia Assistiva: fixe folhas na mesa com fita adesiva, use lápis com engrossadores (manopla de bicicleta, EVA, fita adesiva enrolada etc.), utilize tablet, engrossador de voz, leitor, lupas, dentre outros;
- Registre, por meio de vídeo ou fotos, o desenvolvimento da atividade.

Para pesquisa:

Sugerimos alguns sites interessantes que podem auxiliar neste período:

- Brincadeiras: <https://www.tempojunto.com/2017/07/29/brincadeiras-que-ultrapassam-as-deficiencias-fisicas-de-todos-nos/>

- Brincadeiras para crianças com deficiência visual: <https://lunetas.com.br/13-dicas-para-brincar-com-criancas-com-deficiencia-visual/>
- Vídeos com audiodescrição: <http://www.bengalalegal.com/audio-e-video>
- Contos narrados em Libras: <http://www.abc.com.br/infantil/voce-sabia/2012/11/assista-os-contos-infantis-narrados-em-libras>
 - △ Conteúdos em Libras para todas as idades: <http://tvines.org.br/>
 - △ Livros acessíveis: <https://maisdiferencas.org.br/biblioteca/livros/>
 - △ Cadernos de Aprendizagem de Libras:
 - 1º ano: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/8901.pdf>
 - 2º ano: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/8904.pdf>
 - 3º ano: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/8908.pdf>
 - 4º ano: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/8912.pdf>
 - 5º ano: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/8912.pdf>
 - △ Programação acessível na TV aberta (Libras e audiodescrição): <https://tvcultura.com.br/>

Recursos de acessibilidade:

A área da tecnologia assistiva que se ocupa especificamente à ampliação das habilidades de comunicação é denominada de Comunicação Suplementar Alternativa. Destina-se às pessoas sem fala ou sem escrita funcional ou em defasagem entre sua necessidade comunicativa e sua habilidade de falar e/ou escrever.

Para estudantes que utilizam essa forma de comunicação, as imagens são importantes aliadas no processo de ensino e aprendizagem.

Sites indicados à pesquisa que podem colaborar com essa prática:

- △ Para estudantes Cegos, indicamos que os pais e responsáveis baixem o NVDA e o ORCA que são gratuitos: <http://cegosbrasil.net/downloads/download-do-nvda>
- △ Indicamos também o accessibility que se encontra no portal da SMPED. Ele possui recursos de acessibilidade: <https://www.essentialaccessibility.com/pt-br/download-app/>
- △ DosVox - <http://intervox.nce.ufrj.br/dosvox/>
- △ A lupa do Windows talvez seja o ampliador de tela mais acessível aos usuários, já que o recurso é nativo no Windows desde a versão 98
- △ MAGIC - O ampliador de tela MAGIC possui um sintetizador de voz, o mesmo do leitor de tela JAWS, que lê de forma objetiva o que está na tela. Uma espécie de ajuda auditiva para você não cansar muito os olhos.
- △ <https://www.assistiva.com.br/ca.html>
- △ <https://sites.google.com/a/nce.ufrj.br/prancha-facil/download>
- △ <https://apêpure.com/prancha-livre/br:tazmania.pranchalivre/download?from=versions>
- △ <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12681:portal-de-ajudas-técnicas>

Ciências Humanas

ATIVIDADE 1 – Um pouco da história das mulheres negras no Brasil e as relações de trabalho

TRILHA DE CONHECIMENTOS ▶ ▶ ▶

Nos séculos XVIII e XIX, muitos estrangeiros que estiveram no Brasil desenharam, fotografaram e escreveram sobre mulheres vendendo mercadorias nas ruas das cidades brasileiras. A documentação de viajantes indica que as mulheres negras, algumas vezes autorizadas pelas municipalidades, vendiam frutas, legumes, galinhas, pão, rendas francesas, hortaliças, peixe, doces, bolos, bebidas... E que a rua era também seu espaço de sociabilidade, de trocas e de confrontos. Importantes para a vida nas cidades, essas moças e senhoras negras tinham expressas em suas vestimentas, ornamentos e posturas – modo de carregar as crianças, cestos e balaios –, uma longa história de tradições culturais africanas.

VAMOS PRATICAR!

- a) Leia o documento e responda às perguntas:

“Em S. Paulo não são encontrados negros a percorrer as ruas, como no Rio de Janeiro, transportando mercadorias sobre a cabeça. Os legumes e as mercadorias de consumo imediato são vendidos por negras que se mantêm acocoradas na rua, que, por motivo de tal comércio, tomou o nome de rua da Quitanda.”

(“Em S. Paulo não são encontrados negros...”. (SAINT-ILAIRE, Auguste de. Viagem à Província de São Paulo - Resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai. São Paulo: Livraria Martins Fontes, s/d, p. 180-181. Disponível em: < <http://ia801407.us.archive.org/7/items/viagemprovinci00sainuoft/viagemprovinci00sainuoft.pdf>.)

Esse documento também fala sobre quitandeiras. Você sabe quem eram as quitandeiras? Como elas eram caracterizadas? Onde trabalhavam?

ATIVIDADE 2 – A resistência negra no regime escravista: Quilombos

TRILHA DE CONHECIMENTOS ▶▶▶

Durante muitos anos, no Brasil acreditou-se que o africano escravizado sofreu de maneira passiva todos os maus tratos praticados pelos senhores. Essa crença interferiu e interfere, ainda hoje, no imaginário da sociedade brasileira, a respeito de negros e negros brasileiros.

VAMOS PRATICAR!

- a) Leia o trecho a seguir e responda:

“Costuma-se pensar o quilombo como ‘refúgio de negros escravos fugitivos’. Apesar de terem se passado centenas de anos, essa ideia distorcida de quilombo ainda permanece entre nós. Insistir em tal conceito significa negar ou tornar invisível o verdadeiro sentido e história dos quilombos. (...) os quilombos brasileiros podem ser considerados como uma inspiração africana, reconstruída pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra forma de vida. (...) neste sentido, o quilombo não significa refúgio de escravos fugidos. Tratava-se de uma reunião fraterna e livre, com laços de solidariedade e convivência, resultante do esforço de negros escravizados de resgatar sua liberdade e dignidade por meio da fuga do cativeiro e da organização de uma sociedade livre. Os quilombolas eram homens e mulheres que se recusavam a viver sob o regime da escravidão e desenvolviam ações de luta e rebeldia contra esse sistema.”

(MUNANGA, K. Para entender o negro no Brasil hoje: história, realidades, problemas e caminhos. 2004)

Qual o papel que os quilombos tiveram na vida dos africanos escravizados durante o regime escravista no Brasil?

ATIVIDADE 3 – A resistência negra: O Quilombo de Palmares

TRILHA DE CONHECIMENTOS ▶ ▶ ▶

“No início eram poucas pessoas, mas o número foi crescendo até se tornar uma comunidade de 30 mil aquilombados, entre homens, mulheres e crianças. Os negros de Palmares estabeleceram o primeiro Estado livre da América.”

(MUNANGA, 2004)

VAMOS PRATICAR!

- a) Leia o texto e responda às perguntas.

O Quilombo de Palmares

O começo:

“No ano de 1595, quarenta escravos fugiram, à noite, de um engenho no sul de Pernambuco. (...) estavam armados de foice e caminharam vários dias, contornando lugares de difícil acesso até um lugar em que se sentiram seguros.”

Funcionamento:

“Na realidade, Palmares não era um único quilombo. Ele era constituído de vários quilombos, formando uma verdadeira fortaleza. (...) o número de casas e ruas podia variar de um quilombo para outro, mas todos possuíam uma Casa de Conselho, um templo, cisternas, oficinas. As ruas eram largas, longas e retas, à maneira africana. Palmares também possuía oficinas, forjas e olarias que produziam utensílios de metal, cerâmica e madeira (...) A sociedade se dividia de acordo com o trabalho. Existiam 4 classes: agricultores, artesãos, guerreiros e funcionários. O Português era o idioma mais comum em Palmares, talvez pela necessidade de agregar negros de várias culturas.” A sociedade e a economia do quilombo de Palmares representava uma ameaça ao governo colonial, afinal, nesse local, a terra e o resultado do trabalho coletivo pertenciam a todos e não a alguns ricos senhores de engenho.”

(MUNANGA, K. Para entender o negro no Brasil hoje: história, realidade, problemas e caminhos. 2004).

- b) A partir da leitura do texto, preencha o quadro descritivo desta experiência coletiva dos africanos e de seus descendentes em relação aos seguintes aspectos:

Como era	
População que reuniu	
Organização social	
Produção econômica	

ATIVIDADE 4 – Resistência indígena no período colonial

TRILHA DE CONHECIMENTOS ▶▶▶

Com a chegada definitiva dos portugueses em território brasileiro surgiu uma série de problemas para os indígenas brasileiros. Modos de vida tão distintos logo entraram em conflito. Os líderes dos Tupinambás logo perceberam que precisariam de reforços para resistir à “intrusão” dos portugueses na cultura indígena. Para isso criaram um Conselho com vários povos que deu origem à Confederação dos Tamoios. Vamos entender que movimento de resistência indígena foi esse?

VAMOS PRATICAR!

- a) Leia o texto a seguir:

A Confederação dos Tamoios foi uma luta pela liberdade e durou longos 12 anos (1554/55-1567). Reuniu diferentes grupos indígenas e uniu importantes chefes que marcaram a história do nascente Brasil. Seus feitos são pouco conhecidos – e reconhecidos –, mas foram eles que dignificaram aqueles primeiros anos de contato. Conforme lembrou Aylton Quintilliano em *A Guerra dos Tamoios* (Relume Dumará, 2003, p.19):

"Foram os Aimberê, Cunhambebe, Jagoanharo, Parabuçu, Rará, Coaquira e tantos outros guerreiros, autênticos percussores das grandes jornadas cívicas onde o sangue nativo foi derramado em defesa da terra e dos direitos do homem"

Que fique claro aqui, no entanto, que esse desfile de elogios aos Tamoios não é um tecido romântico. Antes, é um elogio à sagacidade indígena que vem provar que os "índios" não eram pacíficos ou facilmente domesticados pelos colonizadores. Ao contrário da imagem que foi sendo criada e recriada posteriormente, eles – tupis e tapuias – resistiram bravamente contra os desmandos colonialistas. Para tanto, basta lembrar que a primeira tentativa de estabelecer uma ação política no Brasil foi a criação das famosas capitâncias hereditárias. Com raras exceções, elas acabaram não funcionando por conta da resistência indígena. E as que deram certo e prosperaram – São Vicente e Pernambuco –, conseguiram tal proeza graças ao apoio de lideranças que fizeram acordos e alianças com os donatários.

Que fique claro, também, que havia os interesses dos indígenas em jogo. Os muitos povos que andavam por aqui eram guerreiros, formados para a guerra e gostavam muito de guerrear entre si. A guerra entre os grupos era, desde sempre, uma prática muito comum, e a chegada dos europeus – fossem portugueses, fossem franceses – acabou sendo mais uma oportunidade de guerrear contra inimigos. Os estrangeiros foram vistos como aliados importantes nessa "cruzada" indígena. Afinal, os nativos tinham muito interesse em poder contar com as armas de fogo desses estrangeiros para conseguir seu intento. Houve resistência permanente, portanto, contra os que eram considerados invasores do território. Houve também alianças para vencer inimigos comuns, além das trocas econômicas, e, enquanto os europeus foram úteis aos indígenas, as alianças prosperaram e deram excelentes resultados para ambos os lados. Tais alianças e acordos cessaram apenas quando os estrangeiros passaram a exigir um número absurdo de escravos indígenas para trabalhar nos canaviais. Os indígenas viram nisso um claro sinal de que os interesses de uns e de outros já estavam se mostrando opostos e enfraquecendo a organização social dos Tupinambás, os quais aceitavam a escravidão dos cativos em guerra, mas não que guerreiros fossem submetidos a um trabalho braçal, forçado, que não fizesse jus à sua condição de valentia e destreza na arte da guerra. Trabalhar no campo, na roça, nas lidas domésticas era, para os Tupinambás, função das mulheres, e eles não podiam admitir esse tipo de mudança social.

(São Paulo - SP: Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da cidade: povos indígenas: orientações pedagógicas. - São Paulo: SME / COPEI, 2019, p. 59-61).

Agora responda:

- b) Porque a Confederação dos Tamoios pode ser considerada como o primeiro movimento de resistência indígena no Brasil?

c) Quais eram os interesses indígenas em jogo durante o movimento de resistência indígena?

d) Você acha que hoje os indígenas estão organizados em movimentos de resistência e preservação de sua cultura? Por quê? Dê exemplos.

ATIVIDADE 5 – A “conquista” da América: visão dos nativos americanos (maias, incas e astecas)

TRILHA DE CONHECIMENTOS ▶ ▶ ▶

Como os nativos americanos reagiram à invasão dos conquistadores espanhóis? Que relações se estabeleceram entre espanhóis e nativos? A relação estabelecida foi benéfica para ambos os povos? Ou prejudicial para um dos lados?

VAMOS PRATICAR!

- e) Leia os trechos de relatos de nativos americanos com as impressões sobre a chegada dos espanhóis:

“Nos caminhos jazem flechas quebradas; os cabelos estão espalhados. Destelhadas estão as casas, incandescentes estão seus muros. Vermes abundam por ruas e praças. Vermelhas estão as águas, como se alguém as tivesse tingido. E se as bebíamos, eram água com gosto de sal. Golpeávamos os muros em nossa ansiedade. E nos restava por herança uma rede de buracos. Nos escudos esteve nosso resguardo. Mas os escudos não detêm a tristeza e o horror da destruição. Cada um de nós recebeu um preço. Preço do jovem, do sacerdote, do menino e da donzela: o preço de um pobre era só dois punhados de milho. Somente se expulsou do mercado o povo quando ali se colocou a catapulta.”

Texto adaptado de LEÓN-PORTILLA, Miguel. *A conquista da América Latina vista pelos índios. Relatos astecas, maias e incas*. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1987, pp. 41/42.

“(…) A reação dos americanos nativos diante da invasão espanhola variou consideravelmente: de ofertas de aliança a uma colaboração mais ou menos forçada, de uma resistência passiva a uma hostilidade permanente. No entanto, em toda parte, a chegada desses seres desconhecidos causou o mesmo espanto, não menos intenso do que o experimentado pelos próprios conquistadores: ambos os lados estavam descobrindo uma nova raça de homem de cuja existência jamais haviam suspeitado.”

Texto adaptado de: WACHTEL, Nathan. *OS ÍNDIOS E A CONQUISTA ESPANHOLA*. In: *História da América Latina – vol 1*, 2 ed. Edusp 2004.

- a) Analise a imagem:

A imagem a seguir retrata a conquista de Tenochtitlán (cidade Asteca) por Cortés em 1521, e representa o início do cerco que acabou por derrotar o Império Asteca:



- b) Os relatos lidos são dos povos astecas, maias e incas, os chamados povos pré-colombianos, que dominaram boa parte das Américas antes da chegada dos europeus ao continente, no século XVI. De acordo com o texto, os primeiros contatos foram positivos, de alguma forma, para os povos retratados? De todos os aspectos destacados nos textos, de destruição e perda, somente as perdas materiais foram importantes? O que mais foi perdido neste conflito, pelos maias, incas e astecas? A imagem mostra que foi um conflito armado: como os nativos reagem? E os europeus?

ATIVIDADE 6 – Escravidão no Brasil: as etnias dos africanos escravizados

TRILHA DE CONHECIMENTOS ▶ ▶ ▶

Você sabia que os negros africanos, trazidos para o Brasil como escravos, pertenciam a diferentes civilizações que nasceram e prosperaram na África? Vamos conhecer um pouco da história dessas civilizações?

VAMOS PRATICAR!

- a) Leia os trechos a seguir sobre os Estados Negros entre os séculos X e XVI:

Império de Gana:

Conhecido como o país do ouro. Autores árabes narravam que “o ouro crescia como cenouras e era arrancado ao nascer do solo, e que o rei prendia seu cavalo a uma enorme pepita na qual havia que mandar abrir para isso um buraco”. Graças às suas riquezas, o rei possuía um exército numeroso estimado em 200 mil guerreiros.

Império do Mali:

Durante dois séculos, o Mali foi o mais rico Estado da África ocidental. Possuía minas de ouro e tinha o controle de todas as linhas de transporte e comunicação em direção ao norte da África. Em visita ao Sultão do Egito, o governante da região distribuiu ouro em grande quantidade e foi precedido de milhares de súditos, vestindo roupagens elegantes.

Civilização Ioruba:

Desenvolveu-se a partir do século XI, no sudoeste da atual Nigéria. Era uma civilização caracterizada por dezenas de cidades/reinos, das quais muitas ultrapassavam os 20 mil habitantes. Constituíam grandes centros de artesanato com oleiros, tecelões, marceneiros, ferreiros etc. Paralelamente às atividades artísticas, artesanais e comerciais praticavam-se atividades agrícolas baseadas no plantio do inhame, da palmeira e outros produtos alimentares.

Reino do Congo:

O reino do Congo remonta ao fim do século XIV. A estrutura política era a aldeia; acima das aldeias vinham os distritos, que possuíam seus governadores que eram nomeados pelo rei e ficavam responsáveis por organizar as funções administrativas e judiciárias. A estrutura militar era simples: o rei dispunha de uma guarda permanente composta por soldados estrangeiros. O trabalho com o ferro era importante no Congo e os próprios reis e a nobreza em geral tinham orgulho de forjar suas ferramentas. Também forjavam o cobre e faziam anéis (...)

O Estado Zulu:

Localizava-se na região sudeste da África. Por todo o reino foram construídos arsenais: toda a população era especializada nas artes da guerra e das armas. Os jovens eram alistados aos 16 anos e recebiam uma formação militar durante 3 anos. As mulheres também tinham uma posição de destaque na concepção militar e participavam diretamente dos combates.

(Trechos adaptados de MUNANGA, K. Para entender o negro no Brasil hoje: história, realidades, problemas e caminhos. 2004)

b) Agora responda:

Refleta sobre quais as contribuições que as pessoas pertencentes a estas civilizações trouxeram para a nossa cultura ao serem deportados para o Brasil.

- c) Escolha uma pessoa que gostaria de conhecer estas informações ou para quem você acha que seria importante obtê-las. Pode ser um familiar, um colega que tem antepassados pertencentes a esta cultura ou ao continente africano, ou outra pessoa próxima. Organize uma mensagem com todas as informações sobre as civilizações estudadas nas linhas abaixo e depois poste em uma rede social ou envie por e-mail para a pessoa escolhida:

ATIVIDADE 7 – Renascimento: a pintura

TRILHA DE CONHECIMENTOS ▶▶▶

O período do Renascimento coincide com o da formação das monarquias europeias e da ascensão da burguesia, ou seja, de transição da Idade Média para a Idade Moderna. Nesse contexto, muitos nobres, tomaram-se mecenas, isto é, indivíduos providos de muito dinheiro para o financiamento das artes e de seus idealizadores. Os mecenas foram responsáveis pelo patrocínio de artistas notáveis, como: Leonardo da Vinci, Michelangelo e Rafael de Sanzio. Vamos conhecer um pouco das pinturas desta época.

VAMOS PRATICAR !

- a) Observe as imagens a seguir:

Benci Ginevra
Leonardo da Vinci



Retrato de uma jovem mulher
Botticelli



Mona Lisa
Leonardo da Vinci



Escola de Artes de Atenas
Raphael



Provérbios Neerlandeses
Pieter Bruegel

A Virgem e o Menino
Leonardo da Vinci



b) Agora leia o texto sobre as características da arte renascentista:

“ O pintor é amo e senhor de todas as coisas que podem passar pela cabeça do homem, porque se ele sente o desejo de contemplar belezas que o encantem, é dono de sua criação, e se quiser ver coisas monstruosas, que causem terror, ou que sejam feias, pode ser o dono e o criador delas. (...) Se gosta de criar lugares desertos, ambientes sombreados ou frescos em tempo de calor (...) se deseja contemplar o horizonte do mar, ele pode fazê-lo; se quer contemplar os altos montes a partir dos baixos vales, ou as praias. Tudo que está no universo, em sua essência ou na imaginação (...)”

(Da Vinci, Tratado de la pintura. IN: MARQUES, A. D.; BERUTTI, F. COSTA; FARIA, R.M. História Moderna através de textos. 7ed. -São Paulo. Contexto, 2001)

Agora responda:

c) A partir da leitura do texto do item B, responda quais são as características da Arte Renascentista que podem ser observadas nas obras do item A.

Material Plano de Estudo Tutorado (PET – MG)

SEMANA 1

UNIDADE(S) TEMÁTICA(S): O mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias.

OBJETO DE CONHECIMENTO: A construção da ideia de modernidade e seus impactos na concepção de História.

HABILIDADE(S):
(EF07HI01) Explicar o significado de “modernidade” e suas lógicas de inclusão e exclusão, com base em uma concepção europeia.

CONTEÚDOS RELACIONADOS:

- Feudalismo
- A crise do sistema feudal
- Fim da Idade Média.

INTERDISCIPLINARIDADE:

Arte

(EF69AR02P7) Pesquisar e descrever diferentes estilos visuais, contextualizando-os no tempo e no espaço e associando-os à cultura local.

Ensino Religioso

(EF07ER06X) Identificar princípios éticos e valores morais em diferentes tradições religiosas e filosofias de vida, discutindo como podem influenciar condutas pessoais e práticas sociais.

ATIVIDADES

Agora é hora de testar seus conhecimentos, lembre-se de que as pesquisas e consultas são permitidas e bem-vindas para que você realize com sucesso as atividades.

ATIVIDADE 1- Faça uma pesquisa em livros ou internet sobre o Feudalismo e responda as questões em seu caderno:

- a) Quais eram as principais atividades econômicas na época feudal?
- b) Quem exercia o poder na sociedade feudal?
- c) Qual era a importância da religião no período feudal?
- d) Quais as características do Feudalismo?

ATIVIDADE 2- O Feudalismo sofreu mudanças com o renascimento comercial e urbano. O crescimento das cidades contribuiu para a diminuição do poder dos senhores feudais, o que abalou o Feudalismo. Muitos servos fugiram para as cidades em busca de melhores condições de vida.

A cidade de Bruges, na Bélgica, foi fundada na Idade Média e até hoje, mantém sua forma original. Por essa razão, foi declarada pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), patrimônio histórico da Humanidade. No Brasil temos várias cidades consideradas patrimônio histórico como: Ouro Preto e Tiradentes em Minas Gerais, Paraty no Rio de Janeiro, Laguna em Santa Catarina, etc.

1- Escolha uma dessas cidades e conte a sua história.

2- Você pode visitar os seguintes sites para a sua pesquisa:

www.iplan.gov.br;

www.unesco.org/pt/brasil;

www.wikitravel.org/pt/patrimomiohumanidade.

SEMANA 2

UNIDADE(S) TEMÁTICA(S): O mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias.

OBJETO DE CONHECIMENTO: A ideia de “Novo Mundo” ante o Mundo Antigo: permanências e rupturas de saberes e práticas na emergência do mundo moderno.

HABILIDADE(S): (EF07HI02) Identificar conexões e interações entre as sociedades do Novo Mundo, da Europa, da África e da Ásia no contexto das navegações e indicar a complexidade e as interações que ocorrem nos Oceanos Atlântico, Índico e Pacífico.

CONTEÚDOS RELACIONADOS:

- Conceituar “modernidade”.
- Mercantilismo e sua relação com o processo de transição para a sociedade capitalista.
- Colonização e Mercantilismo.
- Constituição do Estado Nacional/Absolutismo.
- Características do Absolutismo.

INTERDISCIPLINARIDADE:

Arte

(EF69AR02P7) Pesquisar e descrever diferentes estilos visuais, contextualizando-os no tempo e no espaço e associando-os à cultura local.

Ensino Religioso

(EF07ER06X) Identificar princípios éticos e valores morais em diferentes tradições religiosas e filosofias de vida, discutindo como podem influenciar condutas pessoais e práticas sociais.

Modernidade: é um período de tempo que se caracteriza pela realidade social, cultural e econômica vigente no mundo.

Capitalismo: é o sistema de desenvolvimento econômico vivido na maioria dos países pelo mundo.

Burguesia: camada social que se dedicava ao comércio e ao artesanato.

Mercantilismo: Mercantilismo é o nome dado a um conjunto de práticas econômicas desenvolvido na Europa na Idade Moderna, entre o século XV e o final do século XVIII. O mercantilismo originou um conjunto de medidas econômicas diversas de acordo com os Estados. Caracterizou-se por uma forte intervenção do Estado na economia.

Absolutismo: foi uma forma de governo muito comum na Europa entre os séculos XVI e XIX e defendeu a teoria do poder absoluto do rei sobre toda a nação.

A Idade Moderna: entre os séculos XV e XVI ocorreram grandes mudanças na vida da sociedade europeia, atingindo diversos aspectos da experiência humana, como a política, a cultura, a religião, a economia, etc.

No campo político ocorreu o fortalecimento do poder dos reis, dando origem a novas formas de organização do governo.

Na cultura, as artes e o pensamento também passaram por profundas modificações, resgatando valores da Antiguidade.

A experiência religiosa foi profundamente marcada pelo surgimento de novas crenças e igrejas, provocando grandes conflitos.

A vida econômica também sofreu grandes transformações, especialmente através do grande desenvolvimento do comércio. Além disso, viajantes passaram a explorar os mares, chegando a novas terras e povos, antes desconhecidos pelos europeus.

PARA SABER MAIS – Assista ao vídeo “Formação Dos Estados Nacionais Absolutismo e Mercantilismo: Estado e Nação - Conceito e Definição” com duração de 9:45 minutos, disponível no endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=WCvaCn2P7j0> do canal Históriação.

ATIVIDADES

Agora é hora de testar seus conhecimentos, lembre-se de que as pesquisas e consultas são permitidas e bem-vindas para que você realize com sucesso as atividades.

ATIVIDADE 1- Agora você já sabe que as origens do Estado Moderno se encontram no final da Idade Média. Leia o texto abaixo, que apresenta uma explicação para o termo “Estado”. Depois observe a charge.

“Estado, entidade abstrata que comanda e organiza a vida em sociedade. [...] É bastante controverso tentarmos estabelecer uma definição geral para o Estado. Mas, podemos pelo menos definir algumas das funções do Estado nacional fixadas historicamente no Ocidente: cabe ao Estado o domínio da força e da repressão, a proteção do território e do povo, o estabelecimento da lei, a manutenção da infraestrutura da sociedade.” SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de conceitos históricos. São Paulo: Contexto, 2005. p.118.



a) De acordo com o texto, quais são as principais funções do Estado?

b) Segundo a Constituição Brasileira de 1988, todo brasileiro tem direito a moradia, condição necessária para ele se desenvolver como cidadão. Analise a charge acima que critica o descumprimento desse direito social.

c) O que você pensa sobre essa lei?

d) Você concorda com a ideia de que o Estado brasileiro deva garantir moradia a todos os cidadãos?

e) Você acredita que os Estados Nacionais que se formaram na Europa no final da Idade Média também tinham essa função social, voltada para a formação da cidadania?

f) Registre as suas opiniões no seu caderno de História para que o seu professor dialogue com você na volta das aulas.

ATIVIDADE 2- Depois de ter visto o vídeo "Formação Dos Estados Nacionais Absolutismo e Mercantilismo: Estado e Nação - Conceito e Definição" , agora observe as imagens e responda o que se pede:



**IDADE MODERNA
O ABSOLUTISMO**



- a) Quais são as características do Mercantilismo?
- b) Quais eram os objetivos do Mercantilismo?
- c) Como você descreveria o Absolutismo Monárquico?
- d) Agora pesquise e desenhe a pirâmide da sociedade na Idade Moderna.

SEMANA 3

UNIDADE(S) TEMÁTICA(S): O mundo moderno e a conexão entre sociedades africanas, americanas e europeias.

OBJETO DE CONHECIMENTO: A ideia de “Novo Mundo” ante o Mundo Antigo: permanências e rupturas de saberes e práticas na emergência do mundo moderno.

HABILIDADE(S): (EF07HI02) Identificar conexões e interações entre as sociedades do Novo Mundo, da Europa, da África e da Ásia no contexto das navegações e indicar a complexidade e as interações que ocorrem nos Oceanos Atlântico, Índico e Pacífico.

CONTEÚDOS RELACIONADOS:

- Conceituar “modernidade”.
- Mercantilismo e sua relação com o processo de transição para a sociedade capitalista.
- Colonização e Mercantilismo.
- Constituição do Estado Nacional/Absolutismo.
- Características do Absolutismo.

INTERDISCIPLINARIDADE:

Arte

(EF69AR02P7) Pesquisar e descrever diferentes estilos visuais, contextualizando-os no tempo e no espaço e associando-os à cultura local.

Ensino Religioso

(EF07ER06X) Identificar princípios éticos e valores morais em diferentes tradições religiosas e filosofias de vida, discutindo como podem influenciar condutas pessoais e práticas sociais.

ATIVIDADE 1- Faça uma pesquisa nos sites, www.historianet.com.br; www.brasilecola.com/historia; www.suapesquisa.com/historia; www.sohistoria.com.br; www.historiadobrasil.net, e depois preencha a tabela abaixo com os dados coletados na sua pesquisa.

Produtos importados pelo Brasil	Produtos exportados pelo Brasil	Países que vendem para o Brasil	Países que mais compram do Brasil
1.			
2.			
3.			
4.			
5.			
6.			
7.			
8.			
9.			
10.			

Atividade 2- Vamos aprofundar no conceito de Metalismo de Balança comercial favorável.O metalismo era uma teoria econômica que dizia que a riqueza de um país podia ser medida através da quantidade de metais preciosos (ouro e prata) possuídos.A balança comercial favorável: como desejavam ter sempre grandes reservas de ouro e prata, os países lutavam para que o saldo de suas importações (tudo o que compravam) fosse menor que o de suas exportações (tudo o que vendiam), isto é, vender mais do que comprar. Quando as exportações são maiores que as importações registra-se um superávit na balança, e quando as importações são maiores que as exportações registra-se um déficit.

1- Você acha que apenas as metais preciosos são importantes para a economia de um país?

2- Pesquise e registre que outros metais, além do ouro e da prata, são importantes para a indústria.

3- Com a ajuda de um dicionário, coloque os conceitos de:

Déficit:.....
.....
.....

Superávit:.....

Atividade 3- Posse das colônias

Para garantir a balança comercial favorável e os cofres cheios de ouro, nada melhor para os Estados Modernos dos séculos XVI e XVII que possuir colônias, ou seja, territórios em outros continentes sobre os quais essas nações exerciam autoridade.

Entre colônia (o território dominado) e a metrópole (a nação dominante), se estabelecia o pacto colonial. Por esse "pacto", a economia das colônias era regulamentada pela metrópole. No caso do Brasil, por exemplo, os habitantes eram proibidos de fabricar a partir das suas matérias-primas e eram obrigados a vendê-las exclusivamente para a metrópole e assim, comprar todos os bens manufaturados de que precisassem, obrigatoriamente trazidos pela metrópole.

O pacto colonial também incluía obediência política, ou seja, as leis na colônia eram as mesmas da metrópole.

Ao longo da Idade Moderna, a Coroa Portuguesa conquistou colônias em três continentes: África, Ásia e América.

Essas colônias sempre foram garantia de riquezas para a monarquia portuguesa, pois produziam mercadorias que eram vendidas na Europa por preços elevadíssimos.

Pesquise nos sites, www.historianet.com.br; www.brasilecola.com/historia; www.suapesquisa.com/historia; www.sohistoria.com.br; www.historiadorbrasil.net e preencha a tabela abaixo, assinalando quais eram os principais produtos de algumas das colônias portuguesas.

Colônia	Continente	Produtos
Angola	África	
Goa	Ásia	
Brasil	América	